



# Brigada de Intervenção

Revista da Brigada de Intervenção, Dezembro de 2010

Ano IV - Nº 5

**FORÇA BLINDADA DE RODAS**



## MARCA DE CONFIANÇA HÁ 9 ANOS CONSECUTIVOS.

A confiança não se agradece. Sente-se, partilha-se, conquista-se, retribui-se todos os dias e sobretudo bebe-se como mais se gosta: pura, curta, longa, com açúcar, em chávena quente ou fria. Bebe-se quando e com quem mais nos apetece, bebe-se com os amigos, em família e com o amor da nossa vida.

Há 9 anos que os portugueses sentem isto e a Delta retribui todos os dias.



A verdade do café

[www.delta-cafes.pt](http://www.delta-cafes.pt)



[Início](#) | [O Exército](#) | [Unidades](#) | [Missões no Exterior](#) | [Meios Operacionais](#) | [Formação](#) | [Recrutamento](#)



[www.exercito.pt](http://www.exercito.pt) | [info@mail.exercito.pt](mailto:info@mail.exercito.pt) | [brigintg9@mail.exercito.pt](mailto:brigintg9@mail.exercito.pt) | Tel.: 239 821 455

Para aceder ao sítio da Brigada de Intervenção (BrigInt) via Internet, visite o portal do Exército Português ([www.exercito.pt](http://www.exercito.pt)) e clique na ligação "Unidades" e de seguida clique na opção "Brigada de Intervenção".

Morada: Brigada de Intervenção - Aquartelamento de Santana, Rua Infantaria 23 3000-219 Coimbra



# Índice

## Ficha Técnica

### Director:

MGen José Carlos Filipe Antunes Calçada

### Redacção, projecto, estrutura & capa:

Cor Cav Jocelino Rodrigues

1Sarg Cav A. Fernandes

### Layout & grafismo:

1Sarg Cav Agostinho Fernandes

**Propriedade:** Brigada de Intervenção

**Publicação:** Semestral

**Distribuição:** Gratuita

**Impressão:** 1 000 exemplares

**Reprodução:** Tadinense A.G.

[www.tiptadinense.pt](http://www.tiptadinense.pt)

### Colaboradores:

*Dra Carla Marcelino*

*BrigGen Iain Harrison*

*LTC José Ramón Pérez Pérez*

*TCor Art Nogueira da Silva*

*TCor Inf João Godinho*

*TCor Inf Fernando Teixeira*

*TCor Art Mariano Alves*

*TCor Art Luis Monsanto*

*TCor Inf Joaquim Pereira*

*TCor Art José Conceição*

*TCor Mat Francisco Monteiro*

*TCor Eng Vale do Couto*

*TCor Art António Paradelo*

*TCor Cav Manuel Lapa*

*TCor Inf António Oliveira*

*TCor Mat Thó Monteiro*

*TCor Inf José Sá*

*Maj Inf José Marinho*

*Maj Art Rui Rodrigues*

*Maj Inf João Alves*

*Maj Eng Miguel Rodrigues*

*Maj Inf Sousa Rodrigues*

*Maj Inf Carlos Ferreira*

*Cap Cav Rui Moura*

*Cap Cav Bacelar de Melo*

*Cap Art Bruno Ladeiro*

*Cap Art PQ Pedro Amador*

*Cap Art Nuno Silva*

*Cap Cav Alberto Pinto*

*Tem Inf Daniel Gomes*

*Ten Art Tiago Páscoa*

*Alf Art Ricardo Rocha*

*Alf Art Pedro Melo*

*1Sar Cav Luís Barbosa*

*1ºCB Filipe Reigner*

*G3/BrigInt*

*G4/BrigInt*

*G9/BrigInt*

<i>Editorial</i>	Pág 05
<i>Cerimónias e efemérides</i>	Pág. 06 a 09
<i>BrigInt“Aproxima” Margens do Mondego</i>	Pág 10 a 16
<i>Forças Nacionais Destacadas</i>	Pág 17 a 28
<i>Momentos</i>	Pág 18 a 19
<i>OMLT – Um Pilar da Estratégia OTAN</i>	Pág 20 a 22
<i>5ª OMLT-G LL</i>	Pág 23 a 25
<i>5º ModAp, uma Experiência Conjunta</i>	Pág 26 a 28
<i>DRAGAO10 - BILAT TOLEDO II</i>	Pág 29 a 31
<i>Exercícios</i>	Pág 32 a 56
<i>Combinados</i>	Pág 32
<i>Conjuntos</i>	Pág 32 a 36
<i>Exército</i>	Pág 36 a 38
<i>Brigada</i>	Pág 39 a 42
<i>Apoio a Outras Brigadas</i>	Pág 42 a 43
<i>Encargos Operacionais</i>	Pág 44 a 46
<i>Aprontamento de Forças</i>	Pág 46 a 56
<i>Águila10</i>	Pág 46 a 49
<i>National Support Element (NSE)</i>	Pág 49
<i>BI/Battlegroup/ERF</i>	Pag 50 a 53
<i>A Participação de Portugal no ESP FwN BG</i>	Pág 54 a 56
<i>New Doctrinal HQ ARRC Echoes</i>	Pág 57 a 62
<i>Defesa Aérea na Cimeira da NATO</i>	Pág 63
<i>BI/BrigInt</i>	Pág 64 a 66
<i>GAC/BrigInt – da Génese à Actualidade</i>	Pág 67 a 68
<i>Curso OAP e Acção Humanitária</i>	Pág 69
<i>Soldado do Futuro</i>	Pág 70 a 71
<i>SITREP PANDUR</i>	Pág 72 a 74
<i>A Manutenção das VBR PANDUR II 8x8</i>	Pág 75 a 77
<i>Stryker M1128 MGS</i>	Pág 78 a 81
<i>SBCT Ensinaamentos - TO do Afeganistão</i>	Pág 82 a 83
<i>Filhos de um deus menor</i>	Pág 84 a 85
<i>Apoio à Protecção - Civil Plano VULCANO</i>	Pág 86 a 88
<i>Open de Golf Da BrigInt</i>	Pag 89 a 91
<i>Competições Desportivas Militares 2011</i>	Pág 92 a 93





A Cavalinho apoia a  
Brigada de Intervenção



**Cavalinho**

[www.cavalinho.com](http://www.cavalinho.com)

**BOLSAS \* ACESSÓRIOS DE MODA**



## Editorial

MGen José Carlos Filipe Antunes Calçada

Passados que foram mais de oito meses de exercício do comando da nossa Brigada quero, neste editorial, começar por expressar o enorme orgulho e a grata satisfação com que diariamente testemunho o elevado profissionalismo, dedicação, abnegação e espírito de missão de todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que servem a instituição militar e Portugal nesta Força Blindada de Rodas do Exército português.

No último número da revista referi que a conjuntura ao nível nacional e internacional não se apresentava fácil e que os desafios que se nos colocavam eram múltiplos. Dos então mencionados estou convicto que estamos a dar boa conta, nomeadamente:

- O aprontamento e a certificação nacional do Battlegroup e do Elemento de Apoio Nacional, no âmbito da União Europeia, estão concluídos.

- As Unidades da BrigInt continuaram a preparar os recursos humanos e as infra-estruturas para a recepção, operação, sustentação e manutenção das Viaturas Blindadas de rodas VBR PANDUR II 8X8 de forma sustentada. Neste âmbito foram concluídas diversas obras nas Unidades da Brigada e ministrados cursos de condutor, chefe de viatura e de manutenção.

- Em simultâneo aprontámos, projectámos e mantivemos Forças Nacionais Destacadas nos Teatros de Operações do Kosovo, Líbano e Afeganistão, decorrendo em paralelo a certificação internacional e a fase de stand by de uma Companhia de Engenharia para o Battlegroup espanhol no âmbito da União Europeia.

- Continuamos o processo da digitalização da Brigada, uma mais-valia para o futuro, que tem sido materializada em todos os actos do nosso dia a dia, agilizando processos e vencendo a tradicional burocracia do papel e da fotocópia.

- As Unidades da Brigada continuaram a desenvolver o trabalho continuado de manutenção/reparação e beneficiação de infra-estruturas, numa perspectiva de preparar o futuro, motivando, retendo e cativando os recursos humanos que materializam o elemento mais precioso do nosso Exército.

Como referi Portugal, a Europa e o mundo, enfrentam dificuldades de natureza financeira e económica, não estando as Forças Armadas isentas das inerentes consequências. Este facto impõe uma criteriosa gestão dos recursos disponíveis o que, aliado aos desafios e às obrigações que a nossa missão nos coloca impõe respostas prontas e qualificadas. Estou seguro que, alicerçados na nossa razão de ser, capacidades e no compromisso de todos para com o dever, será possível enfrentar e vencer as dificuldades, com serenidade, discernimento, firmeza e determinação, de forma a dar respostas oportunas e eficazes às missões e às tarefas que nos forem cometidas. É por isso legítimo e atinente que, certo da obrigatoriedade que partilhamos de praticar e defender os valores e a ética militar, olhemos para o futuro com um sentimento de inova-

ção, sabedoria, confiança, determinação, abertura de espírito e com a natural ousadia e irreverência que caracterizam a mais jovem Grande Unidade do Exército Português.

O ano que termina foi carregado de exigências, complexidades, dificuldades, mas igualmente com momentos de estímulo e reconhecimento pela satisfação do dever cumprido. No contexto de dificuldades e restrições e apesar das adversidades, creio que a Brigada tem cumprido de forma extraordinária a sua missão e executado proficientemente todas as tarefas de que foi incumbida, demonstrando surpreendente resiliência às dificuldades, notável capacidade de organização, inquebrantável motivação, forte coesão e espírito de disciplina, elevado brio e profissionalismo e arreigado sentido de missão. Todos temos a noção da grandeza do trabalho desenvolvido, da qualidade e quantidade do nosso desempenho e competência demonstrados ao longo do ano, contribuindo com as nossas acções para o prestígio e elevação da imagem da Brigada de Intervenção e do Exército.

A todos vós formulo votos para que possamos encontrar na nobreza, humanismo e alcance nacional da nossa missão, o conforto e o estímulo para vencer as dificuldades do dia a dia e manter acesa a chama da esperança de um futuro melhor para todos.

Para o futuro, conto com todos os Soldados da Brigada de Intervenção, para a sua afirmação plena a nível interno e externo, diariamente e à escala global, nas missões cometidas em território nacional e internacional, continuando a contribuir com o nosso esforço para a segurança e bem estar da nossa população, para a política externa do Estado e para a promoção da imagem e visibilidade do Exército, das Forças Armadas e de Portugal no Mundo.

Resta-me por fim, agradecer a todos aqueles que, de uma forma empenhada entusiástica e desinteressada, directa ou indirectamente, se disponibilizaram para colaborar na preparação deste número, quer na produção e apresentação de artigos e trabalhos para publicação, quer na montagem e fotocomposição, tendo-lhe dedicado uma considerável parte dos momentos destinados ao repouso e lazer, o Comando da Brigada manifesta o seu profundo apreço e merecido reconhecimento. Bem hajam!

Continuo a acreditar firmemente e a contar com a elevada motivação, espírito de corpo e grupo de todos quantos servem na Brigada, na certeza que podereis contar comigo, e que juntos honraremos os compromissos assumidos para com o Exército e Portugal, honrando o nome de Soldados de Portugal, que nos é tão caro, para que FAMA e LUSTRE, para todo o SEMPRE FIQUE.

MGen José Carlos Filipe Antunes Calçada  
Cmdt BrigInt



## CERIMÓNIAS E EFEMÉRIDES

### EXPOSIÇÃO DE SURREALISMO

Em conformidade com o protocolo estabelecido entre o Exército Português e a Fundação Bissaya Barreto, decorreu de 20Mai10 a 30Jun10, a *Internacional Exhibition 2010 Surrealism now*. A exposição, uma das maiores mostras de arte contemporânea com trabalhos de artistas oriundos de 31 países, realizou-se nas instalações da casa museu Bissaya Barreto e no A quartelamento de Sant'Anna.



### VISITA DO EXMO GEN CFT

A Brigada de Intervenção teve a honra de receber a visita do Exmo Comandante das Forças Terrestres (CFT), Tenente General Victor Manuel Amaral Vieira, no dia 21JUN10. O Tenente General CFT foi recebido com as respectivas honras militares, passou revista às Forças em Parada e recebeu os cumprimentos de "boas vindas" no Salão Nobre, onde estavam presentes o Comandante da Brigada, Major-General Antunes Calçada, os Comandantes dos Regimentos sob dependência hierárquica da BrigInt, o Chefe do Estado-Maior da Brigada, bem como outros Oficiais e Sargentos do Estado-Maior e Unidade de Apoio/BrigInt e uma representação de Praças e Civis.

Antes do almoço, o Tenente-General CFT assistiu a um *Briefing* conduzido pelo Comandante da BrigInt e efectuou uma visita a diversas áreas do



A quartelamento de Sant'Anna. No final da visita teve lugar a assinatura do Livro de Honra e oferta de lembrança.

### CONFERÊNCIA "A ESPIRITUALIDADE NA PREVENÇÃO E CURA DA DROGA"

Em 14JUL10 pelas 09H30 decorreu no auditório do A quartelamento de Sant'Anna a Conferên-



cia subordinada ao tema: A Espiritualidade na Prevenção e Cura da Droga. Nesta conferência, o Exmo. 2º Comandante da Brigada de Intervenção, Coronel Passos Gonçalves, elucidou os Oficiais, Sargentos, Praças e Civis do Comando e Unidade de Apoio da Brigada de Intervenção que estiveram presentes, sobre a relação das inteligências humanas (Intelectual, emocional e espiritual) com o mundo das drogas e a influência da espiritualidade como contributo efectivo para a renúncia a este flagelo.

### ACORDO DE COLABORAÇÃO - IEFP

Em 20JUL10 pelas 10H00, decorreu no Salão Nobre do Comando da Brigada de Intervenção, a assinatura do Acordo de Colaboração entre o Exército Português e o Instituto de Emprego e Formação Profissional, com vista a cedência de





instalações para uma Acção de Formação Modular de Cozinha.

O documento foi assinado pelo Exmo. MGEN Antunes Calçada, Cmdt da BrigInt, em representação do Exército e pelo Sr. Eng.º Pedro Miguel Martins Miguens Amaro, em representação do Instituto de Emprego e Formação Profissional.

## SEMINÁRIO LL STRYKER BRIGADE

Em 21SET10 decorreu no Auditório do Comando da Brigada de Intervenção em Coimbra, um seminário sobre Doutrinas/Lições Aprendidas da Brigada Stryker dos EUA. Foram intervenientes os LTC Stephen C. Marr e LTC Jeffrey W. French, que regressaram recentemente do Teatro de Operações do Afeganistão, após um empenhamento de cerca de um ano nas províncias de Helmand – Kandahar.

Este seminário contou com a presença do Exmo Tenente-General Comandante das Forças Terrestres, Vítor Manuel Amaral Vieira e do Major-General Adjunto do Comandante das Forças Terrestres Luís Manuel Martins Ribeiro, além de inúmeros militares de várias Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército, nomeadamente: Academia Militar, Instituto de Estudos Superiores Militares, Brigada Mecanizada, Brigada de Reacção



Rápida, Direcção de Doutrina/Comando de Instrução e Doutrina, assim como todas as Unidades Regimentais e Encargos Operacionais da Brigada de Intervenção (BrigInt).

O Seminário revelou-se de extrema importância pelos ensinamentos obtidos relacionados com o emprego de uma Força da tipologia semelhante à BrigInt, constituindo um efectivo contributo e incentivo na continuidade do desenvolvimento da doutrina de emprego da BrigInt com os seus meios Pandur, especialmente na condução de Operações de Resposta a Crises (CRO).

## TOMADA DE POSSE DO 2º CMDT

Tomou posse em 29SET10, como 2º Comandante da Brigada de Intervenção, o Coronel Tirocinado de Artilharia RUI MANUEL CARLOS CLERO.

Da sua carreira profissional destaca-se o desempenho das seguintes funções: Professor no Instituto de Estudos Superiores Militares; Representante Nacional de vários Grupos de Trabalho relacionados com a Política Europeia de Segurança e Defesa; Presidente do Grupo de Trabalho de Desenvolvimento e Capacidades no âmbito da Presidência Portuguesa da União Europeia; Assessor de Relações Externas de Defesa do Ministro da Defesa Nacional; e Comandante do Regimento de Artilharia Nº 5 em Vila Nova de Gaia.

A Cerimónia de tomada de Posse, presidida pelo Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção Major-General Antunes Calçada, realizou-se no Comando da Brigada de Intervenção no Aquartelamento de Sant'Anna em Coimbra.

Estiveram presentes na cerimónia, os militares e civis do Comando e Unidade de Apoio, assim como, os Comandantes e respectivos Adjuntos de todos os Regimentos da Brigada de Intervenção.



## PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO - CÍRCULO DE CULTURA PORTUGUESA

Em 30SET10 pelas 15H00, decorreu no Salão Nobre do Comando da Brigada de Intervenção, a assinatura do Protocolo de Colaboração entre o Exército Português e o Circulo de Cultura Portuguesa, com vista a cedência para utilização de instalações do ex-Museu Militar de Coimbra.

O presente Protocolo permite dar continuidade à intenção do Comando da Brigada de Intervenção em manter um relacionamento próximo com as instituições da sociedade civil produtoras de conteúdos culturais e em promover parcerias que con-





tribuem para o desenvolvimento cultural da sociedade. O documento foi assinado pelo Exmo MGEN Antunes Calçada, Cmt da BrigInt, em representação do Exército e pelos Sr. Armando José de Carvalho Rodrigues Pereira e Sr Deolindo Leal Pessoa, em representação do Círculo de Cultura Portuguesa.

## PATRONO DO EXÉRCITO



Integrada nas Comemorações do Dia do Exército, realizou-se em 22OUT10 na Igreja de Santa Cruz em Coimbra, a Cerimónia de Evocação e Homenagem ao Patrono do Exército.

A Cerimónia constou da colocação da Espada e deposição de Coroa de Flores no Túmulo de D. Afonso Henriques, seguida de Missa Eucarística celebrada por S. Exa Reverendíssima Bispo das Forças Armadas e Segurança, D. Januário Torgal Ferreira.



A esta singela Cerimónia, mas de grande significado, presidida por S. Exa o Chefe do Estado Maior do Exército, General José Luís Pinto Ramalho, associaram-se também ilustres entidades civis, militares e eclesíásticas, que mais uma vez, demonstraram a ligação e o carinho que nutrem pelo Exército e pelo País.

## REUNIÃO DO MAGNUM CONÇELHO

Em 29OUT10, pelas 13H00, decorreu na Sala dos Espelhos do Aquartelamento de Sant'Anna, o almoço do "Magnum Conselho". Este foi o primeiro almoço presidido pelo Exmo MGEN Antunes Calçada como Cmt da BrigInt. Marcaram presença as seguintes personalidades ilustres da Cidade de Coimbra:

Dr. Juiz António Joaquim Piçarra, Presidente do Tribunal de Relação de Coimbra; Dr. Braga Temido, Procurador-Geral Distrital; Prof. Doutor Rui Alarcão,

Reitor Honorário da Universidade de Coimbra; Prof. Doutor Fernando Seabra Santos, Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra; Dr. Fernando Regateiro, Presidente do Conselho de Administração dos



HUC; Dr. Rui Almeida, Director Nacional Adjunto da Policia Judiciária; Dr.<sup>a</sup> Margarida Basto, Directora Regional do Centro da ASAE; Dr.<sup>a</sup> Cristina Gatões, Directora do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras/Coimbra; TCor António Marques Santos Cardoso, Comandante Territorial Coimbra da GNR; Dr. Lemos da Silva, Director do Estabelecimento Prisional de Coimbra.

## DIA DE FINADOS

Decorreram em 02Nov10 as cerimónias do Dia de Finados. O evento teve início com uma missa na Capela do Comando da Brigada de Intervenção pelas 11h15, após o que, no cemitério da Conchada, decorreu o acto de Evocação e Homenagem aos Militares Fiéis Defuntos,

com deposição de coroa de flores no T a l h ã o dos Combatentes, pelo Exmo M G E N

Cmt da BrigInt MGEN Antunes Calçada.



## PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO

Numa iniciativa conjunta do Comando da Brigada de Intervenção e do Centro de Direitos Humanos do Instituto *Ius Gentium Conimbrigae*, da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, decorreu no Comando da BrigInt, de 6 a 27 de Novembro, um curso sobre *Operações de Paz e Acção Humanitária*.

Os objectivos do curso consubstanciaram-se na preparação de civis e de militares interessados em Operações de Paz e em Acções Humanitárias, familiarizando-os com estes contextos, na pro-





moção da interacção entre os vários actores presentes em Zonas/Regiões sujeitas a esta tipologia de operações e a aquisição de competências teórico-práticas que facilitem a compreensão das diver-



sas dinâmicas inerentes às Operações de Paz e à Acção Humanitária.

Em 06NOV10, foi assinando um Protocolo de colaboração entre o Exército Português, através da Brigada de Intervenção, e o *Ius Gentium Conimbrigae*/Centro de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. A assinatura do protocolo, realizada pelo Major General Antunes Calçada e pelo Professor Doutor Vital Moreira, tendo sido testemunhada pelos 40 auditores que frequentaram o curso.

## ARMISTÍCIO

Integrando as Comemorações do Dia do Armistício, o Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes em coordenação com a Brigada de Intervenção, realizou no dia 11 de Novembro de 2010, as Comemorações do 92º Aniversário do Armistício da Grande Guerra 1914-1918, das quais constaram uma Celebração Eucarística na Igreja da Graça e uma Cerimónia de Homenagem aos mortos, no



monumento aos mortos da Grande Guerra na Av. Sá da Bandeira em Coimbra.

Estes singelos actos, revestiram-se de grande significado no sentido de homenagear todos os militares que no cumprimento do dever tombaram no campo da honra e da glória ao serviço de Portugal.

Demonstrando o relevo dado pelas edilidades de Coimbra a estas homenagens, testemunhada pelo

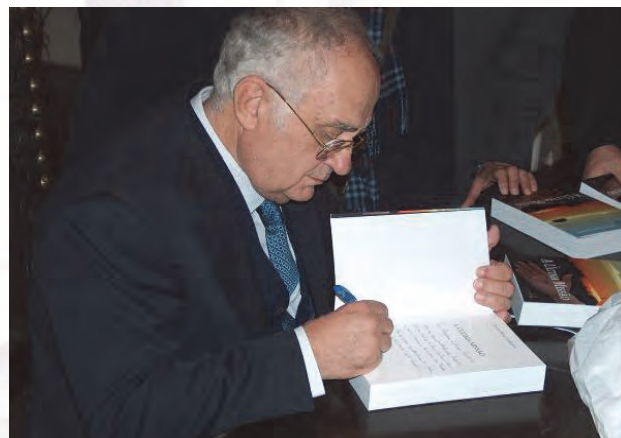
acto de deposição de Coroas de Flores, estiveram presentes, o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, representante do Governo Civil de Coimbra, Exmo. Major General Comandante da Brigada de Intervenção, Secretário-Geral da Liga dos Combatentes, Presidente do Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes, representante da Associação de Pára-Quedistas, representante da Associação de Comandos, Comandante do Comando Territorial da GNR de Coimbra, Comandante dos Bombeiros Sapadores de Coimbra e Comandante da PSP de Coimbra.

## “A ÚLTIMA MISSÃO”

Realizou-se no dia 14 de Dezembro de 2010 no Auditório do Comando da Brigada de Intervenção, a apresentação pelo Sr. Professor Doutor António Barbosa de Melo, da obra “A Última Missão”, da autoria do Coronel José Alberto Moura Calheiros.

O Coronel Moura Calheiros nasceu em 1936 e frequentou o Curso de Infantaria da Academia Militar entre 1954 e 1957, sendo admitido nas Tropas Pára-quedistas em 1959, onde serviu toda a sua vida militar, da qual se destaca o cumprimento de três Comissões de Serviço no Ultramar.

A obra “A ÚLTIMA MISSÃO” descreve-nos as sensações e os sentimentos dos combatentes nas diversas fases dos combates e nas pausas de guerra. É um livro de sentimentos, os dos soldados



e os dos comandantes, estes nas suas angústias, dúvidas e responsabilidades, enquanto chefes e homens”.

Associaram-se ao evento diversas entidades, das quais se destacam o Coronel Tirocinado Rui Clero, 2º Comandante da Brigada de Intervenção, a Professora Doutora Eugénia Cunha, coordenadora da Equipa Técnica da Missão de Resgate, cumprida pela Liga dos Combatentes e pela União Portuguesa de Pára-quedistas em Guindasse, na República da Guiné-Bissau e o Dr. António Carlos de Azeredo, da Editora Caminhos Romanos.

G9/BrigInt



## BRIGADA DE INTERVENÇÃO “APROXIMA” MARGENS DO MONDEGO

A Brigada de Intervenção comemorou, em 1 de Junho, o quarto ano de existência, assinalando a data em que, decorrente da transformação do Exército, passou de Brigada Ligeira de Intervenção a Brigada de Intervenção (BrigInt).

dades do meio civil, particularmente de Coimbra e de toda a Região Centro, estiveram envolvidas nos eventos levados a cabo no período de 26 de Maio a 5 de Junho. De seguida, e para memória futura, damos conta das actividades mais significativas.



Fazendo jus às mais nobres tradições da Instituição Castrense, a data festiva do aniversário da BrigInt foi assinalada por um vasto programa de iniciativas de cariz militar, cultural, desportivo e recreativo, centrado na Cidade de Coimbra, onde a Brigada tem implantado o seu Comando, no Aquecimento de Sant'Anna.

A função e significado das comemorações do Dia da BrigInt, que assinala uma breve mas profícua existência, materializa a vontade expressa do seu Comando e dos que nesta Grande Unidade do Exército prestam serviço, de evocar uma memória colectiva próxima dos factos e dos feitos com que se tem afirmado e consolidado a sua existência, na transposição daquilo que é a sua missão para o plano das acções (mormente na dimensão operacional), mas igualmente com o assinalar de efemérides e rituais que lhe conferem sentido e razão de ser, gerando vínculos de identidade própria catalisadores do espírito de corpo e coesão que lhe são intrínsecos.

As comemorações do Dia da BrigInt decorreram segundo os padrões da dignidade, simplicidade e eficiência, características que são timbre da instituição castrense, mas também com a necessária ousadia e inovação que caracteriza as instituições abertas à sociedade civil. Diversas enti-

O V Encontro de Artes decorreu no Comando da BrigInt, no dia 29 de Maio. Esta iniciativa tem trazido, anualmente, ao Quartel-General da BrigInt, alguns dos mais conceituados artistas da Região Centro, a par de nomes menos conhecidos, que no espaço austero dos claustros dão largas à sua criatividade artística, sobretudo no domínio da pintura. O reencontro constitui um momento privilegiado de diálogo entre estilos, técnicas e tendências diversas, cujo produto final é exposto, inicialmente ao olhar crítico de civis e militares nos claustros do Convento de Sant'Anna, e posteriormente, de for-





ma permanente, nos corredores, gabinetes e salas nobres do Aquartelamento, conferindo-lhes as marcas de um requintado gosto estético, denotador do diálogo entre a cultura castrense e a cultura artística, no Comando da Brigada. A música esteve presente ao longo desta jornada com a actuação de um grupo de fados da região.

Concomitantemente com o encontro de Artes, realizou-se, nos claustros do quartel de Sant'Ana, uma mostra gastronómica, em que os sabores típicos da gastronomia nacional estiveram presentes com o apoio das Unidades territoriais da Brigada, da edilidade de Celorico da Beira e de pastelarias e restaurantes da região.

No sentido de promover a divulgação da BrigInt e do Exército junto do público, especialmente do mais jovem, o Comando da Brigada e os seus Regimentos mais uma vez inovaram e desenvolveram um vasto leque de actividades, entre 26 de Maio e 2 de Junho, no Parque Verde do Mondego, no Pavilhão Centro de Portugal e na Praça da Canção, das quais damos nota das mais significativas por ordem cronológica.

A conferência de Imprensa constituiu o ponto de partida para todas as actividades levadas a cabo pela BrigInt no âmbito das comemorações do seu quarto aniversário. De uma forma sucinta foi apresentado aos Órgãos de Comunicação Social, em 26Mai09, no "Posto de Comando" da BrigInt, implantado no Parque Verde do Mondego, pelo 2º Comandante da Brigada e pelo Oficial de Relações Públicas, o programa de actividades planeadas.

O 2º Comandante da BrigInt referiu: "Este ano, vamos centrar as actividades no Parque Verde do Mondego. Vamos ter em exposição um exemplar de todo o tipo de material que utilizamos no dia-a-dia, incluindo as novas viaturas Pandur II. Se as pessoas não souberem que existimos não nos procuram e este é um local privilegiado para divulgarmos as nossas actividades".

A Exposição estática de material decorreu no Parque Verde do Mondego, incluindo viaturas e equipamento em uso no Exército Português, nomeadamente em Forças Nacionais Destacadas (FND), bem como uma torre multiusos, que permitiu aos visitantes praticar *slide* e *rappel*, duas





modalidades que constituíram o gáudio dos mais jovens mas também dos mais crescidos. Esta mostra de materiais contou com o apoio do Centro de Recrutamento de Coimbra.

Atestando o carácter eminentemente expedicionário da BrigInt, a exposição Estática das FND aprontadas pela Brigada, montada no Pavilhão Centro de Portugal, constituiu uma mostra do acervo histórico e heráldico das Forças Nacionais Destacadas pela BrigInt. Ali pudemos ter contacto com os Estandartes Heráldicos, painéis fotográficos, Livros de Honra entre outros materiais.

Como instituição aberta, a BrigInt interage em permanência com a sociedade e, assim, desen-

*Porto; banda que alia o virtuosismo instrumental dos seus elementos à excelência das composições, arranjos e interpretações intemporais. Estes dois eventos foram muito concorridos pela população da região e contaram com a presença de personalidades ilustres do meio civil e militar.*

Por último o lançamento do livro “De Coimbra para o Mundo” das Forças Nacionais Destacadas pela Brigada desde 2006 até à actualidade, no auditório da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, pelo Major General José Carlos Filipe Antunes Calçada, Comandante da BrigInt. O Lançamento foi precedido de duas palestras: “As Forças Armadas como Instrumento da Política



volve intensa actividade de Cooperação Civil e Militar, na procura de parcerias e sinergias que a tornem mais forte e competitiva, nos vários ramos do conhecimento militar e civil, ciente da importância da valorização pessoal e profissional dos seus quadros, que assume. Neste âmbito inserem-se três das grandes actividades desenvolvidas, nomeadamente: A actuação da *Reprise da Escola de Mafra no Parque Verde do Mondego, em 30 de Maio pelas 21:30 horas seguida de um concerto, no Pavilhão Centro de Portugal, pela Banda Militar do*



*Externa do Estado” e “Previsibilidade de Emprego de Forças Nacionais Destacadas face às crises emergentes” proferidas respectivamente pelo Exmo. Sr. Prof Doutor José Manuel Pureza e pelo Tenente General (R) Garcia Leandro.*

O II Open de Golfe da BrigInt foi organizado em parceria com o Regimento de Engenharia N.º3 e Regimento de Infantaria N.º 14, os quais foram responsáveis pela organização do IV e II torneio de Golfe nos campos de golfe *Oporto*, em Espinho, e *Montebelo*, em Viseu, nos dia 4 e 5 de Junho, respectivamente. Do somatório das pontuações dos dois eventos se obteve a classificação final do II Open de golfe da Brigada de Intervenção.

O evento, nesta sua segunda edição, contou com a participação de 57 golfistas, civis e militares, na prova de Espinho e 41 na prova de Viseu, deixando prever, pelo êxito alcançado, a continuidade no futuro.

Como corolário das actividades desenvolvidas a propósito das comemorações do 4.º aniversário da Brigada de Intervenção, e momento mais alto das cerimónias, realizou-se uma imponente parada militar, que contou com mais de 1200 efecti-



vos oriundos das Unidades aprontadoras dos seus encargos operacionais. As armas ganharam vulto na emblemática Praça da Canção “aproximando”, com esta actividade, as duas margens do Mondego, na manhã de 1 de Junho.

A cerimónia foi presidida pelo VCEME, Tenente-General Mário de Oliveira Cardoso, tendo marcado igualmente presença o Comandante Operacional do Exército, Tenente-General Amaral Vieira, entre outras altas entidades civis e militares.

*que hoje guardam o seu estandarte, os que aqui servem devotamente o País que todos amamos.*

A tónica do seu discurso foi colocada nos feitos do passado, e nos desafios do presente e do futuro.

Discorrendo sobre as principais actividades do último ano “(...) a Brigada consolidou a formação e treino centrados para o combate, com vários exercícios de aprontamento de forças, combinados, conjuntos, sectoriais e dos seus Encargos Operacionais, culminando o ano de 2009 com um extraor-



As forças em parada, comandadas pelo Coronel de Infantaria Paraquedista Passos Gonçalves, 2º Comandante da BrigInt, eram constituídas por militares do RI13 (1BI), RI14 (2BI), RI 19 (BApSvc), RC 6 (GAM e ERec), RA 5 (GAC), RE 3 (CEng), RAAA1 (BAAA), CTm/BrigInt e CCS/BrigInt. Após a prestação das honras regulamentares à Alta Entidade que presidiu à cerimónia, foi passada revista montada às forças, seguindo-se-lhe a integração do Estandarte Nacional e a homenagem aos Mortos.

O Comandante da BrigInt, Major-General José Carlos Filipe Antunes Calçada, tomou então a palavra, numa alocução alusiva à efeméride. Começando por render homenagem aos seus “(...) antecessores e aos Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que aqui servem Portugal e que contribuíram com o seu empenho e dedicação para a edificação desta Força Blindada de Rodas. Referindo que (...) o passado virtuoso da Brigada, obra de todos os que ao longo dos tempos por aqui passaram, não pode deixar de orgulhar os

*dinário desafio, uma Avaliação de Prontidão para o Combate (Combat Readiness Evaluation [CREVAL]) ao seu Comando e EM e Companhia de Comando e Serviços que, a fazer fé nas palavras da equipa de avaliação, foi vencido tendo-se, deste modo, dado um passo essencial para a futura certificação do Comando da Brigada a nível NATO.”*

Passando em revistas as FND's aprontadas pela Brigada, o Major-General Calçada referiu que a Brigada “(...) aprontou, projectou, manteve ou mantém Forças Nacionais Destacadas (FND) em 3 Teatros de Operações (TO): O 1ºBI/BrigInt/KFOR no Kosovo, a UNENG7/BrigInt/UNIFIL no Líbano, a 3ª, 4ª e 5ª OMLT de Guarnição e os 3º, 4º e 5º Módulos de Apoio no Afeganistão; conduziu ainda a sua actividade territorial e operacional anual normal e em simultâneo aprontou uma Companhia de Engenharia para o Battlegroup Espanhol, no âmbito da União Europeia.”

Fazendo a ponte para o presente e futuro referiu que “(...) a conjuntura ao nível nacional e internacional não se apresenta fácil e os desafios



que se (...) colocam à Brigada são múltiplos. Não posso deixar de mencionar alguns deles pela sua importância:

- Em primeiro lugar o aprontamento, certificação nacional, internacional e período de prontidão (stand by), de um Battlegroup tendo por base um Batalhão de Infantaria e um Elemento de Apoio Nacional (Nation Support Element (NSE)), no período de Julho de 2010 a Dezembro de 2011, no âmbito da União Europeia que, sendo uma missão cometida à Brigada, não deixará de empenhar recursos de praticamente todas as Unidades do Exército;
- Em segundo lugar, a necessidade das nossas Unidades continuarem a preparar os recursos humanos e as infra-estruturas para a recepção, operação, sustentação e manutenção das Viaturas Blindadas de Rodas PANDUR II 8X8. (...) As alterações que daí resultarão, no que diz respeito ao treino, quer ao nível individual quer colectivo, à criação de uma escola e cultura de blindados de rodas e a elaboração de manuais técnicos e publicações de apoio, devem constituir objectivos permanentes, transversais à Brigada e ao próprio Exército, aos quais deverá ser atribuída atenção redobrada e uma elevada prioridade;
- Em terceiro lugar e simultaneamente, continuar a aprontar, certificar, projectar e sustentar FND nos TO do Kosovo, Líbano e Afeganistão;
- Em quarto lugar e cientes do carácter dinâmico da evolução tecnológica e da importância da simulação no contexto do Exército, encaramos a continuação da digitalização da Brigada como

uma mais-valia para o futuro, que deve ser materializada em todos os actos do nosso dia a dia;

- Por último, mas não menos importante, a necessidade das Unidades da Brigada continuarem a desenvolver o trabalho continuado de manutenção, reparação e beneficiação de infra-estruturas, numa perspectiva de preparar o futuro, motivando, retendo e cativando os recursos humanos que materializam o elemento mais precioso do nosso Exército.”

Para vencer estes desafios o Comandante da Brigada disse que contava “(...) com o empenho, a motivação, a grande dedicação, a excelente preparação técnica e tática dos quadros e a inabalável vontade de todos quantos servem na Brigada (...)” Continuando na mesma tónica e de forma arrebatada aproveitou para “(...) tornar público, dirigindo-se em especial aos Homens e Mulheres que nela servem, que é para mim uma enorme honra e uma fonte inesgotável de orgulho e motivação comandar a Brigada de Intervenção, constituída por Unidades com um historial de afirmação do cumprimento do dever muito acima da média.

Para o futuro, conto com todos os Soldados da Brigada de Intervenção, para a sua afirmação plena a nível interno e externo, diariamente e à escala global, nas missões cometidas em território nacional e nas desempenhadas nos diversos Teatros de Operações espalhados pelos vários continentes, continuando a contribuir com o nosso esforço para a segurança e bem estar da nossa população, para a política externa do Estado e para a pro-





*moção da imagem e visibilidade do Exército, das Forças Armadas e de Portugal no Mundo.”*

O Comandante da Brigada conclui, dirigindo-se ao Tenente-General VCEME e aos convidados, afirmando que o Exército não está isento das dificuldades que o País atravessa contudo, “(...) a história ensina-nos (...) que é nas dificuldades que a ténpera dos homens e das Nações se mede. Não tenho dúvidas que os exemplos do nosso passado histórico e a ténpera dos Militares e Civis da Brigada de Intervenção, fiéis herdeiros daqueles que ao longos dos tempos, apesar das circuns-

*damente para a consecução dos objectivos do Exército.”*

*Referindo as capacidades “(...) A Brigada de Intervenção materializa a capacidade de intervenção do Sistema de Forças do Exército, cujas forças com grande poder de fogo e mobilidade, equipadas com as modernas viaturas blindadas de rodas, da família PANDUR II, garantem uma resposta oportuna e eficaz para actuar nas mais diversas situações e cenários da nova conflitualidade.*

*Falando “(...) da exigente missão cometida a esta Grande Unidade do Exército, é amplamente*



*tâncias difíceis e adversas, souberam lutar e vencer, os fará suplantar todos os obstáculos que se atravessarem no seu caminho e vencer os desafios do presente e do futuro.*

*Permitam-me que ao terminar me dirija aos Soldados da Brigada de Intervenção, ao número dos quais me orgulho de pertencer. Um grande português dizia que esta pátria, a nossa pátria, é obra de Soldados. Sou dos que comunga dessa opinião. Ser Soldado é muito mais que ser militar. Ser soldado é servir e viver Portugal e o Exército, a Brigada e a Unidade a que se pertence de alma e coração, com uma entrega diária total e permanente. Eu assim farei. Espero o mesmo de todos vós. Para que um dia as gerações vindouras se possam orgulhar do quanto hoje vocês fazem, para que de todos vós: “A Fama Ilustre Fique”.*

De seguida foi lida a Mensagem de S.Exa o General CEME, dirigindo-se aos militares da BrigInt e do Exército em geral, a propósito do Dia da Brigada: “ (...) O Comandante do Exército associa-se às comemorações de mais um dia festivo desta Grande Unidade, prestando justa homenagem a todos os que servem o Exército, nesta prestigiada Brigada, que pela sua competência, dedicação, determinação e espírito de sacrifício, contribuem abnega-

*reconhecido o desempenho proficiente de todas as tarefas que lhe foram incumbidas, com especial acuidade a execução da primeira fase da certificação deste Comando de Brigada, mercê de uma notável capacidade de organização, elevada motivação, forte coesão e disciplina, grande brio e profissionalismo e arreigado sentido de missão, prestando deste modo, um importante serviço em prol da dignificação e do reforço da imagem do Exército, no seio da comunidade onde a Brigada de Intervenção se insere.”*

Realçou de seguida duas das principais características que distinguem a Brigada: “(...) a capacidade de dispersar para ‘viver’ em harmonia com as autarquias; e a capacidade de se fazer concentrar para treinar e combater. Neste sentido, a peculiaridade territorial da Brigada, em que o factor dispersão, associado à proximidade das populações, constitui uma mais-valia, dado que permite ter os encargos operacionais inseridos em estruturas regimentais; contribui para uma visibilidade permanente do Exército; dispõe de maior capacidade em acções de apoio em outras missões de interesse público; reforça as relações com as autoridades civis e potencia a capacidade de recrutamento.



Por outro lado, quando se concentra tendo em vista a sua preparação, treino e emprego das suas forças, fá-lo alicerçado no ambiente operacional vivido nos exigentes Teatros de Operações do Afeganistão e do Iraque, caracterizados pela complexidade e assimetria das operações e onde as forças militares são chamadas a desenvolver uma vasta gama de tarefas para além das clássicas operações de combate.

Consciente desta realidade, o Exército (...) pugnará pela melhoria, das condições de Formação e Treino, nomeadamente de Treino Operacional, das infra-estruturas, tendo em vista proporcionar melhores condições de alojamento, e continuará empenhado no aperfeiçoamento da capacidade blindada desta Grande Unidade.”

Em consonância com o anteriormente referido pelo Comandante da Brigada, foram salientados “(...) como (...) grandes desafios e acrescidas res-

Dirigindo-se aos militares e civis da BrigInt referiu, “(...) Como Comandante do Exército reitero o elevado apreço e a minha confiança nos militares e civis que prestam serviço na Brigada de Intervenção, sabendo que (...) não obstante as dificuldades e constrangimentos conjunturais (...) continuarão a cultivar em permanência a coesão, o espírito de missão e a lealdade, e exorto que continuem a trabalhar com a mesma motivação e determinação para ‘QUE FAMA ILUSTRE FIQUE’ seja o legado orgulhoso para as gerações vindouras.” (General José Luís Pinto Ramalho, 01JUN10)

À alocução do General Chefe do Estado Maior do Exército, seguiu-se a entrega de condecorações, do troféu dos Campeonatos Desportivos Militares da BrigInt e, por fim, teve, então, lugar o magnífico desfile das forças em parada, na Praça da Canção que lhe serviu de cenário, em pleno coração da cidade de Coimbra.



ponsabilidades colocados nesta Brigada (...) o de finalizar o aprontamento de uma Companhia de Engenharia para o ‘Battle Group’ espanhol, que inicia o período de ‘stand by’ em Julho de 2010; de aprontar de forma continuada as Equipas de Observação, Monitorização e Ligação de Guarnição e Módulos de Apoio para a ‘International Security Assistance Force’ (ISAF), e de se constituir, de acordo com os requisitos preconizados no ‘Headline Goal 2010’, como núcleo fundamental de um ‘Battle Group’, com um Batalhão de Infantaria e um ‘National Support Elements’ (NSE) que entrarão no período de “stand by” no segundo semestre de 2011, em que Portugal será a ‘Lead Nation’ desse Objectivo de Força no quadro da EUROFOR.”

Celebrou-se, assim, o quarto ano de existência da Brigada de Intervenção, uma existência assinalada pela projecção e consolidação desta grande Unidade da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército, em Território Nacional, bem como nos múltiplos e dispersos Teatros de Operações para onde vem projectando as suas forças, acentuando o seu carácter eminentemente expedicionário, gerando uma renovada cultura operacional e contribuindo para elevar o prestígio, a imagem, a divulgação e visibilidade do Exército e de Portugal no mundo.

Cor Cav Jocelino Rodrigues  
Cmdt RC6





## FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS

A Brigada de Intervenção, nos últimos quatro anos, contribuiu para o esforço nacional aprontando, certificando, projectando e sustentando 18 Forças Nacionais Destacadas (FND) para os TO da Bósnia-Herzegovina, Iraque, Kosovo, Líbano e Afeganistão. No último ano foram aprontadas, certifica-

das, projectadas e sustentadas a 4ª, 5ª e 6ª OMLT de Guarnição e o 4º, 5º e 6º ModAp para o TO do Afeganistão.

Das experiências vividas nas várias fases vão alguns dos comandantes dar conta.

Missão	FND	TO	Início	Fim	Comandante
	1ºBI/BrigInt/EUFOR	Bósnia	22-Jul-06	28-Fev-07	TCor Inf Joaquim Sabino
	2ºBI/BrigInt/KFOR	Kosovo	12-Set-07	14-Mar-08	TCor Inf João Magalhães
	AgrMIKE/BrigInt/KFOR		25-Set-08	25-Mar-09	TCor Cav Jocelino Rodrigues
	1ºBI/BrigInt/KFOR		25-Mar-09	25-Set-09	TCor Inf Fernando Teixeira
	UNENG3/BrigInt/UNIFIL	Líbano	12-Nov-07	29-Mai-08	TCor Eng Manuel Carvalho
	UNENG4/BrigInt/UNIFIL		20-Mai-08	29-Nov-08	TCor Eng Jorge Caetano
	UNENG7/BrigInt/UNIFIL		02-Dec-09	01-Jun-10	TCor Eng João Almeida
	2ª OMLT/BrigInt/ISAF	Afeganistão	22-Out-08	25-Abr-09	TCor Art Luís Henriques
	3ª OMLT /BrigInt/ISAF		13-Abr-09	23-Out-09	TCor Inf Paulo Santos
	4ª OMLT /BrigInt/ISAF		19-Out-09	12-Abr-10	TCor Art Luís Monsanto
	5ª OMLT /BrigInt/ISAF		12-Abr-10	17-Out-10	TCor Inf Joaquim Pereira
	6ª OMLT /BrigInt/ISAF		17-Out-10	13-Abr-11	TCor Inf Godinho
	3º Módulo Ap/BrigInt/ISAF		13-Abr-09	23-Out-09	TCor Cav Joaquim Conceição
	4º Módulo Ap/BrigInt/ISAF		19-Out-09	12-Abr-10	TCor Inf Arnaldo Costeira
	5º Módulo Ap/BrigInt/ISAF		12-Abr-10	17-Out-10	TCor Cav Manuel Lapa
	6º Módulo Ap/BrigInt/ISAF		17-Out-10	13-Abr-11	TCor Inf Cleto
	NTM – I		Iraque	12-Fev-06	05-Ago-06
	NTM – I	05-Ago-07		13-Fev-08	TCor Cav Carlos Sernadas

*Forças Nacionais Destacadas da Brigada de Intervenção 2006/10*





## MOMENTOS

Um mês após ter deixado o Comando do 1º Batalhão de Infantaria (1ºBI/BrigInt), julgo que o melhor testemunho a dar a todos os militares da Brigada de Intervenção, depois de passados dois anos e meio de Comando deste Batalhão, é tentar, se disso for capaz, passar a plenitude da minha realização como Tenente Coronel de Infantaria, por ter tido o privilégio deste Comando. Não vou, por decisão própria, escrever sobre o que fizemos, quer em termos operacionais a nível Nacional e Internacional, quer no que se refere à participação do Batalhão em Outras Missões de Interesse Público ou nas actividades decorrentes da vida diária da nossa Unidade, o Regimento de Infantaria 13, em que estivemos envolvidos. Garantidamente, em todas elas, os militares do 1ºBI/BrigInt marcaram a sua presença de uma forma honrosa. Estas palavras que escrevo, espelham o orgulho próprio de um Comandante e de um Comando, que não se esgotou na minha pessoa mas em toda uma equipa de trabalho, que sempre colocou a mesma vontade de bem servir, tendo como único e principal objectivo a realização pessoal de cada um nós e o engrandecimento da Unidade que servíamos o 1º Batalhão de Infantaria do Regimento de Infantaria 13 da Brigada de Intervenção, pautando a nossa presença e a nossa atitude diária com base na nobreza das palavras que constituem o mote do Batalhão “Por Único Móbil a Honra e a Dignidade”. Irei então ao longo deste artigo, tentar dar expressão, escrita, ao título deste meu artigo “Momentos”. Devo confessar que, felizmente para mim, seria fácil escrever acerca de todos aqueles momentos que ao longo destes 2 anos e meio marcaram de forma que considero única, fruto da sua riqueza

pessoal e profissional, este período da minha vida militar. O difícil é, de uma forma justa seriá-los e dar-lhes níveis de importância diferentes. Estou certo não estar a ser justo nem comigo nem com todos aqueles que poderão ficar afastados desta minha reflexão.

Setembro de 2007; Quando recebi das mãos do Comandante do RI 13 o estandarte do 1ºBI/BrigInt, ao olhar para trás, num curto espaço de tempo, revisei uma história plena de glória, é que, num gesto tão rápido mas de tanto significado, era colocada sobre a responsabilidade de todos quantos via nesse meu “olhar” para trás a capacidade de merecer tal responsabilidade, pois, passaríamos todos a ter que demonstrar no nosso dia-a-dia, que a merecermos mas principalmente, que teremos a arte e o engenho de com sabedoria e profissionalismo a poder enriquecer, tendo como principal farol o respeito constante pela memória de todos aqueles que nos antecederam e que fizeram do Batalhão, este Batalhão que hoje tanto nos orgulha.

Exercício DRAGÃO08; ter sob o meu Comando durante este exercício uma Companhia Espanhola foi outro dos momentos que guardo como extremamente gratificante para todo o Batalhão. A relação mantida por todos, com esta força Espanhola foi excelente, não só em termos da partilha de culturas militares diferentes, nos diferentes patamares de relacionamento, mas a permuta constante e diária de ideias e conhecimentos que iam muito para além dos assuntos estritamente militares. Este exercício que acabou com um desfile de todas as Forças numa das artérias da Cidade de Vila Real, a nossa Cidade, encheu-nos a todos, militares do 1ºBI/BrigInt, mais uma vez de muito





orgulho, constituindo-se como mais um catalisador de continuarmos a desenvolver um trabalho ainda mais capaz e que nos deixa-se cada vez mais satisfeitos connosco próprios e com todos aqueles que depositaram no Batalhão a confiança na nossa capacidade para cumprirmos com as tarefas que nos estavam destinadas.

O 1ºBI/BrigInt/KFOR; um período diferente da vida deste Batalhão. O receber das mãos do Gen CmtD da Brigada de Intervenção o símbolo maior desta “Ditosa Pátria” que tanto amamos, meses depois de no seu gabinete, aquando da minha apresentação, me ter referido, e se a memória não me atraiçoa, “ Teixeira está disponível ao assumir o Comando do Batalhão para, e se assim for entendido, levar este Batalhão a cumprir uma missão no exterior”, é o corolário do reconhecimento de todo o trabalho desenvolvido por um grupo de militares de quem, eu simplesmente, era o seu primeiro responsável. Desta fase do Batalhão, para além de tudo o que por nós já foi escrito nas 5 edições da nossa Revista, há dois momentos que eu gostava de partilhar com todos. O primeiro refere-se à recepção calorosa e de grande respeito e admiração, que todos os Oficiais Gerais da KFOR, fizeram ao 1ºBI/BrigInt/KFOR, á sua KTM, na pessoa do seu comandante, no jantar dado pelo General Comandante da KFOR (COMKFOR), que decorreu no mesmo dia em que realizamos, pela primeira vez, um exercício na GATE 1. Nesse momento fizeram-me sentir, único entre eles e possuidor de tanto orgulho em ser Oficial do Exército Português mas principalmente orgulho em ser o Comandante daqueles homens e mulheres a que todos se referiam de uma forma tão efusiva. Recordo-me que o meu único desejo durante esse jantar

era sair o mais rápido possível para poder ir partilhar, com todos aqueles que provocaram tão enormes elogios, os meus militares, a sensação que sentia, inexplicável. O outro momento que destacaria foi durante a realização da Revista do Batalhão, que foi totalmente escrita e preenchida por artigos elaborados pelas Praças do Batalhão. Ainda hoje ao ler esses mesmos artigos consigo sentir o mesmo orgulho que eles me passaram na altura, ou seja uma enorme felicidade interior por ter escolhido este rumo profissional.

Por fim destacaria; O regresso a Portugal e, seis meses depois de ter regressado, a passagem do Comando do Batalhão ao actual Comandante. Estou ciente, que em conjunto com todos os Oficiais, Sargentos e Praças, que em momentos e com objectivos diferentes, partilhei este meu período no Batalhão, contribuimos para o enriquecimento da sua historia passada ajudando a projectar de uma forma que destaco honrosa a sua história futura o que me permitiu vive-los, estes dois momentos, com a total sensação do dever cumprido.

Termino, expressando a todos aqueles que serviram no 1ºBI/BrigInt, sob o meu Comando, que foi para mim um imenso privilégio poder privar e comandar homens e mulheres, que no dia-a-dia das nossas vidas militares, pautaram a sua atitude imbuídos de um espírito de elevado profissionalismo e de uma disponibilidade constante para bem servir, sempre numa lógica de uma Alcateia um só Lobo, característica que considero ter sido fundamental para o sucesso da força, a todos o meu Bem Hajam.

*TCor Inf Fernando Teixeira  
2CmtD RI 19*



## OMLT – UM PILAR DA ESTRATÉGIA DA OTAN NO AFGANISTÃO

A Brigada de Intervenção (BrigInt) tem assumido a responsabilidade de aprontar uma das componentes da presença militar nacional no Afeganistão (AFG), as *Operational Mentor and Liaison Team* (OMLT), que assumem, no quadro e acção da *International Security Assistance Force* (ISAF), uma importância crucial na Estratégia de Saída da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), e para alcançar o Estado Final desejado<sup>1</sup> que a Comunidade Internacional (CI) pretende para aquele País.

A estratégia de saída da OTAN passa pela evolução sistemática e consistente do *Afghan National Army* (ANA), por forma a permitir ao Governo do AFG o estabelecimento de um clima de segurança a longo prazo. O factor mais significativo para que o ANA seja inteiramente eficaz e auto-suficiente é o apoio prestado pelas OMLT.

De acordo com o Comandante da ISAF parte da credibilidade da OTAN, a sua parte visível, perante o ANA e o Povo afegão, está assente nos mentores das OMLT. A forma como eles actuam, agem e assumem a ligação entre o ANA, as Unidades da ISAF e as várias entidades que actuam no AFG, assume-se de elevada importância, e um pilar da estratégia da OTAN naquele País.

A *International Security Assistance Force* (ISAF) quando foi criada<sup>2</sup>, para além de ter missão primária de prestar assistência à *Afghan Interim Authority* (AIA) e posteriormente à Autoridade de Transição do Afeganistão (*Transition Afghan Authority* – TAA), foi igualmente incumbida de prestar assistência às Autoridades Afegãs (*Afghan Authority* – AA) no treino das Forças de Segurança do Afeganistão (*Afghan National Security Forces* – ANSF<sup>3</sup>), com prioridade numa primeira fase para o Exército do Afeganistão (ANA).

Um dos Objectivos Estratégicos Militares definidos pelo actual Comandante da ISAF, é a extensão da autoridade do Governo da República Islâmica do Afeganistão (GIRoA<sup>4</sup>) no País, devendo

para isso ser desenvolvidas as estruturas necessárias para manter a Segurança do Território sem a assistência das Forças Internacionais. Este é aliás o Estado Final Desejado pela OTAN.

Para alcançar este desiderato, considera que nesta Fase<sup>5</sup>, a de estabilização, o esforço principal do apoio ao GIRoA deverá ser efectuado de forma a alcançar e manter um ambiente seguro no território e, simultaneamente, desenvolver a capacidade das ANSF. Alcançar estes objectivos assume-se como crucial a médio e longo prazo para o AFG, constituindo-se uma das pré-condições para o sucesso.

Actualmente está a ser efectuado um enorme esforço no sentido de aumentar o número de militares nas fileiras, estando previsto que em finais de Outubro de 2010 se atinja um efectivo de 134 mil militares. Contudo a recomendação da ISAF é que em 2013 esse número aumente para os 240 mil. Este acréscimo, está a ser acompanhado com a implementação de programas de formação e trei-

no, individual e colectivo, ao nível dos militares e das Unidades, de modo a que as Forças fiquem habilitadas a cumprir, de forma eficaz e autónoma, as suas missões.

É neste quadro, que surgem as OMLT<sup>6</sup> cuja missão é treinar, ensinar e mentorar<sup>7</sup> as unidades do ANA, conduzir a ligação e o Comando e Controlo (C2) e,

quando solicitado, apoiar o planeamento e emprego operacional do ANA, de forma a facilitar o desenvolvimento de um ANA competente, profissional e auto-suficiente. A sua composição, dimensão, tarefas e tipo de equipamento da OMLT varia de acordo com o tipo de Unidade que estão a mentorar podendo estas ser Unidades de Escalão Batalhão (Engenharia, Artilharia, Cavalaria, Infantaria, de Serviços e de Apoio de Combate), Guarnições, Brigadas, ou nos Quartéis-Generais de Divisão ou Corpo de Exército.

Portugal iniciou a sua participação neste tipo de missões em Maio de 2008, após parecer favorá-





vel do Conselho Superior de Defesa Nacional (CSDN), datado de 26 Julho de 2007, com uma OMLT de Guarnição (OMLT-G) de cariz conjunto, tendo a Brigada de Intervenção assumido a responsabilidade de organizar e aprontar estas Forças Nacionais Destacadas.

A OMLT-G é uma força conjunta constituída por 11 militares (5 do Exército, 5 da Marinha e 1 da Força Aérea), que tem como missão, treinar, ensinar e mentorar o Comando e Estado-Maior da Unidade de Guarnição N° 3 do Corpo 201<sup>8</sup>, sediada em Pol-e-Charki (PeC), de forma a facilitar o desenvolvimento de um ANA competente, profissional e auto-suficiente.

Esta Unidade, com um efectivo de 370 militares e 26 civis, é constituída por duas Companhias, a de Apoio e da Segurança, uma Secção de Engenharia<sup>9</sup>, um Centro Médico e pelas várias Secções de Estado-Maior. Tem como missão executar a gestão das Infra-estruturas e materiais existentes em PeC<sup>10</sup>, garantir o apoio Administrativo-logístico das Unidades do Corpo de Exército 201 do ANA, localizadas em PeC e providenciar os abastecimentos às 1ª e 2ª Guarnições localizadas respectivamente em *Darulaman* e *Jalalabad*.

Responsável pela Segurança interna e externa, o controlo de acessos, o reabastecimento de todas as classes de abastecimento (excepto as Classes VIII e X), a manutenção de todas as infra-estruturas, e a supervisão e acompanhamento das novas construções e projectos que se encontram a decorrer e a gestão do espaço físico do campo<sup>11</sup>, a Guarnição acaba por ser o Centro de Gravidade de

PeC, no qual gravitam diversas entidades, militares e civis, afegãs e das Forças da Coligação<sup>12</sup>, e diferentes organizações nacionais e internacionais.

A composição da OMLT-G permite actuar nas principais áreas da Unidade mentorada, com excepção do Centro Médico que é assegurado por uma *Embedded Training Teams*<sup>13</sup> (ETT). Da minha recente experiência como Comandante da 4ª OMLT-G, entendo que as responsabilidades diárias, o grau de exposição aos diversos órgãos e entidades afegãs e da ISAF, e os níveis de exigência decorrentes da actividade de mentoria, do tipo de Teatro de Operações (por exemplo grau de ameaça e condições geográficas) e os ritmos de trabalho impostos, obriga a todos os militares uma grande dedicação, enorme empenho, elevado profissionalismo e, em permanência, uma total disponibilidade, física e psicológica.

Numa missão como esta de elevado desgaste, a coesão, o espírito de disciplina, a concentração, a coordenação e a coerência de actuação de todos os seus membros, constituem-se condições para o sucesso da mentoria e para a manutenção da segurança e protecção da força.

E à semelhança dos anteriores comandantes desta FND, os Tenentes-Coronéis Pedro Soares, Green Henriques e Costa Santos, é com enorme orgulho que se pode afirmar que todos os militares portugueses, independente do Ramo, da Arma ou do Serviço, assumiram de forma inigualável a suas tarefas e responsabilidades, postura tem garantido não apenas a concretização de inúmeros objectivos, mas sobretudo tem merecido os maiores elo-



gios de todas as entidades com quem nos relacionamos, facto que prestigia as Forças Armadas Portuguesas e Portugal.

*TCor Inf Luís Monsanto  
Cmdt 4ª OMLT (G)*

1. O Estado Final desejado (Desirable End State) dos Objectivos Estratégicos Militares é a capacidade das Forças de Segurança do Afeganistão (ANSF) garantirem a segurança e manterem a estabilidade do território sem o apoio da OTAN.
2. Criada pela Resolução 1386 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), de 20 de Dezembro de 2001.
3. A missão da ANSF é garantir a segurança do AFG contra ameaças internas e externas. Inclui 4 entidades que são: O **Exército do Afeganistão (ANA)** que responde perante o Ministério da Defesa; as **Forças de Polícia do Afeganistão (APF - Afghan Police Forces)**, que respondem perante o Ministério do Interior, e que incluem a Polícia do Afeganistão (ANP - Afghan National Police), a Polícia de Fronteira (ABP - Afghan Border Police), a Polícia de Investigação Criminal e

a Polícia anti-droga do AFG (CNPA – Counter Narcotics Police of Afghanistan); os **Serviços Secretos** que respondem perante o Parlamento Afegão (NDS - National Directorate of Security); e os **Centros de Coordenação Operacionais (OCC - Operational Coordination Centres)** que fazem a ligação entre as forças do Exército e da Polícia, integrando por isso dois ministérios, o da Defesa e do Interior. Estes OCC podem ser Regionais ou de Província.

4. Government of Islamic Republic of Afghanistan.
5. A Operação a ISAF pressupõe 5 fases: Avaliação; Preparação; Expansão; Estabilização; Transição e Retração.
6. Actualmente no AFG existem 57 OMLT estando previsto um acréscimo para 103 em 2011.
7. O “mentoring” designa as actividades desenvolvidas por uma pessoa (o mentor) em proveito de outra (o mentee) de forma a ajudar este a executar o seu trabalho de uma forma mais eficiente. Para alcançar este desiderato pode utilizar várias metodologias (treino, a discussão, o aconselhamento...).
8. O Dispositivo do ANA integra 6 Corpos de Exército (um dos quais o Air Corps), uma Divisão e uma Brigada (Headquarters Security and Support Brigade – HSSB). Prevê-se a criação de mais um Corpo de Exército, o 215, que terá a AOR a Sul, em Helmand.
9. Também designada por Department Of Public Works (DPW).
10. A guarnição é responsável pela gestão de um campo militar com uma área de 1305 HA e 192 edifícios, que aquartela cerca de 5000 militares, pertencentes a 4 diferentes Unidades: o Quartel-general do Corpo 201, a 3ª Brigada, o Batalhão de Comandos, o Consolidated Fielding Centre e uma Unidade norte-americana.
11. É a responsável pelo Real Estate Management Property.
12. A título de exemplo poderemos dizer que contactamos com elementos do US Corps of Engineers, de empresas de segurança privada com o MPRI (Military Professional Resources Inc) que fazem mentoria em diversas áreas e níveis organizacionais (desde o nível batalhão até ao nível ministerial), de empresas responsáveis pela gestão de projectos, operação e manutenção de determinadas infra-estruturas como a CONTRACT INCORPORATED INTERNATIONAL (CII), e outras entidades afegãs como o Ministério da Defesa, do Interior, das Infra-estrutura e as comissões presidenciais.
13. É o equivalente norte-americano às OMLT.



## 5ª OMLT-G LL

### O que encontramos

Foi no dia 23 de Março pelas 10h30m que o C-130 da FAP descolou de Lisboa com destino a Kabul, onde aterrou em 25 de Março pelas 13h31m, hora local, no *Kabul International Airport* (KAIA).

Chegados ao Afeganistão, recebido o serviço e efectuada a cerimónia de Transferência de Autoridade, passou a ser responsabilidade da 5ªOMLT-G mentorar, treinar e ensinar a Unidade de Guarnição (GSU) da 3ª Brigada do Corpo 201 do *Afghan National Army (ANA)*, “de forma a facilitar o desenvolvimento de um ANA competente, profissional e auto-suficiente”.

Passou assim a ser responsabilidade dos elementos da 5ªOMLT-G estabelecer e manter um contacto diário com os seus “mentorados” e demais Oficiais, Sargentos e Soldados Afegãos com responsabilidade directa na vida e funcionamento da GSU; estabelecer a ligação com os elementos da Coligação que, pelas suas funções, tinham influência no quotidiano da Guarnição; perceber e funcionar de acordo com o burocrático e complexo processo administrativo e mental do Exército Afegão. Por outras palavras, continuar o trabalho feito pelas OMLT’s que nos antecederam,

mantendo e, desejavelmente, abrindo novas portas para os que nos irão seguir.

Tarefa aparentemente simples, torna-se no entanto complicada quando nos apercebemos de uma realidade com tantas necessidades de todos os géneros e do pouco que temos para dar, experiência, dedicação, voluntariedade para ajudar, simpatia e amizade. Pouco tempo depois, apercebemo-nos que afinal temos muito para dar. E os militares Afegãos, perspicazes e inteligentes têm noção desse facto.

O relacionamento conseguido com base na ausência de preconceitos, no contacto diário, no facto de os acompanharmos sem receio de sermos confundidos por afegãos (a semelhança existente entre os nossos uniformes levou a que muitos internacionais e mesmo afegãos se nos dirigissem com o tradicional “*Salaam Aleikum*” e o respectivo cumprimento de mão direita ao peito), levaram a que as barreiras fossem atenuadas e as diferenças não separassem mas sim fossem tema de interessante diálogo.

O trabalho desenvolvido pelas OMLT’s anteriores e continuado pela 5ªOMLT-G, tem o seu reflexo máximo no facto de a GSU mentorada estar entre um reduzido número de unidades do ANA que se encontram em *Capability Milestone 1* (CM1).





## Visitas

É sempre com agrado que as forças, em missão num teatro de operações, recebem visitas vindas de Portugal. É uma oportunidade de mostrar a quem fica na retaguarda, muitas vezes com capacidade e competência de decisão, o que fazemos, como e em que condições e os resultados da nossa acção. É também uma oportunidade de mostrar a forma como as dificuldades do dia-a-dia são ultrapassadas: com trabalho árduo, esforço, muita camaradagem e tolerância.

Durante o período em que a 5ªOMLT-G esteve no teatro de operações tivemos o prazer das



seguintes visitas (por ordem cronológica de acontecimento):

- Tenente-General Quesada Pastor, Comandante Operacional Conjunto (17 a 20 de Maio);
- S.Exa o Ministro da Defesa Nacional, Prof. Dr. Augusto Santos Silva, acompanhado por S. Exa o General Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, General Valença Pinto (20 de Maio);
- *Site Survey* da 6ªOMLT-G, composta pelos respectivos Comandante, TCOR Godinho e Oficial de Operações, CAP Moura (11 a 15 de Julho). Foi preocupação durante o período da visita apresentar os elementos da 6ªOMLT-G aos actores chave da Guarnição e POC's relevantes, as tarefas e *on going projects* em cada uma das áreas da mentoria, demonstrar os procedimentos e conduta operacional adoptada pela 5ªOMLT-G, bem como dar a conhecer todos os documentos, relatórios e formulários com os quais é necessário estar familiarizado;
- Coronel Gomes Leitão, Comandante do RI13 (15 a 17 de Agosto). Tendo a 5ªOMLT-G efectuado o seu aprontamento no RI13, em Vila Real, foi com natural gosto que recebemos o COR Leitão. Tendo acompanhado desde o início o treino efectuado com vista ao cumprimento da missão, foi agora possível mostrar o resultado prático do que foi efectuado durante esse período;

- Coronel Silva Salgueiro, futuro Comandante da FND no Afeganistão, de acordo com o novo modelo adoptado para as forças neste Teatro de Operações (18 a 20 de Agosto). Mostrar a forma de funcionamento do actual modelo foi a preocupação para facilitar as decisões no futuro;
- Capitão de Mar-e-Guerra Alberto Ova Correia, Comandante da Base de Fuzileiros (14 a 17 de Setembro). Havendo uma forte componente "anfíbia" na 5ªOMLT-G, e maioritariamente no Módulo de Apoio, cuja responsabilidade da missão de Protecção da Força (*Force Protection*) está atribuída a elementos do Corpo de Fuzileiros, foi com agrado que recebemos a visita do Comandante Ova Correia.

## Um país em dor

O Afeganistão é um país em dor. Um povo que há décadas desconhece a paz e a vida em harmonia. Aparentemente só as crianças, muito jovens, parecem estar alheias a essa dor. Mas só aparentemente, pois desde muito cedo, desde a nascença, convivem com o sofrimento, a violência e a escassez e privação de bens e serviços essenciais. Convivem com a sobrevivência.

Infelizmente também nós convivemos de perto com a dor e o pesar.

A dor dos camaradas de armas de outras nacionalidades que, tal como nós aqui vieram contribuir para um Afeganistão pacificado e desenvolvido, e viram alguns dos seus, demasiados, regressar às suas famílias mas sem hipótese de os abraçar à chegada. A sua perda era-nos lembrada pelas respectivas bandeiras a meia haste, a que ninguém ficava indiferente.

Mas sentimos também a dor e o pesar do desaparecimento de um amigo. Inicialmente apenas nosso intérprete, filho de um oficial da unidade mentorada, que pela sua forma jovial de viver e de fácil relacionamento, rapidamente se tornou amigo. Muito recentemente casado partiu para onde, também na sua fé, com certeza encontrou a paz. *Khodāwand shomā rā barakat dehad Massoud, doost-e-man.*

## A mentoria

A 5ªOMLT-G concretizou, desde Abril 2010, um projecto de mentoria que foi iniciado no aprontamento a 02Dec09 e culminou a 17Out10 com a TOA para a 6ªOMLT-G. Durante a missão mantivemos uma preocupação permanente pela dignificação da OMLT e das Forças Armadas Portuguesas, através da prática de um exemplar espírito de missão.

Pautamos a nossa conduta pela criação, desde o primeiro dia, de uma sólida empatia e con-





fiança recíproca com os mentorados, com os quais desenvolvemos uma intensa actividade em todas as áreas de Estado-Maior e criamos laços fortes de amizade.

A 5ªOMLT-G não foi iniciadora de um trabalho pioneiro ou inédito (a mentoria é uma maratona) mas, afirmou-se nestas questões da mentoria, sendo hoje, no fim da nossa missão, uma “Unidade” que foi reconhecida pelos mais destacados mentores internacionais, pela competência e o valor dos mentores, demonstrado na qualidade do trabalho executado no TO do Afeganistão. A aceitação, o entendimento e o diálogo estabelecido desde o início com os militares do ANA, tornaram fácil a nossa integração e se alguns problemas ou dificuldades surgissem, resultantes da nossa actividade de Mentoria, eram imediatamente solucionados, no sentido de ajudar a GSU a atingir com sucesso as suas tarefas diárias. Os militares do ANA são de trato afável, desde o primeiro minuto os militares do EM da GSU estiveram sempre receptivos às sugestões e conselhos que nos preocupavam em diversas situações e prontamente reagiam ao nosso estímulo para que conjuntamente com os mentores portugueses, participassem no desenvolvimento da qualidade e no aperfeiçoamento das capacidades dos militares da GSU e consequentemente do *Afeghan National Army*. A GSU foi um elemento facilitador nos contactos estabelecidos por esta OMLT com entidades afegãs, militares ou não militares, que envolveram questões relativas à mentoria e extra mentoria, no que diz respeito a escolas, apoio social, etc, e que fez com rapidamente o nosso trabalho fosse agradecido pelo Corpo 201 e consequentemente reconhecido pelos mentores de outras nacionalidades. Foram sempre proferidas as melhores referências à qualidade, competência e valor da 5ª OMLT e das OMLT Portuguesas que nos antecederam e ao excelente desempenho dos seus militares.

*“Hoje sabemos que fomos copiados na nossa maneira de ser, de estar e de fazer.”*

Para além da participação regular na mentoria da GSU, a OMLT colaborou ainda com algumas instituições nacionais, o que revela a sua capacidade de resposta aos diferentes tipos de situações e ao especial cuidado com a formação dos jovens do Afeganistão, através da entrega de material pedagógico a uma escola secundária de PeC.

### **Conclusão – a Nossa herança**

É sempre complicado, ou aparentemente demasiado simples, fazer uma retrospectiva e uma avaliação do trabalho efectuado.

Mentorar não é construir um edifício em que ao fim de seis meses se vêm muros, paredes, telhados. Mentorar é criar as fundações da estrutura, que neste caso é o Exército Afegão. E tal como num edifício, as fundações, embora ocultas, revestem-se de uma importância fulcral.

Ao acompanharmos diariamente os mentorados, tentando incutir procedimentos e modelos validados, contribuímos, ao nosso nível, para o fortalecimento dos pilares do Exército Afegão.

Regressámos a casa sem termos oferecido viaturas, armas ou estruturas que, tendo decalcadas as cores ou símbolos portugueses, pudessem fazer perdurar na memória a nossa passagem. Mas regressámos com a consciência de que, de acordo com o determinado para a presença portuguesa no Afeganistão, contribuímos para que alguns militares, já por si voluntariosos e sobreviventes se tornem mais competentes, profissionais, auto-suficientes. Pouco, poderão alguns dizer, mas só o afirma quem por estas terras não passou.

*TCor Inf Joaquim Pereira  
Cmdt 5ª OMLT*



## 5º MODAP- UMA EXPERIÊNCIA CONJUNTA

O 5º Módulo de Apoio (5º ModAp), cuja unidade mobilizadora foi o Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), encetou o seu aprontamento no início de Dezembro de 2009 e cumpriu a sua missão no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão, no período de 12 de Abril a 17 de Outubro de 2010.



O Aprontamento do 5ºModAp decorreu no período de 02DEZ09 a 22MAR10 em duas fases distintas, a primeira, em que o Comando e as Equipas estiveram no RC6 e a Unidade de Força de Protecção (UFP) esteve no Centro de Tropas Comando e uma segunda fase, em que após a reunião de todo o 5.º ModAp no RC6, se deslocou para Regimento de Infantaria Nº 13 (RI13), onde realizou o aprontamento conjunto com as 3.ª *Operational Mentor and Liaison Team* de assessoria à

*Capital Division* (3.ª OMLTD) e a 5ª *Operational Mentor and Liaison Team* de assessoria à Guarnição (5.ªOMLT-G), de 22 de Fevereiro a 12 de Março de 2010.

A projecção para o Afeganistão foi feita em duas levas, a primeira ocorreu em 23 de Março (com chegada a Cabul a 25 de Março) e a segunda a 12 de Abril (com chegada a Cabul a 14 de Abril). Após a chegada ao TO do Afeganistão e durante as três primeiras semanas, decorreu o período de sobreposição, que terminou com a Transferência de Autoridade (TOA) a 12 de Abril de 2010.

O 5.º ModAp era uma força conjunta, constituída por 56 militares oriundos dos três ramos das Forças Armadas com a missão de garantir o apoio Administrativo-logístico e protecção das OMLT Portuguesas presentes no TO, e quando necessário apoiar outros militares portugueses em missão no Afeganistão. O 5.º ModAp tinha, ainda, a responsabilidade dos apoios e das áreas que eram comuns com a *Quick Reaction Force* (QRF). De forma a cumprir a missão, o 5º ModAp estava estruturado num Grupo de Comando, nas Equipas de Comunicações, Manutenção e Transporte e Sanitária e na UFP.

A orgânica do 5.º ModAp, para as áreas financeira, pessoal e logística, contemplava apenas três Oficiais: Adjunto Financeiro, Oficial de Pessoal e Oficial de Logística. A prática mostrou que houve necessidade de nomear, em acumulação, o Tesoureiro, o Sargento de Logística e Materiais e um Sargento de Pessoal/Secretaria, para se responder adequadamente às exigências da missão. Tam-





bém, com o mesmo objectivo, o Comandante da UFP acumulou as funções de Oficial de operações e Informações, já que, também esta função, não estava considerada na estrutura operacional de pessoal (EOP).

Dentro das inúmeras actividades de apoio administrativo-logístico desenvolvidas, realçam-se as aquisições no mercado local, a negociação e efectivação de contratos locais, mormente na contratação de intérpretes, de serviços de internet, de limpeza e esvaziamento das fossas sépticas e de limpeza das instalações, a verificação para validação de toda a documentação relativa à facturação internacional decorrente dos contratos e acordos internacionais, especialmente com a empresa TECNOCAL para o fornecimento de alimentação, água engarrafada, lavandaria e manutenção das instalações; com os Estados Unidos da América (EUA) para a área da manutenção e sobressalentes dos HMMVV e com a França relativamente aos custos inerentes à presença em *Camp Warehouse* (CW), nomeadamente os referentes ao consumo de água, electricidade, manutenção de arruamentos, entre outros.



Também nas infra-estruturas se procederam a várias intervenções de adaptação e melhoramento, nomeadamente no edifício de comando, nas arrecadações de material e armamento e nas oficinas. Contudo as obras de maior vulto passaram pela reparação das casas de banho, construção de um novo acesso ao refeitório, renovação dos quadros eléctricos e colocação de iluminação nos parques de viaturas, remodelação do ginásio, acabamento e preparação da nova enfermaria, manutenção dos ares condicionados, colocação da cobertura e renovação do piso no polidesportivo e construção de uma área de pintura e lavagem de viaturas. Para além do apoio administrativo-logístico e decorrente da missão, o 5.º ModAp garantia a segurança e protecção das OMLT-D e OMLT-G. Para o efeito o ModAp tinha a UFP, oriunda do Corpo de Fuzileiros, que era constituída por quarenta militares (um Oficial, quatro Sargentos e trinta e cinco Praças) e estava organizada em quatro Secções.

A missão da UFP assentou no transporte (dentro e fora da cidade de Cabul) e segurança próxima aos mentores OMLT-KCD, na prevenção em apoio aos deslocamentos da OMLT-G e na escolta a todos os movimentos administrativo-logísticos efectuados pelo 5.º ModAp. Das missões executadas destacam-se, pela sua complexidade, vários movimentos de visita a *Forward Operating Bases* (FOB's) da KCD, fora de Cabul, que tiveram destinos tão distintos como *Wardak*, *Qargha*, *Bagrami*, *Musahi* e *Khak-e-Jabbar*.

No balanço operacional do período de missão de 185 dias, totalizaram-se cerca de 270 movimentos operacionais e 230 movimentos administrativo-logísticos.

Durante a missão foram recebidos treino e formação, muitas vezes, tirando partido das estruturas norte-americanas implantadas em Cabul (*Camp Phoenix*), de socorrismo de combate e reac-



ção a capotamento de viaturas (Auto-protecção) e ainda, de tiro em cenários tácticos, usando um simulador de tiro interactivo de combate.

Considerando a missão atribuída ao 5.º ModAp e os resultados obtidos, pode dizer-se que todos os grandes objectivos a que a força se propôs foram atingidos. Importa, contudo, referir que se podem retirar alguns ensinamentos, nomeadamente os seguintes:

- Considerar, na EOP, a inclusão do Oficial de Operações informações, do Sargento de Logística, do Sargento de Pessoal/Secretaria e do Tesoureiro, de forma evitar o grande número de acumulações verificadas e a melhorar a capacidade de resposta às exigências da missão;
- Garantir um cuidado planeamento do transporte da força desde o Território Nacional (TN) até ao local de destino no TO. Planear um transporte não pode ficar pela colocação da força no aeroporto de destino;
- Garantir a disponibilidade de viaturas blindadas de transporte de pessoal de grande capacidade na altura das rotações. A disponibilidade destes meios pode ser garantida através de um acordo internacional, nomeadamente com outros contingentes que os possuem;
- Promover um cuidadoso planeamento do apoio logístico, no que se refere ao fornecimento de variados consumíveis a partir do TN, face as dificuldades de aquisição no TO;
- Rever o período de competência do Comandante da Força para a execução da despesa, tendo em conta a inevitabilidade de algumas despesas fora dos períodos da missão propriamente dita;
- Garantir, atempadamente, os vistos necessários, não só para toda a força como também às Entidades e a todos aqueles que necessitem de se deslocar ao TO;
- Considerar a revisão da NEP/ DS.70.600.02/ CMD LOG que regeu o aprontamento sanitário e a realização de exames pós-missão, pois não especifica a totalidade de exames complementares de diagnóstico a efectuar, o que pode causar alguma dificuldade na coordenação com certas entidades co-aprontadoras;
- Adquirir lanças de reboque, à razão de uma por cada duas viaturas – permite uma maior rapidez na remoção de viaturas avariadas ou acidentadas, reduzindo o tempo de exposição dos militares;
- Garantir uma Lista de Nível Orgânico adequada ao TO, nomeadamente no que se refere aos inibidores de frequência (EJAB), em quantidade suficiente e actualizados para a tecnologia já existente no TO;
- Tirar partido das estruturas existentes no TO, nomeadamente doutros contingentes, de forma a promover acções de treino e formação.

Considerando as actividades desenvolvidas pelas diferentes capacidades do 5.º ModAp, a missão atribuída e os resultados obtidos, pode dizer-se que todos os grandes objectivos, a que a força se propôs, foram atingidos.

O 5.º ModAp terminou a sua missão no TO do Afeganistão, em 17 de Outubro de 2010, altura em que se efectuou a transferência de autoridade para o actual Contingente Nacional.

*TCor Cav Manuel Lapa  
Cmndt 5º ModAp/ISAF*



## DRAGAO10 - BILAT TOLEDO II



LTC José Pérez Pérez - BILAT TOLEDO Cmdr

The Spanish Light Infantry Battalion "TOLEDO", has recently participated in the Exercise Sagitario 2010, attached to the PRT Int Bde, as one of its manoeuvre units. This Battalion belongs to the Regiment Principe num 3 and to the Light Airborne Bde GALICIA VII (commonly known as the BRI-LAT), which is one of the units with the highest readiness of the Spanish Army.

BILAT TOLEDO (Batallón de Infantería Ligero Aerotransportable) has a long history which started in the 16<sup>th</sup> century as one of the Tercio Viejo de Lombardía units, the second oldest European Regiment. Pikes, Harquebus and Swords have been transformed into rifles, missiles and electronic weapon systems, but the expeditionary spirit continues intact, loyal to its unit nickname "the Bold".

In its dilated history, the BILAT TOLEDO has participated in an indubitable parallel military history with other Portuguese units, sometimes confronted, but much more, sharing tactical and strategic objectives. The "Peninsula War" in the dawning of the



Sniper fusil 12'70mm. Barrett M95

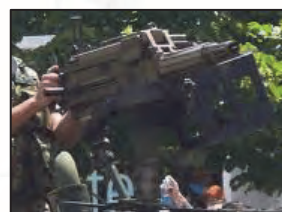


Squad AML. Heckler & Koch MG4E

19<sup>th</sup> century is an example of combined operations that are nowadays developed in NATO and ONU



MCC Rafael Spike



GL LAG 40



Amour Light Vehicle VAMTAC



Pegasus truck

operations as ISAF or UNIFIL. It is revelling to realize how Portuguese and Spanish Army share a common hero as "Viriato" an identical symbol of independence and freedom against the oppression and tyranny.

BILAT TOLEDO in peacetime is composed of three light infantry companies, a support coy and a service support company. Some of its main weapons systems are shown in the pictures below.

Its C2 capacity is granted by the Spanish RBA (Radio Básica de Area) system and SIMACET. Congruent with its light-infantry title, its tactical mobility is mainly provided by different light type vehicle as the VANTAC, Anibal SANTANA and trucks....

The BILAT TOLEDO is one of the three Infantry Bns of the GALICIA VII Bde. Although this Bde. is located in Pontevedra (Galicia), the BILAT "TOLEDO" along with the rest of the Regiment Principe num 3 has its base in the Cabo Noval Barracks in Oviedo (Asturias).

### SAGITARIO EXERCISE - SPANISH VISION

The usual BILAT TOLEDO's training system, apart from the daily training, is annually based on a 1 week field exercise per company plus a battalion level field exercise. CPX exercises, Seminars and specializations courses for individuals complete its training's concept.

The BILAT TOLEDO has specific training periods when preparing for real operations. This has been so in its recent deployments in Bosnia, Kosovo, Afghanistan and Lebanon.

Rotating with the rest of Spanish units, the BILAT TOLEDO contributes in multinational exercises as part of the NATO Response Force or the European Battle Group. Additionally, although not on a regular status, the battalion participates in combined exercises with other allied nations' units.



This is the case of the SAGITARIO Ex. The special relationship between the ESP BRILAT GALICIA VII and the POR INTERVENTION BRIGADE has provided that ESP and POR Army Staff in their mutual support exercises concept include a yearly combined exercise to promote cooperation and procedures exchange.

In April 2010, the BILAT TOLEDO was tasked to provide its Bon staff as full response cell plus a full coy for a CPX+LVX for this exercise. The Bon received on time all the necessary documentation an immediately after, designed a Liaison officer to participate in a week planning period. A specific FRAGO, named GABEIRA 1, was drawn up by POR Int Bde; this FRAGO assigned 15 tasks to the BILAT TOLEDO.

The scenario was complex and very demanding, simulating a modern warfare situation. A failed country named ARGENTA, asked for the Atlantic Alliance intervention seeking political stabilization. A deteriorated humanitarian situation and weapons smuggling was combined with asymmetric threat by realistic terrorist organizations.

TRUTA OPOORDER was the operational solution planned by the PRT IntBde. ESP TOLEDO Battalion was the 4<sup>th</sup> manoeuvre force that Major General Calçada as IntBde Commander had to solve the proposed tactical problem.

The task organization included the 3rd ESP Company of the TOLEDO Bn as attached to the TF Alfa (Based on the MGS Battalion). This attachment provided mutual cooperation and understanding.

The Spanish forces, both the 3rd Coy and the Staff Bn participated in the exercise from the 15<sup>th</sup> May to 20<sup>th</sup> May. The Bn CP was deployed in CELORICO DA BEIRA next to the IntBde HQ. The Coy was located in CARRAPICHANA.

The Exercise was properly conducted. BILAT TOLEDO CP was plugged into the IntBde Command & Control System which included a shared WISE and a Report and Returns messages system. Spanish C2 system (SIMACET) was not connected due to technical reasons; however the Common Operational Picture was obtained by having the same Situational Maps.

TOLEDO Bn, commander had direct access to the PRT IntBde, Commander whenever required, and he participated in the Battle Rhythm as scheduled, specifically during the Commander Update Conferences. Usual challenges with language difficulty were easily overcome in a very professional manner.

The ESP 3<sup>rd</sup> Coy conducted MGS Bn selected tasks as ordered, in a demanding tempo. This was done, sharing POR army standards and procedures which implied a very fruitful knowledge and lessons learned exchange. ESP 3<sup>rd</sup> Coy Commander highly regarded the fact that the Spanish flag waved together the POR one, close to the POR MGS Bn CP.

Particularly the last day of the exercise, following the established Exercise's Public Information Policy, the 3<sup>rd</sup> ESP coy participated in a cordon and search operations (as the cordon task force) in front of selected authorities and journalists.

The Exercise ended with an impressive - all assets - parade where the high POR Bde capability, fire power capacity and mobility was displayed. It was an honour to march in the presence of the Army Operational Commander Chief, accompanying so singular Army demonstration.





Exercise DRAGÃO10

## CONCLUSION AND WAY AHEAD

In multinational exercises and operations, one of the main challenges units confront is to reach a quick staff integration, looking for efficiency and synergy of effort. In other words, the high value resource of mutual support in combined operations - known as "own centre of gravity"- is normally "the cohesion of the Alliance" itself. This "desired end state" was highly met in the Exercise SAGITARIO10.

The Spanish Units cooperated with the POR forces in a very effective manner. It was concluded that ESP and POR standard operational procedures as well as corps of spirit of both units were not only compatible but also complementary. Speed and strength, discipline and loyalty, comradeship and

motivation as well as Tactics, Techniques and Procedure were revealed as very coincident and effectiveness multipliers.

As the BILAT TOLEDO's Commander and gathering the feeling of my officers and troops, I would like to highlight, among others, three main qualities observed during the Ex.

- Professionalism of the POR IntBde's members;
- Excellent relationship between civil organization and POR army;
- Operational capability of the IntBde assets.

I conclude saying, as member of the BRILAT, that the BILAT TOLEDO is not only ready but eager to continue participating in combined Exercises and operations with the PRT Int Bde.



Exercise DRAGÃO10



## EXERCÍCIOS

### COMBINADOS

#### ARRCADE CAESAR 10

O Exercício ARRCDE CAESAR 2010, organizado pelo *Allied Rapid Reaction Corps (ARRC) / NATO Rapid Deployable Corps do Reino Unido [NRDC (UK)]*, decorreu em Itália, no período de 24 a 28 de Maio, com finalidade estudar e analisar as várias etapas das campanhas Aliada e Alemã no Norte de Itália (1944-45) e assim, treinar os Oficiais de Estado-maior do QG do ARRC e das Unidades afiliadas em operações conjuntas e combinadas. Tratou-se de um evento de treino colectivo e em simultâneo um *Staff Ride* de categoria 1, na mesma linha de outros exercícios realizados sobre as campanhas da II Guerra Mundial, em que participaram, como analistas e oradores, os historiadores militares ingleses de renome mundial, Professor *Richard Holmes* e Dr. *Nial Barr*, responsáveis pela caracterização histórica das campanhas, e Oficiais especialistas nas várias áreas funcionais do conhecimento militar.



Objectivos delineados para o exercício:

- Planeamento da campanha, projecção, emprego da arte operacional e aplicação dos princípios da guerra numa perspectiva de Comando de Componente Terrestre de uma Força Conjunta;
- Estudar as relações entre os Comandante das três componentes, Aérea, Terrestre e Marítima;
- Identificar lições aprendidas para a sincronização de uma campanha, incluindo o apoio logístico;
- Analisar o Comando e a Liderança, antes e durante a batalha, nomeadamente a dimensão multinacional e o impacto das personalidades dos comandantes na tomada da decisão;
- Proporcionar ao Comandante do ARRC (COMARRC) uma oportunidade de treinar pessoalmente os seus Oficiais de Estado-maior e os das Unidades afiliadas.

Participaram no exercício os comandantes da BrigInt e da BrigRR, Unidades nacionais afiliadas a este Comando.

*Cor Cav Jocelino Rodrigues*  
Cmdt RC6

### CONJUNTOS

#### NEWFIP 10

O Regimento de Artilharia Antiaérea N.º1 esteve presente no Exercício *NATO Electronic Warfare Force Integration Program (NEWFIP)*, que decorreu nos dias 03 e 04 de Maio de 2010. O Exercício *NEWFIP* pretende testar o emprego das forças e sistemas de armas em ambiente de Guerra Electrónica (GE) é conduzido pela Força Aérea (FA) e nele participam forças de vários países da NATO.







O Exercício decorreu na região de Vila Franca das Naves, com o emprego do Radar P-STAR, dois Sistemas Stinger versão “Field Handling Trainer” (FHT) e dois Sistemas Stinger versão “Tracking Handling Trainer” (THT), de forma a materializar no terreno o Pelotão AAA cedido para o efeito. Esta opção teve o objectivo de verificar se o radar estava a funcionar em pleno detectando as aeronaves que utilizavam o espaço aéreo, assim como tomar conhecimento da reacção do radar ao ambiente de GE. A presença dos Stinger versão THT permitiu também treinar os apontadores no seguimento de aeronaves em condições próximas das reais e verificar até que ponto, o empastelamento ao radar interferia no cumprimento da nossa missão.

Durante o Exercício, nas suas fases de planeamento e execução, uma equipa de 2 Oficiais do Regimento trabalhou no CAOC 10 em Monsanto onde foi responsável por toda a coordenação entre os meios aéreos e as unidades de AAA que se localizavam no terreno.

Esta participação permitiu à Antiaérea Portuguesa, mais um vez, trabalhar em ambiente de guerra electrónica e identificar as dificuldades, capacidades e modalidades de acção a desenvolver num cenário que se pode tornar real, assim como identificar quais as lacunas que urge suprimir para que possamos responder com eficácia e eficiência aos desafios que nos são propostos.

*Alf Art Pedro Melo  
Cmndt Pel AAA/BAAA/BrigInt*

## ARMAGEDDON10



A aprovação do Conceito Estratégico da NATO de 1999, veio afirmar a possibilidade de as forças ao serviço da organização terem de actuar em teatros fora das suas fronteiras domésticas, em territórios eventualmente desprovidos de infra-estruturas e instituições governamentais apropriados.

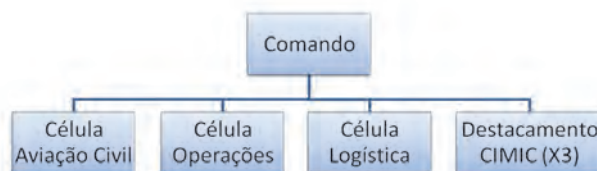
Na prática, para além do tradicional empenhamento na segurança colectiva, a organização passou a ter que fazer face a um leque mais vasto de ameaças, num contexto estratégico de grande complexidade, com grande diversidade de actores. É neste contexto complexo, que a interacção entre forças militares e o “ambiente civil” governamental e/ou não governamental envolvente, se transforma em factor crítico para o sucesso das operações.

O cumprimento da missão, implica assim a necessidade de coordenar actividades entre as forças militares e as autoridades nacionais/regionais/locais, bem como com Organizações Internacionais (IO) e Não Governamentais (NGO). As actividades

de Civil - *Military Cooperation* (CIMIC), cuja definição de acordo com a doutrina de referência se transcreve em seguida, apoiam o Comandante a alcançar este objectivo, sendo uma responsabilidade directa sua:

*The co-ordination and co-operation, in support of the mission, between the NATO Commander and civil actors, including national population and local authorities, as well as international, national and non-governmental organisations and agencies.* No âmbito NATO e na dependência do *Joint Forces Command Naples* (JFCN), existe actualmente o *Multinational CIMIC Group* (MNCG), sedeadado em *Motta di Livenza* (Itália), cuja existência resulta de um *Memorandum of Understanding* (MOU), entre o *SHAPE* e seis países participantes: Itália, Grécia, Hungria, Portugal, Roménia e Eslovénia. O MNCG pode operar em situações Art V ou não Art V, apoiando a NATO, UE ou ONU, de acordo com a decisão do seu Comité Coordenador, que integra representantes nacionais dos países participantes. A prioridade é dada à NATO, com as forças colocadas sob Controlo Operacional do JFCN. Quando em operações, o MNCG apoia ao mais alto nível da cadeia de comando.

Para além de elementos colocados no seu Estado-Maior, Portugal contribui para o MNCG com a sua unidade CIMIC nacional: a CGeral CIMIC.



Organograma da Companhia Geral CIMIC

O aprontamento da CGeral CIMIC, resultou da aceitação por Portugal da *Force Goal* (FG) EG-3782, no âmbito do Ciclo de Planeamento de Forças 1998-2000, sendo atribuída ao Exército a responsabilidade de levantar uma unidade CIMIC conjunta, por despacho de 19Mai1999 de S. Ex<sup>a</sup> o Gen CEMGFA. O Quadro Orgânico de Pessoal da unidade foi aprovado por despacho de S. Ex<sup>a</sup> o Gen CEME, de 04Mai2000, integrando 54 elementos dos três Ramos das Forças Armadas.

A Directiva 04/VCEME/2003 determinou que a CGeral CIMIC fosse um encargo do Regimento de Engenharia 1, em Ordem de Batalha, com uma prontidão de 20 dias (categoria 4), mantendo um destacamento em categoria 2 (5 dias) para a Força de Reacção Imediata (FRI). Foi também determinada a constituição de um Núcleo Permanente da unidade, sedeadado no então Comando Operacional das Forças Terrestres (COFT - actual CFT).

A Directiva Operacional 25/CEMGFA/07, confirmou o Exército como Entidade Principal Responsável para o aprontamento da CGeral CIMIC,



determinando a declaração da sua *Full Operational Capability* a fim de satisfazer os compromissos internacionais assumidos por Portugal. A esta directiva, seguiram-se a Directiva 244/CEME/07 e Directiva 34/ComOp/07, determinando as correspondentes acções a serem tomadas ao nível do Exército. Em Abril de 2009, durante o Exercício *ARMAGEDDON 2009* realizado em paralelo com o Exercício *ROSA BRAVA 2009* da BrigMec, a CGeral CIMIC foi sujeita a uma CREVAL pela IGE, tendo sido considerada operacionalmente pronta.

Como foi já referido, a CGeral CIMIC é constituída por 54 elementos dos três Ramos das Forças Armadas que se distribuem de acordo com uma organização definida pelo QOP 24.0.58, compreendendo: Comando, Estado-Maior, células de Avaliação Civil, Operações e Logística e Três destacamentos CIMIC.

A sua missão consiste em planear, coordenar e conduzir as actividades de Cooperação Civil - Militar em apoio de uma unidade até escalão Brigada.

A sua estrutura orgânica confere-lhe as seguintes possibilidades:

- Planear e conduzir operações CIMIC;
- Reforçar a capacidade CIMIC de uma brigada como toda ou parte dos seus meios;
- Fornecer módulos CIMIC a Forças Nacionais Destacadas, quando necessário;
- Melhorar a acção conjunta e criar sinergias inter-ramos;
- Aperfeiçoar a eficiência operacional e reduzir custos.

A inserção da CGeral CIMIC na estrutura do Regimento de Engenharia 1 (RE N.º1) está explici-

tada no seu organigrama, aprovado com o QOP 34.0.22 de 29 de Junho de 2009. A responsabilidade do seu levantamento está também claramente explicitada na missão do Regimento.

#### ACTIVIDADE CORRENTE E DESAFIOS

Pelo facto de se tratar de uma unidade composta por elementos dos três ramos das Forças Armadas, em Ordem de Batalha, o aprontamento da CGeral CIMIC apresenta desafios muito característicos, que só podem ser ultrapassados através da actuação do seu Núcleo Permanente, actualmente sediado no Comando das Forças Terrestres (CFT). Actividades como o controle da situação do pessoal em OB, o planeamento das actividades de instrução em Portugal e no estrangeiro, a colaboração com entidades que solicitam palestras no âmbito CIMIC, o planeamento e a participação em exercícios, justificam por si só, a actividade a tempo inteiro de um núcleo permanente dedicado a assegurar a prontidão da CGeral CIMIC, sempre que necessário.

Uma importante área de actividade a considerar no futuro, diz respeito ao possível incremento da colaboração e da participação em actividades do MNCG, entidade habilitada a conceder credenciações NATO no âmbito da instrução e do aprontamento de forças.

Pela primeira vez desde o início da série de exercícios *ARMAGEDDON*, a CGeral CIMIC realizou o seu exercício anual (*ARMAGEDDON10*) entre 14 e 21 de Maio de 2010, em paralelo com o exercício *DRAGÃO10* da Brigada de Intervenção. Dos objectivos deste último, salientam-se o planeamento e execução de acções CIMIC, nomeada-



mente através da execução de acções reais em apoio das autarquias e das populações. O Exercício ARMAGEDDON10 constituiu-se assim como componente CIMIC do Exercício DRAGÃO10, tendo a BrigInt estabelecido para o efeito, para além dos habituais procedimentos de exercício decorrentes de uma lista de eventos/incidentes previamente definida, um programa de acções *no play* (reais) concretizado através das já referidas acções em apoio das autarquias e populações.

O exercício em formato FTX que decorreu durante o período acima referido, foi antecedido de um *workshop* preparatório realizado no RE N° 1, em 6 e 7 de Maio de 2010, que contou com a presença de elementos convidados do MNCG. Os objectivos desta sessão inicial, prenderam-se fundamentalmente com a integração de elementos recém - nomeados em OB, a par da uniformização de procedimentos de acordo com a doutrina de referência.

Para o apoio à BrigInt durante o exercício, a CGeral CIMIC colocou o seu Comando e EM junto do PC da Brigada em Celorico da Beira, montando ainda com um dos seus três destacamentos um Centro CIMIC a operar na mesma localidade. Os dois restantes destacamentos foram posicionados em Mêda e Trancoso, junto dos 1º e 2º BI da Brigada de Intervenção, respectivamente. A ligação da CGeral CIMIC à Brigada, foi feita através do G9 desta última, de acordo com um conceito *plug - in*.

O conjunto de acções reais que foi desenvolvido, compreendeu a execução de trabalhos de engenharia, assistência médica e apoio a instituições diversas através da distribuição de artigos de limpeza e higiene, permitindo por um lado alcançar

o pretendido objectivo de apoio às autarquias e populações, em simultâneo com o empenhamento do efectivo da CGeral CIMIC em operações de elevado realismo. Os quadros seguintes permitem detalhar o conjunto de acções desenvolvidas:

## TRABALHOS DE ENGENHARIA EXECUTADOS

### Em Celorico:

- Pintura da escola da Ratoeira;
- Pintura do Edifício da Junta de Freguesia das Casas do Soeiro;
- Regularização do pavimento junto ao BatApSvc.

### Em Mêda

- Reboco e pintura do muro e capela do cemitério.

### Em Trancoso:

- Pintura da Associação cultural;
- Reparação e pintura do gradeamento ATL;
- Terraplanagem junto ao Campo de Futebol (Extensão 2,6 Km);

## APOIO SANITÁRIO

- **476 pacientes atendidos nos três concelhos - Celorico, Mêda e Trancoso;**
- Auscultação cardíaca e pulmonar;
- Tensão arterial;
- Rastreio de glicemia;
- Rastreio de colesterol;
- Rastreio de triglicérides;
- Rastreio de retinopatia diabética;
- Palestras sobre prevenção do alcoolismo e higiene oral.

Exercício ARMAGEDDON 10





## APOIO A INSTITUIÇÕES DIVERSAS

### Em Celorico:

- Centro Dia do Baraçal;
- Associação Desportiva e Cultural da Casas do Soeiro.

### Em Mêda

- Santa Casa da Misericórdia;
- Centro de Dia Outeiro de Gatos;
- Instituto D. Maria do Carmo Lacerda Faria;
- Escola E/B 2/3 Secundária de Mêda.

### Em Trancoso:

- Santa Casa da Misericórdia;
- Centro Social e Paroquial de Trancoso
- Bombeiros;
- Escuteiros;
- Centro Social e Paroquial de Vila de Mel;
- Jardim Infantil de Trancoso;
- ATL de Trancoso.

A realização deste conjunto de acções *no play*, a par das tradicionais acções *play*, permitiu à CGeral CIMIC beneficiar de uma excelente oportunidade proporcionada pela BrigInt para melhorar o processo de treino das suas forças, num processo que se espera ver prolongado no futuro, com resultados pelo menos tão proveitosos como os que foram agora alcançados.

TCor Eng Vale do Couto  
2Cmndt RE 1 e Cmndt Companhia Geral CIMIC

## EXÉRCITO

### ORION10

No período de 27 de Setembro a 11 de Outubro de 2010, decorreu o exercício ORION10, que materializa o exercício anual do Exército. Para este exercício, que tem por finalidade exercitar e testar as capacidades das Unidades e da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército (SFE), foram definidos os seguintes objectivos principais:

- Treinar a implementação dos Planos de Segurança/Alerta das Unidades da Estrutura Base do Exército, procurando simular a situação no Território Nacional, num período estimado de 3 meses antes do empenhamento da Componente Operacional além fronteiras. Decorreu entre 27 e 30 de Setembro;
- Testar as capacidades da Componente Operacional do SFE, sob a égide de uma Organização Internacional a actuar no âmbito duma Operação de Resposta a Crises (CRO), no planeamento e execução de missões em todo o espectro das operações terrestres e de outras actividades e tarefas comuns às mesmas, que incluam, nomeadamente, acções de estabilização e de combate ao terrorismo, operações de combate com intensidade variável, acções humanitárias e operações de informação centradas em rede, a executar na modalidade *Field Training Exercise* (FTX). Decorreu entre 04 e 11 de Outubro.

O cenário para o exercício ORION10 foi desenvolvido a partir do território nacional, que



recebeu a designação de ARGENT, país fictício, localizado no sudoeste Asiático, com uma área aproximada de cerca de 30.000 km<sup>2</sup>, e imerso num ambiente de guerra civil envolvendo as duas principais comunidades, Orange e Kaki. Num agudizar da situação imerge um conflito entre Forças de Defesa de ARGENT e o Movimento de Orange Livre (MOL), levando este último a controlar a parte Este deste país. Mais tarde, o país vizinho CUIVRE, com uma importante minoria Orange, invade ARGENT para combater as forças do MOL e restabelecer a ordem pública. Face à incapacidade das forças de defesa de ARGENT, a Comunidade Internacional preparou-se para intervir em ARGENT e CUIVRE aceitou retirar aquando da entrada das forças internacionais. Em resposta a uma solicitação do Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSC) o Conselho do Atlântico Norte (NAC) autorizou uma operação da *Organização do Tratado do Atlântico Norte* (OTAN) para implementar uma Operação de Manutenção de Paz em ARGENT. Portugal foi convidado a liderar o Comando de Componente Terrestre (LCC) de natureza multinacional, sendo esta força designada de ARGENT FORCE (ARGFOR). O Plano de Operações elaborado pela LCC previa a projecção de cinco Brigadas para o Teatro de Operações de ARGENT, tendo sido atribuído o sector Centro à Brigada de Intervenção (BrigInt) e o sector Sul à Brigada Mecanizada (BrigMec), enquanto a Brigada de Reacção Rápida (BrigRR) actuou como *Initial Entry Force*.

Depois de concluída a 1ª fase, na qual foram testados e validados os Planos de Segurança das Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército, a BrigInt deslocou-se para a região da Idanha-a-Nova onde procedeu à montagem, instalação e operacionalização do seu Posto de Comando, dando início à 2ª fase do exercício na modalidade de FTX. De acordo com o cenário descrito anteriormente, a BrigInt projectou para o terreno o seu Comando e EM, a CCS, o 1ºBI/BG, a CEng, o NSE e células de res-

posta de todo o seu encargo operacional, tendo mais uma vez demonstrado a sua capacidade de projectar e concentrar as suas forças e conduzir operações de acordo com as exigências das situações tácticas que o cenário induzia.

De realçar ainda que o exercício ORION10 constituiu-se também como o exercício START para o 1º Batalhão de Infantaria /RI13 (BI/BG) e para o Elemento de Apoio Nacional (NSE), contributos da Brigada de Intervenção para o *BattleGroup* da União Europeia do qual Portugal se constituiu como *Lead Nation*. O cenário e as condições criadas para o exercício permitiram efectuar um primeiro treino das diversas tarefas que estas forças podem desempenhar no quadro do empenhamento do *BattleGroup* liderado pela EUROFOR.

Numa breve alocução realizada logo após a demonstração integrada no *Distinguished Visitors Day*, realizado na região da Alter do Chão, em 10 e 11 de Outubro, e que contou com a participação de elementos representativos de todas as forças envolvidas no exercício, o General Chefe do Estado-Maior do Exército manifestou a sua satisfação, pelo cumprimento dos objectivos definidos e o produto final alcançado, em particular no esforço feito pelo Exército, pronto para ser empregue fora do território nacional.

*Maj Art Rui Rodrigues  
Adj G3/BrigInt*

## RAIO10

No período de 22 a 26 de Novembro de 2010 decorreu, na região de Vieira de Leiria (Fonte dos Morangos), o Exercício RAI010, da responsabilidade do Comando da Brigada de Intervenção, com vista a exercitar as Unidades de Artilharia Antiaérea (AAA) do Sistema de Forças do Exército que dispõem de sistemas míssil de AAA, na execução técnica de tiro.



Este Exercício conduzido pelo Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 contou com a participação de cerca de 230 militares e integrou uma sessão de fogos reais onde foram empregues os sistemas míssil antiaéreos, *STINGER* e *CHAPARRAL* da Bateria AAA da Brigada de Intervenção (RAAA1); Bateria de AAA das Forças de Apoio Geral (RAAA1); Bateria AAA da Brigada de Reacção Rápida (RAAA1) e da Bateria AAA da Brigada Mecanizada.

Os empenhamentos efectuados com os sistemas míssil *Stinger* (2) e *Chaparral* (3) sobre o alvo aéreo BATS foram particularmente eficazes com três alvos destruídos por impacto directo (*Chaparral*) e um impacto técnico (*Stinger*).

Esta sessão de carácter eminentemente técnico, permitiu testar diversas configurações e trajectórias dos alvos aéreos BATS, com resultados francamente positivos para todos os intervenientes, com particular destaque para os apontadores dos sistemas míssil *Stinger* e *Chaparral*.



Exercício RAI010

O exercício beneficiou, ainda, da excelente colaboração da Marinha de Guerra Portuguesa e da Força Aérea Portuguesa, que com uma Célula de Comando e Controlo de Espaço Aéreo, participou no Exercício, permitindo testar procedimentos operacionais conjuntos.

*TCor Art António Paradelo  
Cmndt GAAA*

## ZARCO10

O Exercício ZARCO 10, assumindo o mesmo nome do descobridor e colonizador da Região Autónoma da Madeira (RAM), é um exercício que se insere dentro do âmbito das Missões de Interesse Público, tendo como finalidade exercitar o planeamento operacional e a condução de operações conjuntas, visando a intervenção de Forças de Segurança, de socorro e emergência e meios das Forças Armadas (FA), em resposta a solicitações das Forças e Serviços de Segurança e da Estrutura Regional de Protecção Civil.

Este Exercício esteve natural e intimamente ligado aos exercícios ZARCO082, ZARCO091 e ZARCO092 realizados pelo Comando Operacional da Madeira, num desenvolvimento lógico de aprofundamento e experimentação das matérias trabalhadas, tendo em consideração os trágicos acontecimentos de 20 de Fevereiro do corrente ano.

As zonas de Meia Serra e da Matur, no concelho de Santa Cruz, foram palco de uma operação militar conjunta das FA, entre os dias 15 e 19 de Novembro de 2010, com o propósito de fortalecer a cooperação e interoperabilidade entre os três ramos das FA, o Serviço Regional de Protecção Civil IP-RAM e as Forças e Serviços de Segurança, sedeadas na RAM.

Como cenário para o exercício, mais especificamente no que concerne ao emprego da BtrAAA sedeadada na RAM, decorreu de 16 a 17NOV10 uma cimeira da coligação de países para realizar um balanço das operações militares e discutir o planeamento e geração de forças para 2011. A BtrAAA da ZMM recebeu como missão garantir a Defesa Antiaérea do Centro Logístico de Combustíveis na Zona Franca Industrial, no Caniçal, e do Aeroporto da Madeira entre 16 e 17NOV10 com a finalidade de conter ameaças aéreas voando a baixa e muito baixa altitude.

O Regimento de Artilharia Antiaérea N.º 1 participou no ZARCO10 através do reforço operacional da BtrAAA da ZMM com uma Secção Míssil Portátil *Stinger*, a quatro Esquadras transportadas



EXERCÍCIO ZARCO10

(pessoal, viaturas e equipamento) a partir do Continente por via marítima, facto inédito até à data. Para além da importância que este reforço teve para o desenrolar do exercício, salienta-se a troca de experiências e conhecimentos que foi possível efectuar, tendo sido deixado o repto para que intercâmbios do género possam acontecer em exercícios futuros.

*Cap Art Bruno Ladeiro  
Oficial de Ligação GAAA*



## BRIGADA

### DRAGÃO10



O Exercício DRAGÃO10 é um exercício sectorial de nível Brigada, conduzido pela Brigada de Intervenção (BrigInt) com o intuito de praticar e treinar as capacidades de planeamento, comando e controlo da Brigada, enquanto Grande Unidade da Componente

Operacional do Sistema de Forças do Exército. Teve como principal finalidade, desenvolver a capacidade e eficiência operacional das suas Unidades da Estrutura Operacional, na execução das diversas tarefas associadas às Operações de Resposta a Crises, conduzidas de acordo com orientações superiormente estabelecidas, relativamente ao treino operacional da Brigada de Intervenção para o ano de 2010.

Concomitantemente com este exercício decorreram e concorreram para os mesmos objectivos: o exercício Combinado SAGITÁRIO 10, no âmbito dos Estados Maiores Peninsulares, que envolveu a participação do Comando e Estado Maior e uma Companhia de Infantaria do Batalhão de Infantaria Toledo, do Regimento de Infantaria Príncipe da Brigada Ligeira Aerotransportada do Reino de Espanha, que participaram, respectivamente nas modalidades de CPX e FTX; e o exercício conjunto ARMAGEDDON10 no âmbito da Companhia Geral CIMIC que envolveu destacamentos CIMIC dos três ramos das Forças Armadas. Para além destas forças participaram no exercício todos os Encargos Operacionais (EOp) da BrigInt, constituindo o GAM com a Companhia Espanhola o Agrupamento ALPHA.

Como objectivos mais relevantes a atingir destacam-se: **Exercitar e testar a capacidade de**

**planeamento**, comando e controlo (C<sup>2</sup>) de operações táticas; proporcionar a **condução do treino operacional, num ambiente de armas combinadas**, com a finalidade de melhorar a proficiência e prontidão dos EOp; **exercitar a condução de operações em áreas urbanas**, através da execução de tarefas relacionadas com as operações de manutenção de paz e ajuda humanitária; **utilizar as tecnologias de informação** para implementação da arquitectura de **Comunicações e Sistemas de Informação** e testar a estrutura de C<sup>2</sup> na simulação e no apoio à condução de operações e ainda **exercitar o planeamento e execução de acções de Cooperação Civil Militar (CIMIC)** em apoio das populações.

O exercício decorreu em quatro fases principais: Planeamento operacional, CPX (treino em sala), FTX (treino no terreno) e por último mas não menos importante a fase de avaliação. Para a condução do exercício foi criado um cenário fictício, com base na Península Ibérica (países e fronteiras fictícias), que permitiu a interacção da seguinte tipologia de actores: Etnias (população), facções em conflito, líderes locais, instituições estatais, refugiados, deslocados, enclaves, infra-estruturas vitais, Organizações Internacionais (IO) e Não Governamentais (ONG), e ameaça latente à manutenção de um ambiente estável e seguro e à liberdade de movimentos de pessoas e bens.

A fase de CPX que decorreu no período de 19 a 30 de Abril, no Centro de Treino de Postos de Comando da BrigInt, em Coimbra, envolveu o treino em sala e um seminário em que foram debatidos temas com especial relevância para a BrigInt, designadamente "Organização e conceito de emprego tático de um Batalhão da *Striker Brigade Combat Team*", "Organização, conceito de emprego e racionais de edificação dos Batalhões de Infantaria da BrigInt" e por último, preparando o Comando, Estado Maior e EOp da Brigada para as tarefas futuras, "Conceito de Emprego do BG/EUROFOR/EU", por oradores respectivamente do IESM, EME e CFT.

Exercício DRAGÃO10





Exercício DRAGAO10



O treino em sala, vocacionado para o movimento das forças das suas bases territoriais e ocupação das Áreas de Responsabilidade respectivas, contou com o apoio do Centro de Simulação do Exército, através da disponibilização do sistema de simulação *Information Management System (IMS)*, que permitiu a injeção e gestão de cerca de 293 incidentes, bem como o acompanhamento das acções tomadas para a sua completa resolução.

A fase de FTX, que decorreu no período de 14 a 21Mai10 nas regiões de Celorico da Beira, Trancoso e Mêda do distrito da Guarda, orientada para o treino de actividades operacionais, nomeadamente escoltas a ajuda humanitária, movimento de refugiados e deslocados, protecção da Força, protecção aos trabalhos de engenharia, protecção de infra-estruturas vitais, campos de refugiados e deslocados, operações de recolha de informações, demonstrações de força, operações de cerco e busca e de apoio às populações. Estas acções foram despoletadas injectando 225 incidentes com recurso às Forças de Cenário (Unidade Escalão Companhia da BrigRR), à *White Cell (representando as OI, NGO e instituições locais)*, jogada pela primeira vez pela BrigInt, e a uma equipa de Árbitros e Controladores (BrigMec) responsável pela injeção de incidentes, controlo e avaliação da execução dos mesmos.

O exercício foi desenvolvido num cenário caracterizado pelas Operações Híbridas, demonstrando bem a flexibilidade operacional desta Brigada e a sua capacidade para desempenhar missões dentro de todo o espectro do conflito militar moderno. Na actualidade o emprego das forças militares

na resolução de crises e conflitos tem abarcado tarefas para além das clássicas funções de combate. É necessário garantir a segurança a governação bem como a satisfação das necessidades básicas das populações, muitas vezes recorrendo quase exclusivamente às capacidades militares. Neste sentido as forças militares devem estar preparadas para conduzir em simultâneo vários tipos de operações. A Força deve ter capacidade para conduzir concomitantemente, e em áreas de operações contíguas ou não, Operações de Combate, Operações de Estabilização e Operações Humanitárias, que permitam demonstrar a sua determinação na redução da instabilidade, bem como nas várias formas de ajuda para impedir qualquer escalada do conflito e desta forma contribuir para alcançar e manter um clima seguro e estável propício à criação de condições para a paz.

Assim, para além da vertente meramente operacional foi desenvolvido um vasto leque de actividades de Cooperação Civil-Militar, planeadas e levadas a cabo pela Companhia Geral CIMIC nomeadamente: execução de diversos trabalhos de reconstrução, reparação e pintura de infra-estruturas e terraplanagens; interacção com as gentes do Portugal profundo através de consultas sanitárias (foram atendidos cerca de 500 cidadãos na maior parte dos casos com idade avançada) e entrega de *kits* médicos e de higiene, entre outros, em apoio a 13 instituições locais; e de divulgação da imagem do Exército, pelo contacto com a população local e através da montagem e operação de uma torre multiactividades e de exposições temáticas, no âmbito das FND's/BrigInt e dos meios mais





Exercício DRAGÃO10

significativos da Brigada, contribuindo significativamente para a edificação da imagem e visibilidade da BrigInt e do Exército.



No âmbito das Comunicações e Sistemas de Informação a CTm/BrigInt implementou uma rede de dados com base nos módulos do Sistema de Informação e Comunicações – Tático (SIC-T), de modo a estabelecer a ligação do Comando da Brigada com as suas

Subunidades possibilitando o acesso aos diversos sistemas de informação disponibilizados, nomeadamente correio electrónico, partilhada de documentos, vídeo-conferência, SICCE e à rede telefónica utilizando equipamentos de voz sobre IP, vulgo VOIP.

O exercício envolveu operacionalmente um total de 1655 militares (1 479 da BrigInt, 53 da Companhia Geral CIMIC, 116 do Exército Espanhol e 7 da Argélia que nos visitaram no âmbito das relações bilaterais), 308 viaturas, 103 tendas, 16 geradores e 7 cozinhas de campanha; percorreram-se cerca de 200 000 km, consumiram-se aproximadamente 7 2000 l de combustível e 65 000 de água; efectuaram-se 64 intervenções oficiais, 110 consultas e 209 tratamentos médicos.

O exercício DRAGÃO10 decorreu num ambiente hospitaleiro e acolhedor, sendo evidentes em cada passo e lugar a amabilidade, o respeito e a admiração pela Instituição Militar, percepção que se alargou a cada militar e ao próprio Comandante da Brigada, que exaltou o extraordinário e incondicional apoio prestado pelas edilidades e munícipes

dos concelhos de Celorico da Beira, Trancoso e Mêda, da seguinte forma: **“O Exército Português, o Comando Operacional e a Brigada de Intervenção agradecem às Câmaras Municipais de Celorico da Beira, Mêda e Trancoso e a todas as demais entidades que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização do Exercício DRAGÃO10, tornando-o assim, num evento que ficará na memória colectiva de todos aqueles que, directa ou indirectamente, estiveram associados à sua concretização, o muito obrigado da Brigada, bem hajam!”**

O exercício culminou com o DVD no dia 20Mai10, com relevo para a parada militar presidida por S. Exa o Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente General Mário de Oliveira Cardoso e um desfile montado de todos os meios envolvidos no exercício, na radial exterior da cidade de Celorico da Beira, que foi muito apreciado pelos presentes.

*Cor Cav Jocelino Rodrigues  
Cmtd RC6*

## APOLO10

Decorreu de 16Jun10 a 26Jun10, na zona de Tancos e Santa Margarida, o Exercício APOLO10 da Brigada de Reacção Rápida.

Este exercício constituiu-se como o culminar de um ciclo de treino operacional da BrigRR, onde foram exercitados o seu Comando e Estado-Maior, bem como as suas subunidades operacionais.

Para além de forças da BRR, participaram também forças pertencentes a diferentes unidades do Exército, meios da Força Aérea Portuguesa, Militares da *Brigada Paracaidista del Ejercito de Tierra de Espanha* (BRIPAC) e elementos do Quar-



tel-General do *Allied Rapid Reaction Corps* (ARRC), Corpo de Exército Aliado de Reacção Rápida (NATO/UK) num total de 1200 militares.

A Bateria de Artilharia Antiaérea da BrigRR teve por missão garantir a protecção antiaérea aos aeródromos de Tancos e Santa Margarida, bem como de unidades de manobra e apoio de fogos, participando com um total de 34 Militares.

A BAAA/BrigRR teve ainda a possibilidade de participar activamente numa operação aerotransportada através do lançamento em pára-quedas de dois sistemas míssil portátil *Stinger* e respectivas Esquadras, facto inédito para a Artilharia Antiaérea do Exército.

Por fim, teve lugar uma cerimónia em Santa-rém onde se procedeu à entrega de brevets aos militares espanhóis que participaram no exercício e um desfile das forças apeadas participantes.

*Cap Art PQ Pedro Amador  
Cmdt BAAA/BRR*

## BAAA/BRIGINT no DRAGÃO10

O Regimento de Artilharia Antiaérea N.º 1 participou no Exercício DRAGÃO10, durante o período de 19 a 29 de Abril de 2010 na Fase CPX em Coimbra, e durante o período de 14 a 21 de Maio de 2010 na Fase FTX que decorreu na região da Guarda.

Este exercício conduzido pela Brigada de Intervenção, contou com todas as subunidades da estrutura operacional da Brigada e nele participaram ainda Unidades do Sistema de Forças Nacional do Exército, bem como uma delegação de Militares de Espanha.

O Exercício DRAGÃO10 teve por finalidade “exercitar e testar o planeamento, conduta e controlo de operações tácticas, por parte do Comando da Brigada e das Unidades subordinadas, no âmbito de uma Operação de Resposta a Crises.”

O RAAA 1 participou no DRAGÃO10 com a Bateria de Artilharia Antiaérea da BrigInt, materializada no terreno por dois Pelotões AA a quatro Unidade de Tiro, uma Sec Radar P-Star, e Equipas de Defesa Aérea, Transmissões, Manutenção, Alimen-

tação e Sanitária, além do Comando da Bateria, num total de 63 militares e 15 viaturas.

O primeiro Pelotão AA teve como missão a protecção Antiaérea do Posto de Comando da BrigInt, localizado em Celorico da Beira. O segundo Pelotão AA teve por missão a protecção antiaérea do 2º Batalhão de Infantaria (2º BI), que estava localizado na região de Trancoso.

Neste exercício foi possível à Bateria e respectivas subunidades, a realização de diversas tarefas de que se destacam o planeamento e condução de operações de defesa antiaérea, reconhecimento e ocupação de posições, deslocamento de uma coluna de marcha, montagem e funcionamento do PC da BAAA 24h/24h, planeamento de dispo-



sitivos de protecção AA decorrentes do desenrolar da Operação, elaboração de relatórios standard no âmbito das várias secções de Estado-Maior, reajuste do dispositivo de protecção AA consoante os incidentes ocorridos e elaboração de documentos e relatórios em Inglêss.

*Cap Art Nuno Silva  
Cmdt BAAA/BrigInt*

## Apoio a outras Brigadas



### ROSA BRAVA10

No período de 14 a 20Abr10 decorreu no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) o exercício ROSA BRAVA10 da Brigada Mecanizada (BrigMec). O 2º Batalhão de Infantaria (2BI) da Brigada de Intervenção (BrigInt) participou com a Companhia VIRIATO na 2ª fase FTX/LFX como Força de Cenário, com a seguinte orgânica: Secção de Comando, 3 Pelotões de Atiradores e Módulo de Apoio (Manutenção/Transmissões), num total de 115 militares e 16 viaturas, 13 das quais as VBR PANDUR II 8X8.



Cenário – País fictício ALFISTAN (CMSM)

Na fase FTX/LFX, a finalidade do exercício visou o treino das principais capacidades das Unidades da BrigMec em Operações de Artigo 5º bem como o planeamento e o Comando e Controlo (C2) na condução de um Ataque Deliberado. No decorrer do exercício, foi ainda possível exercitar e testar o Processo de Decisão Militar.

À Companhia VIRIATO competiu a execução de diversas tarefas, nomeadamente: preparar, ocupar e defender uma Posição de Combate de escala Pelotão e Companhia (-) no âmbito das Operações Defensivas; executar flagelações, Emboscadas Anti-Carro e Anti-Pessoal; conduzir infiltrações



Atirador em abrigo duplo

na retaguarda das forças da BrigMec com recurso a meios da Força Aérea Portuguesa (Alouette III) e apedadas, no âmbito das Patrulhas de Combate.

Em resumo, pode afirmar-se que o exercício constitui uma excelente oportunidade de treino e um desafio permanente para os militares da Companhia VIRIATO, tendo sido uma honra para os mesmos representar a BrigInt.

*TCor Inf João Godinho  
Cmndt 2BI/BrigInt*

## RAAA1 NO ROSA BRAVA10

O Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 participou no Exercício ROSA BRAVA10, decorreu no período de 12 a 21 de Abril de 2010, na Brigada Mecanizada (BrigMec), em Santa Margarida. O Exercício teve por finalidade, o treino de algumas

das capacidades das Unidades desta Grande Unidade em ambiente *three block warfare*, envolvendo acções de Ajuda Humanitária, Operações de Manutenção de Paz e Acções de Combate, numa mesma Área de Operações.

O Exercício ROSA BRAVA10 teve duas partes distintas no âmbito do Artigo V NATO: condução de acções de alta intensidade durante uma acção defensiva e a realização de uma operação ofensiva.

Durante o Exercício foram empenhados pela Força Aérea aeronaves *F-16*, *ALPHA-JET*, e *ALLOUETE III*.

Nesse contexto, o RAAA1 participou com um efectivo de 27 militares enquadrados num Pelotão Míssil Portátil *FIM-92 Stinger* e numa Secção Radar *PSTAR*, para reforçar a Bateria de Artilharia Antiaérea da BrigMec (BAAA/BrigMec).



O Pelotão Míssil Portátil *Stinger*, esteve em Apoio Directo às Forças de Manobra e recebeu quatro Viaturas Blindadas M113 do 2º BIMEC da BrigMec que foram equipadas com rádios PRC 525, terminais de armas (BMT's) e com os sistemas míssil portátil *Stinger* do RAAA1, para conferir assim, protecção antiaérea aos movimentos e à passagem de linha na acção ofensiva da Brigada, bem como conferir protecção antiaérea ao Posto de Comando da *Task Force 31*.

As principais acções, durante a segunda parte do Exercício, foram dedicadas à protecção antiaérea da *Task Force 31*, ao planeamento e reconhecimento das posições principais e de alternativa para as Unidades de Tiro e para o radar *PSTAR*, inseridos no Plano de Defesa da Força. O RAAA1 foi ainda responsável por constituir o Elemento de Comando e Controlo do Espaço Aéreo em Zona de Combate junto ao Comando da BrigMec.

A participação dos militares do Regimento no Exercício ROSA BRAVA10 possibilitou o treino e a prática dos procedimentos para a protecção antiaérea da Força, nomeadamente no empenhamento sobre aeronaves e no uso das comunicações para aviso e alerta, utilizando a mobilidade das viaturas blindadas M113.

*Alf Art Ricardo Rocha*



## ENCARGOS OPERACIONAIS

### URANO101

No âmbito do treino das Unidades Escalão Batalhão (UEB) previsto no Plano Integrado de Treino Operacional (PITOP), o Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada de Intervenção realizou no período de 28 de Fevereiro a 05 de Março, no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), o primeiro treino operacional de 2010.

O exercício compreendeu os deslocamentos administrativos das subunidades do GAC do Regimento de Artilharia N.º5 (RA5) e da Escola Prática de Artilharia (EPA) para o CMSM e o treino tático e técnico das Baterias de Bocas de Fogo (BBF).

No período de permanência no CMSM foi ocupado o Quartel Mestre D'Aviz, onde se instalou o apoio de serviços necessário à manutenção da Unidade em treino operacional no campo. O exercício tático decorreu durante os primeiros três dias e proporcionou um conjunto de actividades às BBF's, nomeadamente deslocamentos, reconhecimentos, ocupação e mudança de posições, durante o dia e noite. Conjuntamente com esta prática foram injectados incidentes tanto nos deslocamentos, como nas posições obrigando à prática das reacções adequadas a cada incidente.

A reacção a emboscadas com e sem obstrução de itinerário, a ataques NBQ, terrestres e aéreos à posição ou à coluna de marcha foram praticadas com alguma insistência de modo a que se pudessem rotinar os procedimentos adequados.

Conjuntamente com o treino da reacção aos incidentes, foi implementado a elaboração e envio dos relatórios ao Posto de Comando do GAC. Estas actividades para além de permitiram criar rotinas que facilitaram a avaliação e criação das Normas de Execução Permanentes das BBF e do GAC fundamentais para implementar a acção de comando e controlo aos vários níveis.

Exercício URANO101



Conjuntamente com as actividades das BBF foi implementado o treino de uma secção de topografia que alternadamente foi procedendo ao levantamento das posições ocupadas. Esta secção dispõe do pessoal necessário para desenvolver a sua actividade no entanto ainda não recebeu os equipamentos necessários (receptor GPS). Esta falta foi satisfeita com o empréstimo do equipamento pela EPA bem como o apoio de um Sargento de Topografia para acompanhar o trabalho efectuado.

No quarto dia, realizou-se o tiro de artilharia tendo as Baterias efectuado 49 tiros com granadas explosivas e espoletas de percussão. Para além de várias regulações seguidas de eficácias, coordenou-se com as duas BBF's, uma sessão de Tiro Simultâneo no Objectivo. Após o tiro de artilharia alguns militares realizaram tiro de manutenção com o armamento pesado orgânico das secções, metralhadora pesada *Browning* 12,7 e lança granadas HK 79.

Durante este dia, estiveram presentes o Comandante e 2º Comandante da Brigada de Intervenção, MGen Calçada e Cor Inf Passos Gonçalves, bem como o Comandante e o Sargento-mor do RA5 Cor Art Gomes da Silva e SMor Art Bessa. Para além da explicação sumária da situação do GAC e do exercício URANO101 foi possível assistir ao tiro de artilharia bem como observar alguns equipamentos que equipam as secções de observadores avançados (Sistema VIKING 2000), e os que se pretende que equipem as secções de topografia (Receptor GPS de Topografia).

O exercício envolveu um total de 183 militares (15 oficiais 28 sargentos e 140 praças) sendo 122 militares (11 Oficiais, 16 Sargentos e 95 Praças) do Regimento de Artilharia nº 5 ; 52 militares (4 Oficiais 10 Sargentos e 38 Praças) da Escola Prática de Artilharia; 7 militares (1 Sargento e 6 Praças) da Escola Prática de Serviços e 2 militares (1 Sargento e 1 Praça) do Centro de Saúde de Tancos / Santa Margarida. Para além dos militares da EPS e Centro de Saúde de Tancos / Stª Margarida, participaram no exercício um oficial e duas





praças que pertencem à sua estrutura base do RA5.

Foram envolvidas 33 viaturas (8 ligeiras, 5 médias e 20 pesadas), 22 viaturas (6 ligeiras 3 médias 13 pesadas) do RA5, 9 viaturas (2 ligeiras 2 médias e 5 pesadas) da EPA e 2 pesadas da EPS. Alguns equipamentos utilizados não pertencem ao GAC nomeadamente os atrelados de banho e latrinas cedidos pela EPS, grande parte das tendas e o gerador cedidos pela BrigInt e parte dos coletes táticos utilizados cedidos pelo RE3. A cedência destes equipamentos bem como o apoio prestado pelo GAC e Unidade de Apoio da Brigada Mecanizada foram fundamentais para a realização do exercício.

Concluído mais um exercício de treino operacional, fica a sensação do dever cumprido e a constatação de que o GAC mais uma vez fez jus à divisa do seu Regimento. “Bravos e Sempre Leais”.

*TCor Art José Conceição  
Cmdt GAC/BrigInt*

## FÉNIX102

A Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada de Intervenção (BAAA/BrigInt) planeou e executou o Exercício FÉNIX102, durante o período de 14 a 18 de Junho de 2010 que decorreu nas instalações da Bateria de Artilharia de Costa da Fonte da Telha.

Este exercício teve como finalidade “desenvolver actividades militares de treino operacional que visam a protecção da força, reacção a emboscadas de unidades de escalão secção e esquadra AA, aquando do seu deslocamento e em posição de tiro”. Para além destas actividades foram ministradas instruções de carácter geral, foi realizada uma prova prática, uma prova topográfica nocturna e efectuado diariamente treino físico de modo a fomentar o espírito de corpo, camaradagem e espírito de sacrifício.

A BAAA/BrigInt esteve presente no terreno com dois Pelotões AA, uma Equipa Sanitária, uma



Exercício FÉNIX102

Equipa de Alimentação e o Comando da Bateria, perfazendo um efectivo total de 42 militares.

Durante o exercício os militares puderam praticar e demonstrar o seu conhecimento em diversas áreas, destacando-se: a preparação do LAW para tiro; o combate em ambiente NBQ; a transmissão de mensagens; a identificação de granadas; o transporte de feridos; a reacção a emboscadas; a utilização de aparelhos de visão nocturna; a identificação de pontos e coordenadas na carta e no terreno, bem como a navegação no terreno durante a noite; e a utilização de técnicas de transposição de obstáculos, nomeadamente na realização de uma pista de cordas (ventral e paralelas verticais) e *rappel*.

O balanço final do exercício foi extremamente positivo, tendo os militares da Bateria demonstrado total disponibilidade, empenho e sentido de missão.

*Cap Art Nuno Silva  
Cmdt BAAA/BrigInt*

## MERCÚRIO10

Decorreu, de 2 a 5 de Novembro de 2010, na Serra da Cabreira, o Exercício MERCÚRIO10, parte integrante do plano anual de instrução e treino da Brigada de Intervenção para o seu Esquadrão de Reconhecimento (ERec). Os objectivos definidos para este exercício foram os seguintes:

- Treinar o plano de movimento e os procedimentos durante pequenos altos;
- Treinar o plano de ocupação e defesa de ZRn;
- Treinar os procedimentos de Planeamento Operacional incluindo a elaboração e difusão de ordens e planos;
- Desenvolver a capacidade de planeamento, condução e controlo de operações táticas de escalão Esquadrão e Pelotão;
- Treinar tarefas e missões do âmbito das Operações Ofensivas, Defensivas, Reconhecimento e Segurança;
- Exercitar a utilização de ITTm`s e operar meios de transmissões TSF e TPF;
- Treinar o estabelecimento e procedimentos do Posto de Comando do ERec/BrigInt;
- Treinar as Normas de Execução Permanente (NEP) do ERec/BrigInt e a execução de tarefas de guarnição;
- Treinar e testar o plano de carregamento;
- Navegar no terreno;
- Exercitar o sistema de alerta e Defesa Anti-Aérea e NBQ;
- Exercitar o apoio de serviço de campanha.

O ERec participou no exercício com três pelotões, 1º e 2º Pelotão de Reconhecimento e Pelotão de Morteiros Pesados. Para apoiar esta actividade, foi também empenhado um Pelotão de Autometralhadoras, actuando como força opositora.



Exercício MERCÚRIO10



A condução do Exercício envolveu várias actividades, entre as quais um reconhecimento de Itinerário e a realização de uma Operação de Vigilância. Durante o reconhecimento de Itinerário foram realizadas várias técnicas de reconhecimento, entre as quais reconhecimento de curva, ponte, e área edificada. Para além destas tarefas, foram injectados vários incidentes ao longo dos quatro dias de exercício, obrigando o Esquadrão a responder como um todo, em tempo oportuno. O pelotão de Morteiros Pesados, para além da oportunidade de efectuar

tiro de “Carga Reduzida”, em preparação para o exercício VULCANO10, garantiu o apoio de fogos indirectos ao Esquadrão durante as operações.

No Exercício foram empenhados 106 militares, 04 viaturas tácticas ligeiras, 02 médias, 02 pesadas, 08 VBR CHAIMITE e 06 v150 AM CADILAC GAGE. Esta actividade contou com a visita do Exmo. General Comandante da BrigInt e do Comandante do RC 6. Este exercício teve como finalidade a instrução e treino operacional, não apenas dos Pelotões, mas também de todo o Esquadrão, e veio a confirmar que o Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção se encontra como um todo pronto a servir a sua Brigada e o Exército Português.

Cap Cav Alberto Pinto  
Cmndt do ERec

## APRONTAMENTO DE FORÇAS

### AQUILA10

No período de 06 a 14 de Dezembro de 2010, decorreu na região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar, a fase FTX do exercício AQUILA10. Este constituiu-se como o exercício final da fase de aprontamento nacional das forças portuguesas atribuídas ao *Battlegroup* (BG) da União Europeia para o segundo semestre de 2011.

Correspondendo à 4ª fase do aprontamento, este exercício visou validar o treino ministrado durante o aprontamento nacional, pretendendo especificamente avaliar e validar os níveis de treino de aperfeiçoamento operacional alcançados pelo 1º BI/BG/UE e Elemento de Apoio Nacional (NSE), ministrados no âmbito do Plano de Treino Operacional e a capacidade operacional da Força. O exercício foi materializado através da execução de uma fase de Planeamento de Operações e uma fase de Execução, o FTX propriamente dito.

Tendo como finalidade praticar o planeamento, o controlo e a condução de operações tácticas, asso-





ciadas ao quadro das missões e tarefas passíveis de serem desempenhadas pelo 1º BI/BG/UE, garantindo a sua sustentação e operacionalidade com o apoio do NSE e assumindo como referencial o ambiente operacional associado, foram definidos para o exercício os seguintes objectivos:

- Desenvolver a capacidade de planear e controlar operações de escalão Batalhão;
- Desenvolver a capacidade de destacar, sustentar e operar com forças de escalão Companhia, para o cumprimento de tarefas específicas;
- Garantir a auto-suficiência em termos logísticos, de comunicações e segurança, ao nível do TO, com o apoio do NSE;
- Conduzir Operações através de meios terrestres orgânicos ou aéreos, aplicando a doutrina e praticando os procedimentos associados às Operações de Apoio à Paz, nomeadamente: Informações, Vigilância e Reconhecimento (ISR); cerco e busca; anti-contrabando; Anti-Tumultos; Segurança de instalações e infra-estruturas importantes; Postos de Controlo/Postos de Observação e Barragens de Itinerários; escoltas a colunas militares e/ou humanitárias; Reconhecimento Aéreo; vigilância sobre áreas sensíveis;
- Treinar as Regras de Empenhamento implementadas num TO;
- Treinar os militares nos procedimentos a adoptar com os Órgãos de Comunicação Social e com a população civil;
- Praticar o ciclo de produção de informações;
- Efectuar *Back-brief's* e Debriefingues;



Exercício AQUILA10

- Treinar os procedimentos rádio-telefónicos e de comunicações, nos diversos escalões.

Na concepção e desenvolvimento do exercício AQUILA10 foi considerado um conjunto de linhas enquadrantes, das quais se destacam as seguintes:

- Adoptar o cenário a ser desenvolvido genericamente para os exercícios FIESOLE10, TOSCANA11 e BORA11, a serem executados sob responsabilidade da EUROFOR. A situação operacional a criar para o exercício deveria contemplar operações em áreas urbanas e rurais, criando condições para aplicação de procedimentos para o apoio à manutenção da lei e da ordem e dissuasão de potenciais situações de instabilidade;
- Criar incidentes representativos de tarefas típicas no quadro das missões do BG/UE, e que possibilitassem a visualização da actuação da Força;
- Atribuir ao 1º BI/BG/UE o controlo de uma AOR;
- Localizar o NSE numa área fora da AOR do 1º BI/BG/UE para permitir validar o conceito de apoio;
- Activar um ritmo de operações similar ao utilizado num TO, com as necessárias adaptações, para cumprir os objectivos pretendidos;
- Proceder aos movimentos tácticos e tarefas logísticas inerentes ao aprontamento e deslocamento das forças na Área de Operações Conjunta (JOA<sup>1</sup>), a partir de um Ponto de Entrada (POD<sup>2</sup>);
- Durante a fase de FTX, proceder às tarefas inerentes às funções logísticas Reabastecimento, Manutenção e Evacuação/Hospitalização;
- Para efeitos de execução do exercício, constituir um DISTAFF à custa do EM/BrigInt e uma estrutura de controlo e arbitragem, reforçada com elementos de outras Unidades da BrigInt;
- Constituir as forças de cenário (SITFOR) com as próprias Unidades da BrigInt.

Sendo o 1º BI/BG/EU e o NSE as Audiências Primárias de Treino (PTA<sup>2</sup>), estas participaram no exercício com base na sua Estrutura Orgânica de Pessoal aprovada, respectivamente com um efectivo de 631 militares (35 Oficiais, 102 Sargentos e 493 Praças, dos quais 53 são do sexo feminino) sob o comando do Tenente-Coronel de Infantaria, José Manuel dos Santos Sá, do Regimento de Infantaria Nº 13 em Vila Real e com 144 militares no NSE (14 Oficiais, 40 Sargentos e 90 Praças, dos quais 18 são militares do sexo feminino) sob o comando do Maj Inf João Paulo Alves, do Regimento de Infantaria 19 em Chaves.

Participam ainda no exercício um Destacamento de Helicópteros, dois aviões F16 e uma Equipa de Controlo Aéreo Táctico da Força Aérea Portuguesa (FAP) e uma ambulância medicalizada, constituindo-se esta o terceiro contributo nacional para o BG da União Europeia. Assim, no total, participaram directamente no exercício cerca de 900



militares, destacando-se, para além das audiências de treino, os efectivos do Comando da BrigInt, que assumiu o controlo do exercício (EXCON) e do Regimento de Cavalaria Nº6, de Braga, que garantiu todas as forças de cenário e as equipas de controlo e arbitragem. A estes militares deverão ainda ser aumentados os efectivos que através das suas Unidades fizeram o apoio às actividades do exercício, relevando-se neste particular o RI19, o que elevou para cerca de um milhar o número de militares envolvidos no AQUILA10.

Na sua parte de execução, o exercício AQUILA10 foi conduzido entre 22Nov10 e 14Dec10, com o seguinte calendário genérico:



Exercício AQUILA10



Exercício AQUILA10



Exercício AQUILA10

- Fase de Planeamento das Operações por parte das PTA – 22Nov10 a 02Dec10;
- Fase de FTX de 06 a 14Dec10, englobando as seguintes tarefas: projecção para área de exercícios, em 06DEC10; operações, entre 07 e 13DEC10; Avaliação da Prontidão para o Combate (CREVAL), em 09 e 10DEC10; *Open Day*, em 10DEC10 e retracção da Força, em 14 Dec10.

De acordo com o conceito aprovado para o exercício, na execução do mesmo, o EXCON operou a partir do RI19, garantindo as funções de controlo, mas representando também todas as entidades não participantes no exercício e cuja materialização era necessária para garantir as condições desejáveis às audiências de treino. Ao 1º BI/BG/UE foi atribuída uma Área de Operações tendo por base o concelho de Vila Pouca de Aguiar. O NSE e os meios aéreos apoiaram a operação, operando a partir do Aeródromo de CHAVES. Foi com base nesta matriz de actuação e através da criação de incidentes representativos de tarefas típicas no quadro das missões do BG/EU, implementando um ritmo de operações similar ao utilizado num TO, que se desenvolveram as actividades conducentes ao cumprimento dos objectivos definidos anteriormente.

Para avaliar e validar os níveis de treino de aperfeiçoamento operacional alcançados pelo 1º BI/BG/UE e NSE e a respectiva capacidade operacional, a Inspeção-Geral do Exército (IGE) efectuou uma CREVAL às duas forças e que deverá conduzir à emissão da respectiva certificação nacional.

Não tendo sido intenção a organização de um DVD<sup>4</sup>, optou-se pela organização de visitas às diversas actividades em curso no exercício, de acordo com o interesse demonstrado por diversas entidades que pretendiam ter contacto presencial com o mesmo. Assim durante um *Open Day* visitaram a área do exercício altas entidades militares do Exército, representantes da FAP, uma delegação de Oficiais do Exército Marroquino, no âmbito das relações bilaterais Portugal-Marrocos, e diversos OCS. Relevando o incedível e pronto apoio prestado no planeamento e execução do exercício por parte de diversas entidades civis locais, foi organizada uma visita ao evento especificamente para estas entidades, materializando assim esta excelente ligação e colaboração.

O exercício decorreu de acordo com o planeamento executado, tendo na generalidade sido atingidos os objectivos propostos. É de destacar a excelente coordenação entre as unidades terrestres e as da Força Aérea, garantindo-se assim a consolidação de um processo de colaboração entre a BrigInt e a FAP e que se revelou fundamental para que os respectivos objectivos de treino fossem amplamente atingidos.





Com a execução deste exercício conclui-se a fase de aprontamento e certificação nacional das forças nacionais atribuídas ao BG da União Europeia para o segundo semestre de 2011. Apesar da necessidade de pequenos acertos pontuais, a capacidade, o profissionalismo e a flexibilidade dos militares portugueses ficou uma vez mais patente e consolidou o conceito de emprego da força blindada de rodas nos diversos cenários equacionados pela União Europeia.

*TCor Inf António Oliveira  
Chefe G3 BrigInt*

1. *Joint Operations Area.*
2. *Port Of Debarkation.*
3. *Primary Training Audiences.*
4. *Distinguished Visitors Day.*

## **NATIONAL SUPPORT ELEMENT (NSE)**

No âmbito do levantamento e aprontamento do *Battlegroup* da EUROFOR foi cometido ao Exército e à Brigada de Intervenção, a organização e aprontamento do Batalhão de Infantaria (BI), e o *National Support Element* (NSE), tendo por base o Comando do Batalhão de Apoio de serviços sediado no Regimento de Infantaria N.º 19, em Chaves. A missão do NSE/BrigInt/BG é apoiar o *Battlegroup* como Elemento de Apoio Nacional à componente Nacional, preparando-se para ser projectado durante o 2º semestre de 2011, se solicitado. Integra um efectivo máximo de 144 militares de várias Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército. O RI 19 é a Unidade responsável por apoiar o aprontamento do NSE/BrigInt/BG, de acordo com as orientações e áreas de interesse definidas na Directiva Nº23/BrigInt/10 - Aprontamento para o BG/EU – 2ºSem 2011.

O aprontamento iniciou-se em 12 de Julho de 2010 com o objectivo de organizar, preparar e

treinar a força para desempenhar as tarefas inerentes à sua missão. Para este efeito, a instrução e treino compreendeu a execução de diversas tarefas e procedimentos técnicos e táticos necessários ao cumprimento das possíveis a atribuir ao NSE, nunca descurando as adequadas medidas de protecção e segurança da Força.

A Formação e o Treino revestiram-se de cariz eminentemente prático, tendo sido realizados em ambiente de grande exigência física no sentido de criar automatismos e incrementar o espírito de corpo, dentro das regras e níveis de segurança estabelecidos. Tendo em vista a validação e teste dos conhecimentos e procedimentos individuais e colectivos entretanto adquiridos, foi realizado o Exercício MEDULA10, no período de 13 a 22 de Setembro, que constituiu o culminar da 1ª Fase (Nivelamento).

Ainda no período de Aprontamento, o NSE participou no exercício anual ORION10, que decorreu no período de 04 a 11 de Outubro de 2010, tendo ocupado a posição de Alter-do-Chão juntamente com o Hospital Militar de Campanha e elementos da Polícia do Exército.

Como corolário e com a finalidade de certificar, a nível Nacional, o NSE e o Batalhão de Infantaria (BI) constituindo a fase final de Aprontamento Nacional das Forças atribuídas por Portugal ao *Battlegroup* para o segundo semestre de 2011, o NSE participou no exercício ÁQUILA10 que decorreu no período de 06 a 14 de Dezembro de 2010, no distrito de Vila Real (região de Vila Pouca de Aguiar e Chaves), cujos objectivos principais, para além da certificação nacional, incluíram o planeamento, controlo e a conduta de operações táticas, associadas ao quadro das possíveis missões a desempenhar pelo Batalhão de Infantaria do *Battlegroup* sem perder de vista a crucial garantia da sua sustentação e operacionalidade através do apoio prestado pelo NSE.

*Maj Inf João Alves  
Cmdt NSE/BG/EUFOR*





## BI/BG/ERF



BRUXELAS, o oferecimento de um *Battlegroup* (BG) com base na EUROFOR (ERF).

Para o efeito de organização, levantamento e aprontamento deste BG a ERF constitui-se como *Framework Nation (FwN)* e Portugal assume as funções de *Lead Nation (LN)*.

O ERF EU BG 2-2011, para além da participação nacional, conta também com a participação da FRANÇA, da ESPANHA e da ITÁLIA.

A participação nacional integra várias capacidades entre as quais 01 Batalhão de Infantaria.

Neste âmbito a Directiva Nº26/10 do Comando das Forças Terrestres (CFT) relativa ao APRONTAMENTO PARA O BG/EU – 2º Semestre de 2011, atribui à Brigada de Intervenção (BrigInt) a missão de organizar e aprontar, entre outros contributos, o Batalhão de Infantaria (BI), para estar disponível e pronto a integrar o BG da ERF no período de 01JUL11 a 31DEC11, tendo como potencial área de emprego um raio de 6 000 Km de Bruxelas, podendo no entanto ser empregues em qualquer

local a nível global, sob a égide da UE, da NATO ou da ONU.

Nesta sequência o aprontamento do BI/BG/ERF foi cometido pelo Exmo Comandante da Brigada de Intervenção ao Regimento de Infantaria N.º13 (RI13).

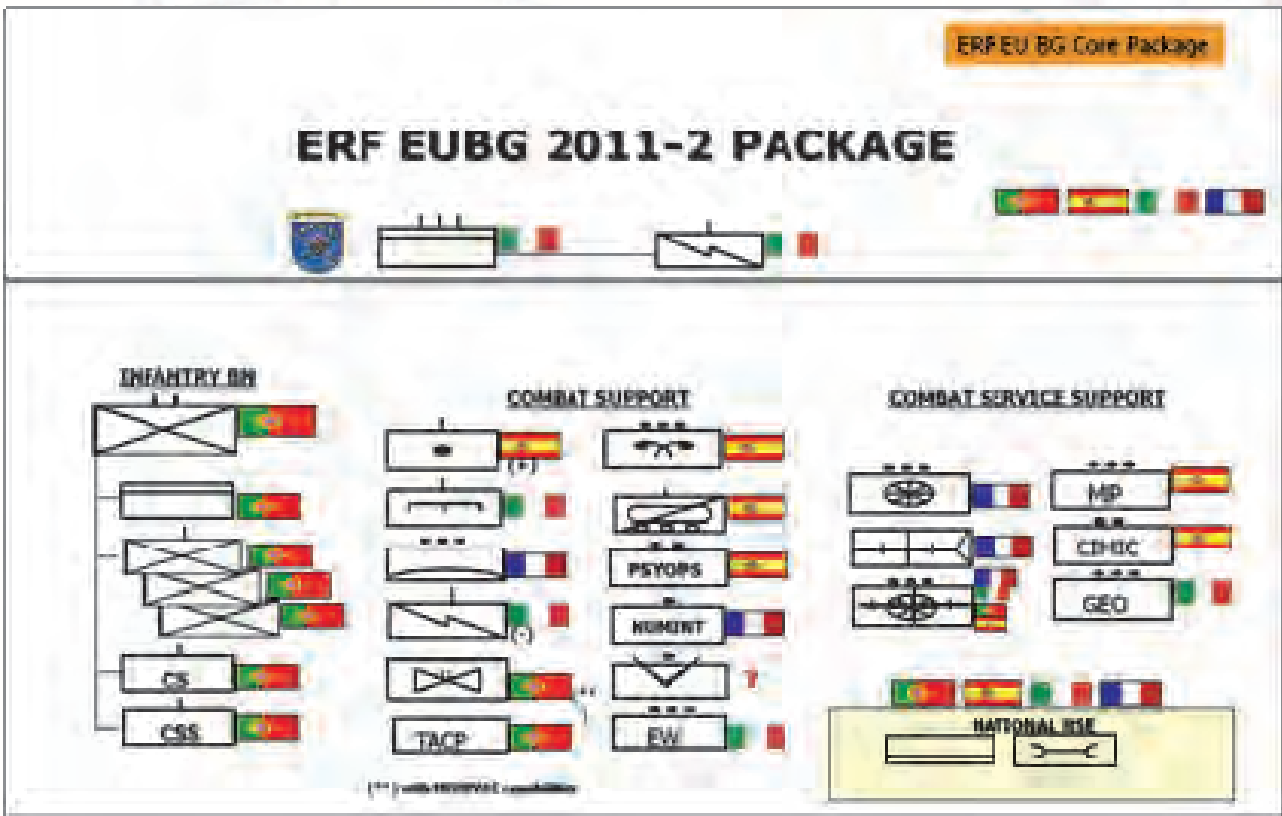
## ORGANIZAÇÃO

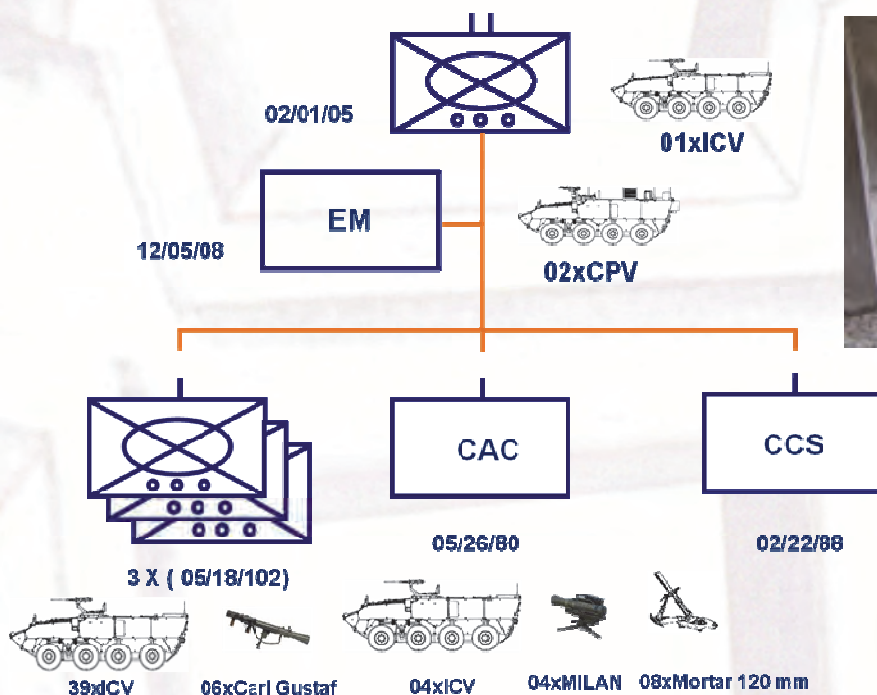


O BI tem como estrutura base o 1ºBI/RI13/BrigInt cuja Estrutura Orgânica de Pessoal (EOP) é constituída por um efectivo de 631H, sob comando do Tenente-Coronel de Infantaria, José Manuel dos Santos Sá, do RI13 e está articulado da seguinte forma: 01 Comando e Estado-Maior (EM) (33 H); 01 Companhia de Comando e Serviços (CCS) (112 H), 03 Companhias de Atiradores (CAAt) (125 H cada) e uma Companhia de Apoio de Combate (CAC) (111 H).

Para a sua constituição, o BI/BG/ERF, conta com o contributo em meios materiais e humanos das seguintes U/E/O:

–O RI13, através do 1ºBI, garante o Comando, o Pelotão de Reabastecimento e





treino organizado em três períodos: o Período de Treino Nacional, o Período de Treino Multinacional e o Período de Emprego ou *Stand-by*, subdividindo cada um em fases distintas.

O esforço para o período de aprontamento nacional, foi orientado para preparar o BI de forma a atingir os critérios de Certificação Nacional, que teve por base o Volume VII (*Combat*

*Readiness Evaluation of Land HQs and Units (CREVAL)*) - PART III – UNIT EVALUATION de 01FEV09 do *ALLIED COMMAND OPERATIONS FORCES STANDARDS*.

O treino operacional foi ainda orientado de forma a treinar e aperfeiçoar as tarefas críticas que permitam realizar o conjunto de missões que poderão vir a ser atribuídas, tendo como referência as



missões que os BG devem estar prontos a desenvolver no âmbito da União Europeia, tais como: Missões Humanitárias; Missões de Evacuação; Missões de Manutenção da Paz;

Missões de forças de combate em gestão de crises; Missões de restabelecimento da paz e Outras missões contempladas pelo Tratado Constitucional da União Europeia, de menor probabilidade de emprego (Acções conjuntas em matéria de desarmamento; Missões de aconselhamento e assistência em matéria militar; Missões de prevenção de conflitos; Luta contra o terrorismo; Operações de estabilização após conflitos; Missões que possam contribuir para a luta contra o terrorismo, no próprio território da EU).

O Período de Treino Nacional decorreu entre 12JUL10 e 22DEC10 tendo sido conduzido inicialmente nas Unidades de origem e posteriormente, numa fase conjunta com o BI concentrado no R113.

- Transporte e o Módulo de Manutenção da CCS; as 1ª e 2ª CAT e o Pelotão Anti-carro da CAC;
- O Regimento de Infantaria nº 14 (RI14), através do 2ºBI, garante a 3ª CAT;
- O Regimento de Cavalaria nº 6 (RC6) garante o Comando, a Secção de Vigilância do Campo de Batalha e o Pelotão de Reconhecimento da CAC;
- O Regimento de Artilharia Anti-aérea garante o Pelotão de Morteiros Pesados da CAC;
- A Escola Prática de Transmissões garante o Módulo de Comunicações e Sistemas de Informação/CCS;
- O Hospital Militar Regional Nº1 garante o Módulo Sanitário da CCS.

## PREPARAÇÃO

O aprontamento foi planeado e conduzido de forma gradual dos mais baixos escalões até à unidade completa, incluindo períodos de preparação nos Regimentos de origem das forças e períodos de preparação com o BI reunido no R113, que se constituiu como unidade aprontadora. De forma a englobar o treino operacional das forças, as acções de formação necessárias, a manutenção das capacidades adquiridas ao longo dos períodos de vigência do ERF BG, sendo o





Este Período foi dividido em quatro fases distintas:

A 1ª Fase – Nivelamento (12JUL a 31AGO10), visou o treino de tarefas para manter e aperfeiçoar as competências relativas às tarefas individuais e colectivas aos baixos escalões. Nesta fase ainda foram executadas as actividades de *IN PROCES-SING* (12 a 16JUL10), de forma a coordenar todos os aspectos administrativos e efectuar o levantamento de necessidades de formação e, em paralelo, iniciar a instrução e treino operacional previsto na Fase I (Nivelamento), acções de informação e familiarização com equipamentos.

A 2ª Fase – Treino Convencional (01SET a 15OUT10), visou treinar as tarefas de acções convencionais até escalão Companhia. Nesta fase realizou-se o exercício **START**, em simultâneo com o



exercício **ORION 10**, no período de 06 a 11OUT10, com a finalidade de validar a instrução ministrada na 1ª e 2ª fases e, após este exercício, efectuou-se tiro com todo o armamento orgânico do Batalhão no Campo Militar de Santa Margarida, no período de 12 a 15OUT10.

A 3ª Fase – Treino Orientado para a Missão (18OUT a 03DEC10) visou treinar as táticas, técnicas e procedimentos de Batalhão e habilitar os militares do BI com o conhecimento dos possíveis cenários de emprego do BG.

A 4ª Fase – Avaliação (06 a 17DEC10) foi conduzida pela Inspecção Geral do Exército, para validar o treino ministrado e culminou com a certificação a nível nacional do Batalhão.

O Período de Treino Multinacional decorre entre 01JAN11 e 30JUN11 e visa o Treino Combinado, através da execução de exercício de prontidão. Culmina com a realização do exercício **DRA-**

**GÃO-PADRELA 11** do tipo **LIVEX/INVITEX**, incorporando as capacidades nacionais disponibilizadas, elementos do FHQ e unidades/células de resposta das restantes capacidades incluídas no *BG Package*, disponibilizadas pelos outros Estados Membros da ERF.

O Período de Emprego ou *Stand-by* decorre entre 01JUL11 e 31DEC11 e caracteriza-se pelo estado de prontidão de Categoria 3 (5-10 dias NTM).

## EXERCÍCIOS



### START

Como já foi referido, o BI participou no Exercício **START10**, de 06 a 15OUT10, em simultâneo com o Exercício **ORION 10**, em **MONFORTINHO**, no período de 06 a 11OUT10 e numa 2ª fase no **CAMPO MILITAR** de **SANTA MARGARIDA (CMSM)**, no período de 12 a 15OUT10, onde realizou uma sessão de fogos reais com as suas armas orgânicas.

### AQUILA

O exercício **“AQUILA”** culminou a fase de aprontamento nacional das forças nacionais atribuídas ao





*Battlegroup* e correspondeu à 4ª fase do aprontamento, onde o treino ministrado foi avaliado e validado. Este Exercício decorreu nas regiões de CHAVES e de VILA POUÇA DE AGUIAR, no período de 06 a 14DEC10, tendo o BI estabelecido o seu



aquartelamento na fábrica desactivada da TABOPAN e destacado a 2ª Companhia de Atiradores para a região de TRESMINAS.

No final do Exercício AQUILA, o BI concluiu a fase de treino nacional, tendo a IGE certificado a força para ser disponibilizada para o *Battlegroup* da União Europeia.

### FIESOLE 10



Nos dias 15 e 16NOV10, o Comandante e o Oficial de Operações do BI participaram no Key Leaders Training (KLT) durante a realização do Exercício FIESOLE 10, que decorreu no QG da EUROFOR, em FLORENÇA de 08 a 17Nov10. Este Exercício teve como principal objectivo desenvolver o Processo de Planeamento Operacional da fase de preparação e o treino de procedimentos ao nível do Force HQ, tendo em vista a reali-



zação dos exercícios TOSCANA e BORA. No decorrer deste Exercício foi, ainda, intenção conduzir, em simultâneo, um KLT, onde os Oficiais do EM do FHQ apresentaram os conceitos aos Comandantes Subordinados e estes, por sua vez, apresentaram as suas forças.

### O FUTURO

O ERF EU BG 2-2011 terá a sua fase de aprontamento operacional (Multinacional) durante o 1º semestre de 2011, concluído até um mês antes do período de prontidão (*Stand-by* de 01Jul11 a 31Dec11).

Neste momento o BI encontra-se no período de treino Multinacional com as suas subunidades disseminadas pelas Unidades de origem a continuar o treino de forma a manter e aperfeiçoar as capacidades adquiridas na fase nacional.

Este período culmina com a realização do Exercício DRAGÃO-PADRELA 11, estando ainda prevista a realização do Exercício do BI, JUPITER10, e a participação de uma célula de resposta do BI nos Exercícios da EUROFOR TOSCANA 11 (MEL/MIL) e BORA 11 que terão lugar em FLORENÇA, ITÁLIA. Este último é um exercício de Posto de Comando Conjunto e Combinado (CPX) ao nível do FHQ, incluindo as suas subunidades, e tem por objectivo final certificar o FHQ e o *BG PACKAGE*.

A instrução e o treino operacional irá continuar assentar nos padrões da eficácia, eficiência e rigor, orientado, essencialmente, para a prática, onde se pretende manter o ambiente de grande exigência física e desconforto com a finalidade de manter, criar e incrementar novos automatismos e espírito de corpo, dentro das regras e níveis de segurança estabelecidos, tendo como único objectivo o cumprimento da missão que lhe foi atribuída fazendo, desta forma, jus à divisa do BI/BG/ERF, *“POR ÚNICO MÓBIL A HONRA E A DIGNIDADE”*

TCOR INF José Sá  
Cmtd BI/BG/ERF



## A PARTICIPAÇÃO DE PORTUGAL NO ESP FwN BATTLEGROUP

Na sequência do despacho S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Defesa Nacional de 30Jan09 foi autorizada a participação de uma Companhia de Engenharia de Apoio Geral (CEng A/G) e militares do Exército para integrarem, respectivamente o ESP FwN BG e o Force Headquarters (FHQ), durante o 2º semestre de 2010.

Em sintonia com as directivas enquadrantes do escalão superior, iniciou-se o aprontamento da CEng/ESP FwN BG em 1 de Julho de 2009, para integrar o ESP BG-UE, que deveria estar certificado para eventual projecção e empenhamento no segundo semestre de 2010. O aprontamento foi atribuído ao Comando da Brigada de Intervenção (BrigInt) e estruturado com base nos efectivos da CEng/BrigInt do Regimento de Engenharia nº 3, com sede em Espinho.

A CEng/ESP FwN BG tem como missão fornecer apoio geral de engenharia ao ESP BG-UE, através da execução de trabalhos de apoio geral,

protecção, mobilidade e contra-mobilidade. As suas capacidades, com o efectivo e material completos são:

- Assegurar o reconhecimento de Engenharia e a produção de informações de Engenharia;
- Com o Pelotão de Equipamento garantir a capacidade de Construções Horizontais, constituindo no máximo 3 Equipas;
- Com os Pelotões de Engenharia garantir apoio de construções verticais, constituindo no máximo 4 equipas.

O aprontamento da CEng ESP FwN BG decorreu nos seguintes períodos:

- Período de Treino Nacional – 01Jul09 a 31Dec09;
- Período de Treino Multinacional – 01Jan10 a 30Jun10;
- Período de emprego ou *Standby* – 01Jul10 a 31Dec10.

APRONTAMENTO DA CEng ESP FwN BG – FASES		
Período de Treino Nacional	Período de Treino Multinacional	Período de Emprego ou Stand-Byl
Fase I Treino na Área Funcional e Procedimentos Táticos	Fase V Treino combinado, Exercícios de prontidão e exercício LIVEX em Espanha	Fase VI Exercícios de Manutenção de Prontidão
Fase II Nivelamento		
Fase III Treino Orientado para a Missão		
Fase IV Exercício de certificação nacional.		

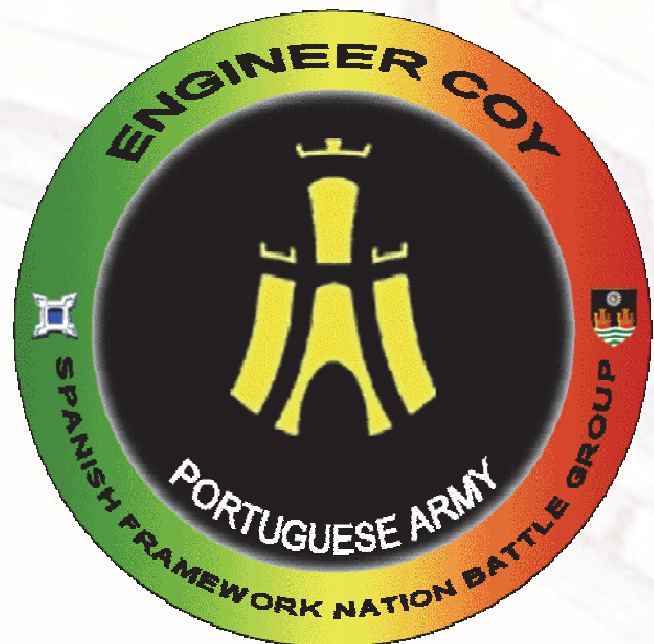
Foi considerado o mês de Junho de 2010 como data limite para o estabelecimento da Capacidade Operacional Completa (*Full Operational Capability* (FOC)) da CEng ESP FwN BG.

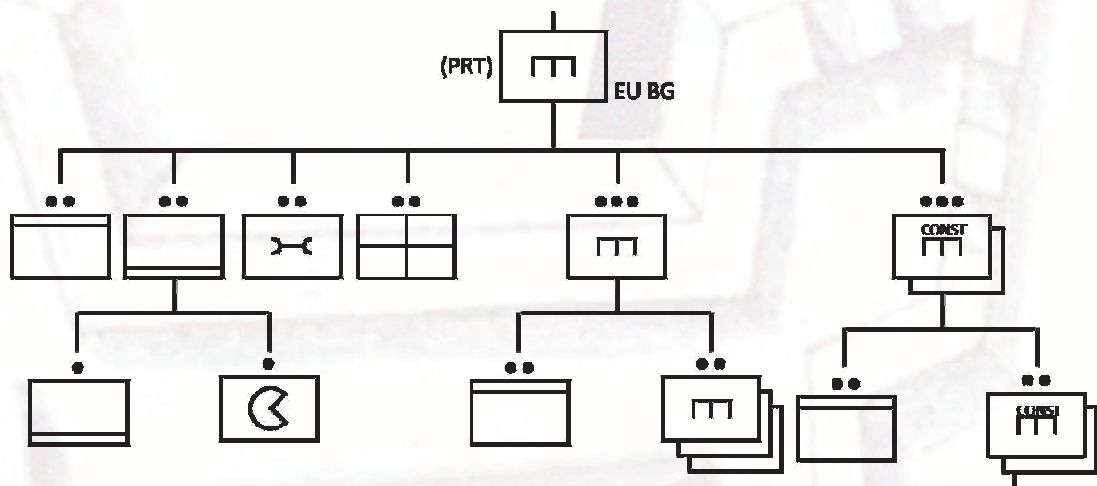
No ESP FwN BG (2/2010) participam forças da Espanha, Portugal e França.

A Transferência de Autoridade (TOA) da Força portuguesa só será efectiva após a atribuição da missão e conseqüente elaboração do Plano de Operações (OPLAN) do BG.

Caso haja emprego no período de *Standby*, constituem responsabilidade nacional, a projecção para o TO, a sustentação e a retracção da força.

A estrutura de pessoal da CEng/ESP FwN BG contempla os seguintes efectivos: 5 Oficiais, 30 Sargentos e 126 Praças.

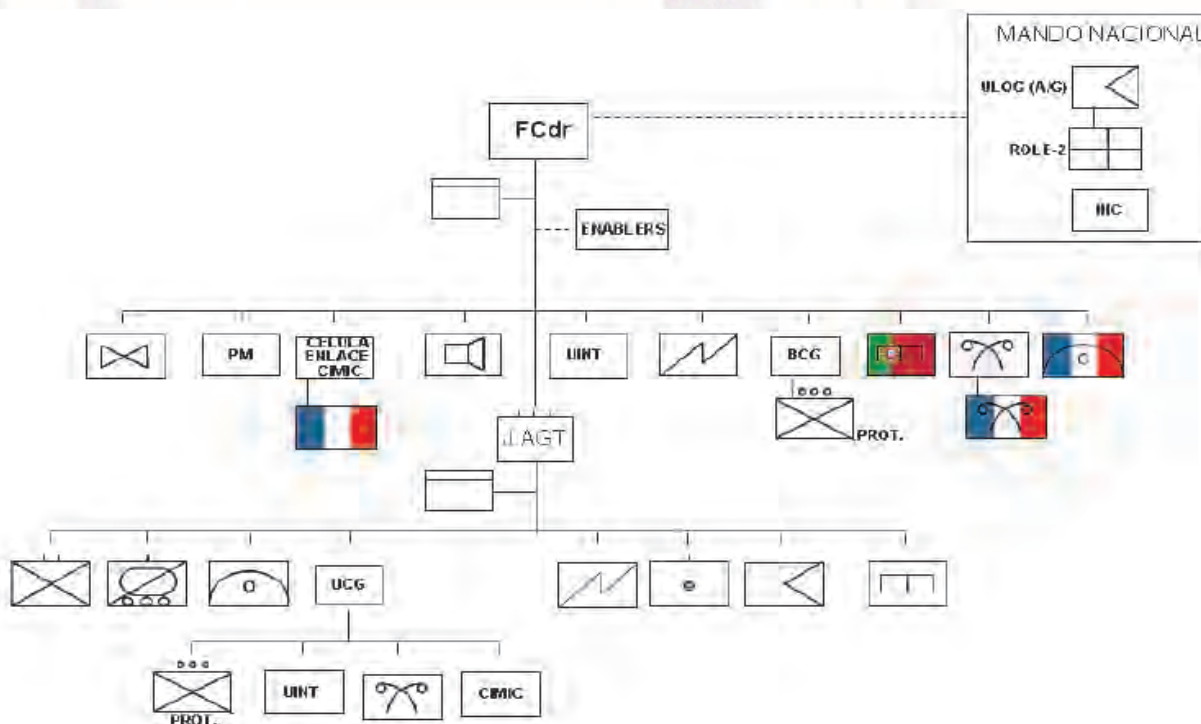




Organograma CEng/ESP FwN BG

O FHQ do ESP FwN BG terá por base o *NATO Rapid Deployable Corps (NRDC)* de VALÊNCIA e a designação de *Operational Headquarter (OHQ)*, à

semelhança do BG 1-2008, será uma responsabilidade da França e ficará localizado em *Mont Valerien* (Paris).



Organograma do ESP FwN BG 2/2010

A CEng ESP FwN BG deverá cumprir com especial ênfase os seguintes Requisitos da Força:

- Grau de prontidão durante a fase de *Standby* categoria 3 (5/10 dias *Notice to Move* (NTM));
- Pessoal e equipamento a 95%;
- Auto-sustentável por um período de 30 dias (podendo actuar por períodos até 120 dias com capacidades logísticas adicionais);
- Projectável e interoperável;
- Uma vez atribuída, durante os períodos de treino Multinacional e de *Standby*, não deverá integrar nenhum outro compromisso (dupla atribuição);

- Uma estrutura de comando flexível.

A CEng/ESP FwN BG teve como objectivo atingir um nível de apontamento que possibilite fornecer apoio geral de Engenharia ao ESP BG-UE, através da execução de trabalhos de apoio geral, protecção, mobilidade e contra-mobilidade. Vai de encontro à missão de designar forças disponíveis para assumir operações com elevado nível de autonomia, com pouco tempo de pré-aviso e maioritariamente, mas não exclusivamente, para actuar sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU), inserindo-se assim nos conceitos primordiais de *Battlegroup*.



No âmbito do aprontamento da CEng/ ESP FwN BG decorreu em 26 e 27 de Janeiro de 2010, no Regimento de Infantaria nº 19 em Chaves, uma CREVAL<sup>1</sup> com o objectivo de avaliar a capacidade da força e propor a correcção de eventuais anomalias.

Esta CREVAL enquadrou-se na fase IV do aprontamento (exercício de certificação nacional). A anteceder o exercício de certificação nacional foi levado a cabo o exercício D. Pedro, no qual a Companhia testou e implementou os planos de carregamento, deslocamento e ocupação de posição.

Tanto a Equipa de Inspeção como o comando da BrigInt ficaram agradados com o desempenho da companhia e empenho do RE3 durante esta fase do aprontamento.

Foram levantados alguns aspectos com espaço para melhorar, havendo no entanto tempo, visto que foi considerado o mês de Junho de 2010 como data limite para o estabelecimento FOC da CEng/ESP FwN BG.



Durante a fase de aprontamento a CEng/BG participou no Exercício da Brigada de Intervenção, DRAGÃO10, que decorreu no período de 14 a 21Mai10. Durante a condução do exercício executou tarefas de construção, beneficiação e manutenção de infra-estruturas. Reconheceu e executou trabalhos gerais em prol de acções CIMIC, nas zonas da Mêda, Celorico da Beira e Trancoso. Em simultâneo, e durante todo o aprontamento, manteve os dois destacamentos de construções horizontais a operar no Sabugal e na Covilhã.

Ainda durante esta fase foram realizadas diversos trabalhos pela CEng BG em diferentes áreas, dos quais se salientam os seguintes:

- Remodelação de edifício para parque de Viaturas Blindadas de Rodas e reparação e pintura do muro exterior no RE 3;
- Reparação e pintura das fachadas de um edifício no Comando das Forças Terrestres, em Oeiras.

Em 01Jul10 a CEng/BG entrou na fase VI, período de emprego ou *Standby*. Neste último período de 27 a 11Out10, participou nas duas fases do exercício ORION10. Na 1ª fase esteve empenhada no RE3, nos testes de prontidão da Unidade. Na 2ª fase realizou trabalhos no âmbito das construções horizontais e verticais. Com um destacamento de construções horizontais em Termas de Monfortinho conduziu trabalhos de beneficiação de caminhos florestais e trabalhos de terraplanagem de uma plataforma para heliporto no Quartel dos Bombeiros de Penha Garcia. Com os seus destacamentos de construções verticais elaborou trabalhos de requalificação da Avenida Conde da Covilhã em Termas de Monfortinho e recuperação de margem de leito de uma ribeira em Idanha-a-Nova.

No âmbito das comemorações do bicentenário da Batalha do Buçaco, foi solicitado à companhia apoio para trabalhos de beneficiação e preservação do património em diversos prédios militares afectos ao Museu Militar do Buçaco, entre as quais se destacam: reparação e pintura de muros e fachadas, e reparação de caminhos e valetas. Os trabalhos decorreram de 19Jul10 a 13Ago10.

Além do empenhamento estritamente relacionado com as competências técnicas inerentes à Engenharia, a Companhia esteve envolvida na segurança de infra-estruturas sensíveis, aquando da realização da Cimeira da NATO em Lisboa.

Em 31Dec10 termina a fase VI, período de emprego ou *Standby*. A base desta força irá integrar a Unidade de Engenharia Nº 10 para a UNIFIL a ser projectada para o TO do Líbano em Junho de 2011.

Maj Eng Miguel Rodrigues  
Cmdt CEng/ESP FwN BG

1. *Combat Readiness Evaluation (Avaliação da Prontidão para Combate).*





## NEW DOCTRINAL HQ ALLIED RAPID REACTION CORPS (HQ ARRC)<sup>1</sup> ECHOES

### **Achieving Unity of Purpose in Hybrid Conflict<sup>2</sup>** **Introduction**

(...) This paper analyses the experiment drawing relevant conclusions for HQ ARRC's involvement in operations in ISAF in 2011 and, more widely, for higher level multinational HQs of the future.

HQ ARRC established its period of experimentation in order to contribute to the debate within NATO and Partner Nations as to how to best build credible and functioning Comprehensive Approach capabilities with a specific focus on flexible command and control structures and civilian-military co-operation in hybrid conflict. Within academia there is real momentum and understanding that change is needed to bring about a whole government approach that will deliver results on the ground during current and future missions such as Afghanistan.

However at present as nations adapt 'in contact' and are focused on the current fight within an environment of ever decreasing resources, there is a distinct lack of experimentation being undertaken into how this is to be achieved; what are the structures and processes needed to enable this to work? How will different organisations interact? Over the last 12 months, HQ ARRC has focused its efforts to try and operationalise the concepts and experiment with the processes to try and formalise a working model that can enhance the debate and be used as a template for other HQs across NATO and within the UK.

As the leading multinational<sup>3</sup> NATO High Readiness Force (Land) [HRF(L)] HQ in between

deployments to ISAF, HQ ARRC was in an ideal position to take its own and others' recent lessons from operations along with the latest innovations in UK and US doctrine and experiment with a number of capability initiatives. It sought to ensure the HQ's structures and processes were optimised to meet the complex challenges of contemporary stabilisation operations which need to be conducted in a manner that integrates, at worst, unity of understanding and, at best, unity of action with civilian partners and the Host Nation (HN). To achieve this required 5 key changes to the HQ's thinking and structure: Influence was placed at the heart of HQ ARRC's thinking; civilian planners were embedded across the HQ; the Engineer Branch expanded its remit to incorporate the planning requirements of Civil Support; the Joint Fires and Influence Branch increased its Information Activity capacity; and the Training (G7) Branch widened its role to include Security Force Assistance. In addition, a civilian-manned Commander's Initiative Group (CIG) was formed as intimate command support for COMARRC. These initiatives were developed throughout 2009, tested on Ex ARRCAD E FUSION 2009 (Ex AF09) in November and debated during COMARRC's annual Land Componenty seminar in December 2009.

The main conclusions of this experimentation can be split into 3 main areas. First the understanding of the capabilities and span of responsibilities required of an HRF(L) in hybrid conflict were greatly enhanced. The complex scenario demanded an understanding of the military context within multiple





lines of operation with the ability to balance local, tactical military decisions alongside regional, long term consequences. Second it demonstrated that in order to operate effectively as a Combined Joint Force Land Component Command (CJFLCC) HQ, ARRC would require modifying its structure and be augmented by joint staffs. Within a complex environment one HQ is unable to address the strategic and tactical level requirements concurrently in sufficient detail. Third it reinforced the length of lead times that are required to establish a level of understanding between civil and military planners. Work begun on the planning about 9 months prior to deployment; this should be the minimum period to ensure a fully succinct and integrated plan. It also reinforced the assumption that civilian-military planning occurs at different tempos. Prior to any deployment mechanism must be established early to allow for this.



### **What is the Nature of the Problem?**

There has been much debate recently over the Future Character of Conflict. It has become widely accepted that future conflict will be increasingly hybrid in nature. "This is not code for insurgency or stabilisation; it is about a change in the mindset of our adversaries, who are aiming to exploit our weaknesses using a wide variety of high-end asymmetric techniques"<sup>4</sup>. Traditionally a spectrum of conflict, ranging from stable peace via humanitarian peace to general war has been the recognised model with conflicts and our reactions to them shoe-horned into a particular category; this then dictated our level of response. However this model has become inadequate as we now see an increased blurring of the distinctions between adversaries and the way they use force to achieve political goals. Future conflict will blend "the lethality traditionally associated with state conflict and the fanatical and protracted fervour of irregular warfare"<sup>5</sup>. "Winning on the battlefield is gaining the consent of the people, rather than simply the taking and holding of ground or physically defeating the insurgency. The US Army Counter Insurgency Field Manual No 3-24 states, "The protection, welfare, and support of the people are vital to success. Gaining and maintaining that support is a formidable challenge. Achieving these aims requires synchronizing the effects of many non-military and HN agencies in a comprehensive approach". Success therefore will require a coordinated and synchronised campaign across a number of different Lines

of Operation<sup>6</sup> to secure the populace and then gain their support. At the end of Ex JOINT VENTURE 2008 Lieutenant General Lamb who assumed the role of the Joint Commander for the exercise concluded, "we lack a simple procedure and common understanding; a planning template agreed by multinational Other Government Departments (OGDs) which develops and is able, with the minimum of input, to maintain a common Comprehensive (Theatre) understanding of the situation. Effectively,

a single framework onto which we can corral the very separate departmental thoughts, detailed estimates and considerations, weighty military tomes, some very strict departmental protocols, and the sum of experience, intellect and intuition gathered in Foreign Offices and Embassies". As the recent Green Paper<sup>7</sup> identified, to deal with this new world, we need

to see national security "in the round". It will be no mean feat and will require governments to work in a new institutional structure that enables all the relevant expertise and power to be brought to bear in a coordinated way.

### **Influence as the Unifying idea and organising concept**

All activity has Influence and is therefore everyone's business; all military action should be seen for its Influence on key conflict causes and in shaping the eventual (political) settlement - everything a military force does or says has an Influence. The HQ ARRC view of Influence is that it is an orchestrated combination of coercion, persuasion and/or reassurance underpinned by communication designed to get targets/target audiences to do something or believe something or to restore their confidence or sense of wellbeing. It is all about the message we want our actions, words and images to convey, to/through whom we seek to convey it (the levers of influence) and how we think it will be interpreted. The ARRC's approach to Influence has been drawn from the model in the UK's recent Joint Doctrine Publication 3-40 which shows the military Influence tools available to COMARRC in 4 broad areas and has assigned One Star proponents for each<sup>8</sup>. Given that not all influence tools are under COMARRC's immediate control, some Influence may need to be achieved indirectly; this emphasises the importance of an integrated civil-military effort and Strategic Communication. The HQ's planning process and battle rhythm are the gearing to ensure COMARRC's direction and guidance



achieves the intended influence. Analysis of superior commander's orders and the operational environment identifies the intended message(s), potential levers of influence and the best combination of military actions and words to achieve desired outcomes. At the heart of the battle rhythm are four boards designed to ensure the Influence effort is effectively planned and coordinated. The Influence Synchronisation Board (ISB) - chaired by COS or DCOS Ops - synchronises all aspects of operations, focusing in particular on ensuring there is no gap between what is being said and being done. The Civil Support Board (CSB) is the principal body for planning and coordinating the civil support effort. The Integrated Targeting Board (ITB) plans and coordinates the lethal (kill and capture) and non-Lethal (focused influence) targeting effort. And the Information Effects Board (IEB) plans, coordinates and directs discrete information operations and coordinates the communication and engagement agenda.



### **How civil-military integration was achieved and what needs to happen next**

Models of integrated civil-military HQs have been debated for some time; the most obvious working model is the HQ Task Force Helmand. However, The Stabilisation Unit (SU) and other civilian staff with experience in this field are unequivocal of their support for the model used on Ex AF 09 over all others. This model, revised slightly in light of this experience, is codified as the basis for further exercises and development. The model comprises; a deployed Civilian Planning Element (CPE)<sup>9</sup> with a small core team of stabilisation planners embedded in the HQs G/J staff core planners (Future Plans and Future Ops) and specialists embedded in the HQ's functional branches; the civilian effort led by a senior civilian stabilisation planner who should be a member of the HQ's command group; and something akin to HQ ARRC's Civil Support Branch (see below) where detailed functional planning can occur. A central part of achieving integrated civil-military effort is the need to adjust the internal military culture and mission management and planning processes to ensure inclusivity and to take account of civilian requirements and timelines. As detailed above, HQ ARRC had placed "influence"<sup>10</sup> at the heart of its operational thinking; civilian participants found this to be a useful central

organising concept rather than an effects based approach. From a UK perspective, work on codifying the model is best led by the SU, but will need staff support from the MOD and OGDs. To ensure coherence in the military approach it has been suggested that the task is primarily one for DCDC's doctrine and experimentation teams and the Defence Academy; however the HQ will remain engaged and has offered staff assistance. Within NATO the concepts are less mature and work is ongoing to try and formalise the model for use across all the HRF(L) s.

### **The role civil support plays in making civil-military integration happen**

HQ ARRC has long recognised the shortcomings that a military HQ has in facilitating civil support and fully recognises its limited role as an enabler<sup>11</sup>. It is understood that only rarely, and normally

only if the security situation prevents civil involvement, will a military HQ involve themselves in reconstruction and development projects and humanitarian assistance. In order to better inform the military activities of the Headquarters, HQ ARRC established a Civil Support under the expanded remit of the Engineer Branch with military (reservists) Subject Matter Experts (SMEs), and civilian contracted SMEs to advise on the appropriate level and nature of military involvement. The branch covered several areas critical to gaining the rapid support of the local population such as essential services (water, power, sewage, etc); Governance and Rule of Law; Economic Development; and civil liaison with NGOs, IOs and Humanitarian Organisations. This external expertise also allowed a better understanding of the funding dynamics within theatre and where to best influence donors and project leaders.

### **The Information Activities<sup>12</sup> (IA) and structures required for future conflict**

"We typically design physical operations first and then craft supporting information operations to explain our actions. This is the reverse of al-Qaida's approach. For all our professionalism, compared to the enemy's, our public information is an afterthought. In military terms, for al-Qaida the 'main effort' is information; for us, information is a supporting effort"<sup>13</sup>. As is being demonstrated in ISAF with the recent communications approach for Op MOSTARAK, winning the battle for the information domain has become increasingly important. Histori-



cally the IA area has not been properly resourced; as it becomes more important there is a requirement for uplift in both numbers and capabilities. The following additional capabilities were identified as being required. The human terrain analysis capacity is limited and G2 should seek external augmentation and a means of reach-back/reach-out. Military words and actions should be analysed and framed in a culturally sensitive way; external Cultural Advisor (CULAD) assistance is required, specifically for G2 and JFIB/PA. KLE analysis and coordination has to start early in planning; a KLE Support Cell (KLESC) should be a standing but expandable HQ capability. Relationship with PAO is crucial "Embrace the fundamental new media dynamics of transparency ... The imperative is to enter the information space swiftly and report whatever is clear and know, however little that is"<sup>14</sup>. An effective use of media demands more robust Media analysis<sup>15</sup> and Press Information Centre (PIC) capabilities; these are best augmented externally and supported by reach-out. Although often not seen as relevant for stabilisation operations, Deception has wider utility, particularly when viewed alongside OP-SEC<sup>16</sup>; a single focus for both should exist within the HQ. We propose an interpretation of STRATCOM as developing a strategy for communication/engagement and shaping Strategic<sup>17</sup> level communication/engagement; a small STRATCOM cell should be formed in the IA area to work closely with the senior Command Group. Computer Network Operations<sup>18</sup> (CNO) offer the opportunity to attack adversaries means of Information which need to be exploited; predominantly a G6 lead, CNA specialists need to be available to advise Fires and Information staffs when required. The HQ must be better at countering adversaries' IA; a standing focus of Counter-Propaganda is needed to work with the Rebuttal<sup>19</sup> effort and CNO staff. The HQ routinely needs support from a PSYOPS Support Element (PSE) and/or PSYOPS Task Force (POTF) to augment the existing IA cell, conduct Target Audience Analysis and deliver PSYOPS products. Although SOF often conducts liaison and negotiation, an HQ focus for Reconciliation will ensure its integration with other activity; this capability is best placed within IA Information.



Relationship with PAO is crucial "Embrace the fundamental new media dynamics of transparency ... The imperative is to enter the information space swiftly and report whatever is clear and know, however little that is"<sup>14</sup>. An effective use of media demands more robust Media analysis<sup>15</sup> and Press Information Centre (PIC) capabilities; these are best augmented externally and supported by reach-out. Although often not seen as relevant for stabilisation operations, Deception has wider utility, particularly when viewed alongside OP-SEC<sup>16</sup>; a single focus for both should exist within the HQ. We propose an interpretation of STRATCOM as developing a strategy for communication/engagement and shaping Strategic<sup>17</sup> level communication/engagement; a small STRATCOM cell should be formed in the IA area to work closely with the senior Command Group. Computer Network Operations<sup>18</sup> (CNO) offer the opportunity to attack adversaries means of Information which need to be exploited; predominantly a G6 lead, CNA specialists need to be available to advise Fires and Information staffs when required. The HQ must be better at countering adversaries' IA; a standing focus of Counter-Propaganda is needed to work with the Rebuttal<sup>19</sup> effort and CNO staff. The HQ routinely needs support from a PSYOPS Support Element (PSE) and/or PSYOPS Task Force (POTF) to augment the existing IA cell, conduct Target Audience Analysis and deliver PSYOPS products. Although SOF often conducts liaison and negotiation, an HQ focus for Reconciliation will ensure its integration with other activity; this capability is best placed within IA Information.

these are best augmented externally and supported by reach-out. Although often not seen as relevant for stabilisation operations, Deception has wider utility, particularly when viewed alongside OP-SEC<sup>16</sup>; a single focus for both should exist within the HQ. We propose an interpretation of STRATCOM as developing a strategy for communication/engagement and shaping Strategic<sup>17</sup> level communication/engagement; a small STRATCOM cell should be formed in the IA area to work closely with the senior Command Group. Computer Network Operations<sup>18</sup> (CNO) offer the opportunity to attack adversaries means of Information which need to be exploited; predominantly a G6 lead, CNA specialists need to be available to advise Fires and Information staffs when required. The HQ must be better at countering adversaries' IA; a standing focus of Counter-Propaganda is needed to work with the Rebuttal<sup>19</sup> effort and CNO staff. The HQ routinely needs support from a PSYOPS Support Element (PSE) and/or PSYOPS Task Force (POTF) to augment the existing IA cell, conduct Target Audience Analysis and deliver PSYOPS products. Although SOF often conducts liaison and negotiation, an HQ focus for Reconciliation will ensure its integration with other activity; this capability is best placed within IA Information.

### Organising and operating for Security Force Assistance (SFA)

The nature of HQ ARRCs role in the delivery of SFA will depend largely on the stage of the campaign, the capability of other interested parties in theatre, and the effectiveness of the HN. The requirement to plan for this should never come as a surprise to military planners and needs to be considered from the early planning stages; eventually the exit strategy of most contemporary deployments will be highly reliant on building capacity within a HN. In the worst case therefore the HQ must be proficient in negotiating the strategy with the HN

and donor countries, and as part of core business be able to direct, co-ordinate and resource the activities of subordinate formations. This will require a small team to act as the proponents for SFA with the HQ. The ideal scenario will see other agencies in the lead with the military HQ in an important but nonetheless supporting role. The understanding of the

broader context of Demobilisation, Disarmament, Reintegration and Reconciliation (DDRR) and Security Sector Reform (SSR) developed considerably during the planning stages for the exercise. However further study of extant operations (particularly of the work being undertaken by the Force Re-Integration Cell (FRIC) in Afghanistan) and structures coupled with further clarification and refinement of a military HQs role are required.

### Conclusions and Next Steps

Whilst acknowledging that Ex AF09 was only a CPX, Project TARDIS was an ambitious project which sought to test the notion of integrated civil-military planning to the greatest degree possible outside of operations. Professor Lindley-French states in his recent submission to the NATO Strategic Concept Expert Group, "Whilst the ARRC is to be commended for its attempts to create a multinational, multi-disciplinary hub such transformation will need to go significantly further if a truly cross-NATO multinational culture is to be created".<sup>20</sup> Although key civilian<sup>21</sup> and military participants agreed unanimously that the experimental model represented the right basis for further development, this experimentation is only the first step. In the medium to longer term the HQ will be aiming to further contribute to NATO and ARRC Partner Nations' concep-



tual development. In order to foster an environment of shared experience, partnering and further experimentation the development of operationalising an integrated civil-military approach to operations will be focused on the following 5 areas:

Codifying the model for civil-military integration based on ARRC's recent experimentation - with the work led by the SU and supported by military and OGD staff;

Establishing an integrated civil-military experimentation and exercise plan through to the next ARRC FUSION in 2013. Experimentation and exercising are fundamental strands of this work; they promote trust, develop concepts and provide UK with a trained deployable capability. A coherent exercise plan should build on progress made in JFHQ and HQ ARRC exercises in 2008 and 2009 respectively, but the experimentation effort should be targeted effectively due to inevitably scarce resources.

Expanding the range of OGDs involved in experimentation and exercises. (...)

Establishing Service Level Agreements (SLAs) to formalise development and exercise arrangements between Departments. Despite some successes in civil-military working, progress is at best sporadic - particularly within busy Departments operating under tight financial constraints. Civilian participants in Ex AF reflected that, within the civilian sphere, experience tends to rest with the individual and there is little collective memory to take that experience and analyse and disseminate it. (...)

Extending personnel exchanges between military HQs and OGDs. Understanding each other's systems, constraints and culture is a key part of creating the trust and comprehension that will make integrated civil-military operations work. While some inter-Departmental personnel exchanges already exist, it is recommended that the number of shorter exchanges<sup>22</sup> are increased and broadened to include military staff from deployable formation HOs and OGD staff likely to be deployed on operations.

### **What might this mean for UK Defence/Security and NATO**

"We need a civilian-military partnership in Afghanistan and the surrounding region as much as we need a partnership across the Atlantic. There is much work ahead in all these respects<sup>23</sup>. Change at all levels is coming. (...) Improving integrated civil-military planning will help provide and sustain

the focus in what will undoubtedly be a difficult period in policy and financial terms; some attention on what unifies different Departments may be timely and constructive.

This work clearly has a multinational strand; the notion of a comprehensive approach is at the heart of many NATO debates right now - including amongst the Strategic Concept Expert Group<sup>24</sup>. The ARRC is keen to use its links with Partner Nations and with the exercise programme in 2012 and 2013 as the basis for developing comprehensive thinking and integrated civil-military planning on a multinational basis and will be seeking support from across the Alliance. It believes this will complement work done within the UK context and should be able to offer something more tangible to the wider Alliance debate on it.

It must not be forgotten that a working model is also being tested on a daily basis under General McCrystal's leadership in HQ ISAF at the operational level, and with HQ Task Force Helmand at the tactical level. As HQ ARRC prepares to deploy at the core of the Intermediate Joint Command (IJC) in 2011 best practice achieved during this experimentation can be tested within the operational environment. Experiences in Afghanistan will also hopefully help to reinforce the ARRC message and help to break down current political stovepipes. Militaries are used to working within coalitions; political masters must embrace the campaign mentality and understand the requirement to achieve a unity of purpose. Without it, adversaries will exploit the inconsistencies within the approach and reinforce our failings.

As the concluding remarks from the recent VCDS speech at the launch of the Civilian Stabilisation Group show, the HQ will hopefully find itself pushing on an already open door, "If we are to be successful in the application of strategy then we must practice at being coherent. Too often in the past the reality of the comprehensive approach has been a somewhat frictional co-existence of culturally alien contributors ... We are also going to have to break down the current barriers of terminology. We are also going to have to institutionalise the executive and resourcing oversight of the cross-government approach.

Coherence by consensus probably leads to flawed strategy ... That integration will result from institutionalising some elements of pan departmental structure: from training together; planning together; and becoming thoroughly familiar with each others qualities ... we must not waste the hard





earned lessons of the last few years if we want to deliver stability and therefore security to the world in which we live”.

*BrigGen Iain Harrison  
Chief Joint Fires & Influence Branch HQ ARRC*

1. O Corpo de Reacção Rápida Aliado do Reino Unido [ARRC/ NRDC (UK)] foi criado por decisão tomada na cimeira de Roma de 1991 e com activação efectiva em 1992. Em 1994 o seu QG de tempo de paz foi instalado em Rheindahlen, na Alemanha e em Julho do corrente ano será mudado para novas instalações no Reino Unido. O QG do ARRC participou em 1993, 1998 e 2006 respectivamente, nas operações "FIRM ENDEAVOUR" na Bósnia, "JOINT GUARDIAN" no Kosovo, e ISAF IX no Afeganistão; está de novo indigitado para a ISAF em 2011. O ARRC esteve envolvido no processo de transformação da NATO desde o seu início sendo uma referência quer na apresentação de propostas para a nova estrutura, quer a nível da doutrina. O QG do ARRC foi o primeiro a ser certificado como HRF (L), em Novembro de 2002 e continua a ser o NRDC de primeira escolha do SACEUR. Portugal tem afiliadas a este QG as Brigadas de Intervenção e de Reacção Rápida.
2. Texto Adaptado do original do artigo do BrigGen Iain Harrison/Chief Joint Fires & Influence Branch HQ ARRC.
3. 40% of the HQ is made up from 14 different Partner Nations from across NATO.
4. The Future Character of Conflict: The MOO position dated 17 Sep 2009.
5. Frank G Hoffman, Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars, Arlington, Va: Potomac for Policy Studies, December 2007.
6. Principally Security, Governance and Socio-Economic Development.
7. A Resilient Nation - National Security Green Paper by the Conservatives (insert date).
8. DCOS Ops for Manoeuvre, Chief Joint Fires and Influence for Fires and Information Activities and Chief Engineer and Civil Support (supported by Chief Training and Security Force Assistance) for Other Activities.

9. It was felt that a CPE of approximately 20 in an LCC HQ may be sufficient.
10. The orchestrated combination of hard and soft power.
11. Essential though it is, the military action is secondary to the political one, its primary purpose being to afford the political power enough freedom to work safely with the population.' David Galula, Counterinsurgency Warfare, 1964.
12. Information Operations (PSYOPS; Deception; Posture, Profile, Presence; Key Leadership Engagement (KLE); Counter Network Operations (CNO)); Public Affairs (Media Operations, Command Information and Community Relations).
13. David Kircullen, Countering the Terrorist Mentality, New Paradigms for 21st Century Conflict.
14. Skyful of Lies and 81ack Swans - The new tyranny of shifting information power in crises - Nik Gowing, Reuters Institute for the Study of Journalism, 2009.
15. Including new media: e.g. texts, blogging and social networking sites such as Facebook and Twiliter.
16. OPSEC could be seen as a defensive information operation.
17. i.e. Media and other engagements by military or civilian superiors.
18. Including Computer Network Attack, Computer Network Defence and Special Capabilities.
19. Rebuttal is a function of PA, KLE and STRATCOM and the process is covered later.
20. Operationalising the Comprehensive Approach - Submission to the Strategic Concept Expert Group Professor Lindley-French 16 February 2010.
21. Ex ARRCAD FUSION was a waypoint and not a destination. That said it was a highly successful waypoint and has done much to test and advance the concept of integrated civilian planning[ ...] From the Stabilisation Unit perspective we now have a workable construct, the future should be focused on refinement and rehearsal. Tom Galloway, Stabilisation Unit Report, ARRCAD FUSION Integrated HQ - Lessons Learnt 8 February 2010.
22. 1-6 months.
23. Don't Discount Europe's commitment to Afghanistan Carl Bildt and Anders Fogh Rasmussen 8 Jan 2010.
24. At their summit in Strasbourg in April 2009, NATO's Heads of State and Government tasked the Secretary General to develop a new NATO Strategic Concept. This exercise should be completed in time for the next summit expected to take place towards the end of 2010. The Strategic Concept will provide a consensus on NATO's roles and missions and on its strategy to deal with security challenges, and is essential if NATO is to function optimally in today's complex environment.



## DEFESA AÉREA NA CIMEIRA DA NATO

Nos dias 19 e 20 de Novembro de 2010, uma Bateria de Artilharia Antiaérea (BAAA) do RAAA1 participou, sobre Controlo Tático da Força Aérea Portuguesa, na missão de Defesa Aérea à Cimeira da NATO em Lisboa.

Destaca-se também a presença de dois Oficiais do RAAA1 no Centro de Relato e Controlo (CRC) da Força Aérea em Monsanto, durante as fases de planeamento e de execução, responsáveis pela ligação do CRC ao Comando da Bateria.



Esta missão decorreu na zona envolvente ao Parque das Nações, tendo a força sido constituída por 2 Oficiais, 8 Sargentos e 18 Praças, perfazendo um total de 28 militares, fazendo uso dos seus meios orgânicos, nomeadamente os Sistemas Míssil *Stinger* e o Radar P-STAR, interligados pelos rádios PRC-525.



Para além da sua missão primária, protecção antiaérea ao evento, salienta-se ainda a estreita colaboração levada a efeito com as outras forças de segurança e entidades civis, o que contribuiu de forma decisiva para o sucesso desta operação.

A participação da Artilharia Antiaérea nesta importante missão em ambiente conjunto, representou o culminar de todo um ciclo de treino operacional e materializou a integração de todos os meios de defesa aérea na protecção de pontos e áreas sensíveis em Território Nacional, prevista no Conceito Estratégico Militar e nas Directivas de Defesa Aérea.

*Ten Art PQ Tiago Páscoa  
Cmtd BAAA/BRR*



## BI/BRIGINT

A necessidade de transformar o Batalhão de Infantaria da Brigada Ligeira de Intervenção (BI/BrigInt) numa Força Média, surge na sequência do processo de transformação que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) encetou, e que se estendeu aos exércitos dos países aliados, tendo como objectivo principal o de implementar sistemas de forças equilibrados, que combinassem unidades ligeiras, unidades médias equipadas com Viaturas Blindadas de Rodas (VBR), unidades pesadas com Viaturas Blindadas de Lagartas (VBL) e Forças de Operações Especiais. As unidades médias equipadas com VBR passam então a assumir particular relevância, devido por um lado às características tecnológicas e operacionais das suas viaturas e, por outro, à maior capacidade de projecção e adaptabilidade de emprego a todos os cenários tácticos, desde os conflitos de elevada intensidade até às missões de apoio à paz.

Para a transformação do Batalhão de Infantaria da Brigada Ligeira de Intervenção numa Força Média tornou-se então necessário actuar nas áreas da Mobilidade, da Protecção, do Comando e Controlo e do Poder de Fogo.

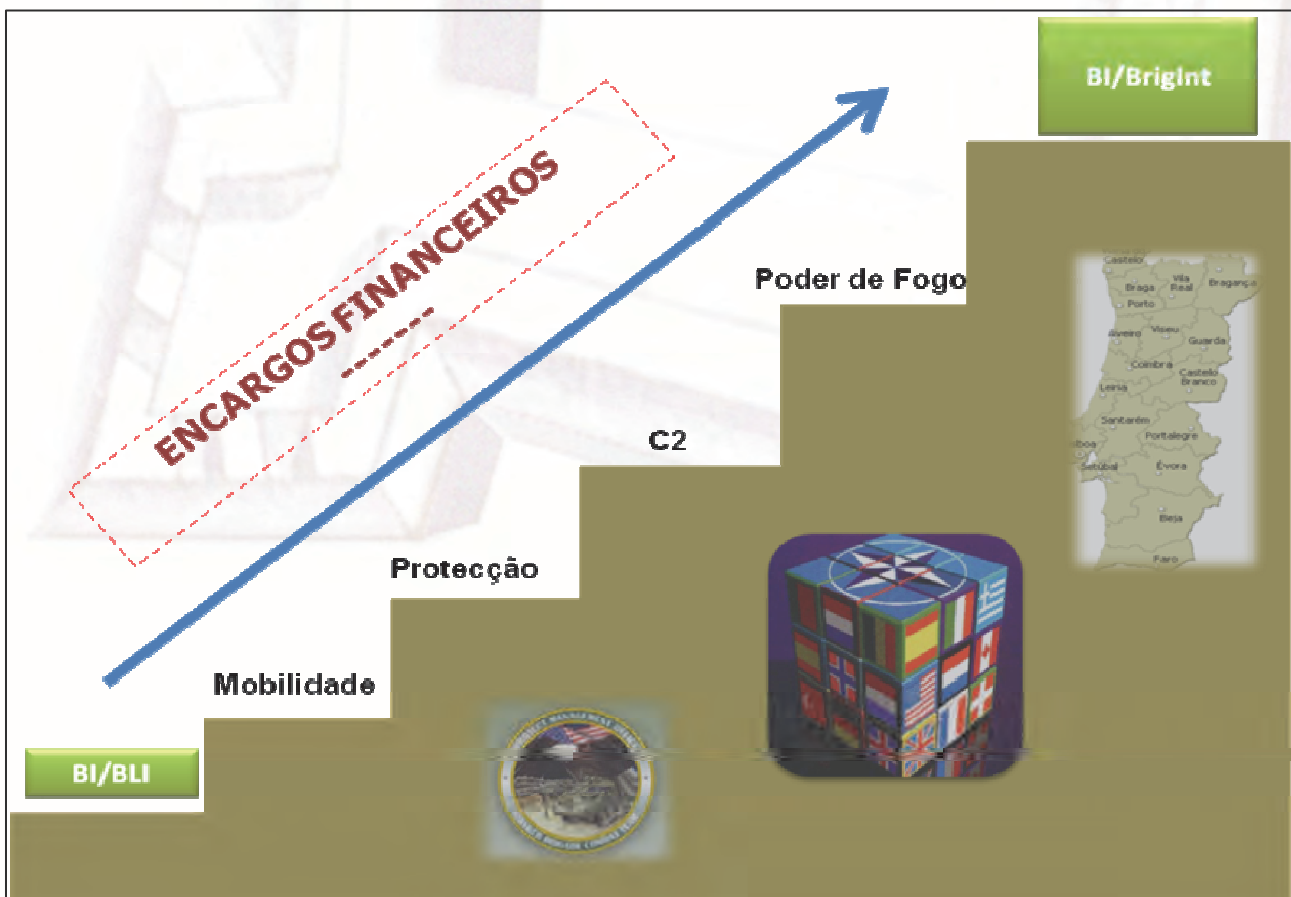
Tem sido prática corrente no Exército Português que, para a edificação de unidades, se estu-

dem modelos internacionais credíveis e susceptíveis de serem aplicados às Forças Nacionais. Assim, na organização dos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção teve-se por base a “*Brigade Combat Team*” dos Estados Unidos da América, embora com as adaptações necessárias à realidade nacional, nomeadamente no que respeita aos recursos disponíveis para a aquisição de meios, e à natureza da Brigada de Intervenção, em termos de implantação no Território Nacional.

Do confronto entre o modelo do Batalhão de Infantaria da “*Brigade Combat Team*” e as realidades nacionais resultaram decisões estruturantes para a edificação do actual modelo do Batalhão de Infantaria da Brigada de Intervenção, nomeadamente na área do Anticarro, das “*Mobile Gun System (MGS)*”, dos *Snipers* e do número de subunidades de escalão pelotão.

### Projecto do BI/BrigInt

Concluído o processo de decisão relativo à modernização do Batalhão de Infantaria foi assinado em 15 de Fevereiro de 2005 o contrato de fornecimento das Viaturas Blindadas de Rodas 8x8.







Batalhão de Infantaria							
 VBR8x8PC	 VBR8x8TP	 VBR8x8Amb	 VBR8x8Recup	 VBR8x8Canhão	 VBR8x8MortPes	 VBR8x8Míssil Acar	Total
2	42	3	2	8	9	3	69

Figura 1 – Tipologia de viaturas da família “Pandur II 8x8”

O Batalhão de Infantaria seguiu a estrutura orgânica clássica, constituída por com um Comando, um Estado-Maior, uma Companhia de Comando e Serviços, três (3) Companhias de Atiradores e uma Companhia de Apoio de Combate, assente em 69 viaturas da família “Pandur II 8x8” (Fig. 1). O Quadro Orgânico de Pessoal (QOP), reflectindo a nova orgânica, foi aprovado por despacho de S. Ex<sup>a</sup> o General Chefe de Estado-Maior<sup>1</sup>.

### Evolução do Projecto do BI/Brigint

#### Comando, Controlo e Comunicações

Embora o QOP do Batalhão de Infantaria aprovado em 2006 ainda não reflectisse as alterações no âmbito das comunicações e sistemas de informação, estavam já em curso estudos no sentido de se proceder à sua implementação em sede de futura revisão dos QO. Na actual estrutura orgânica do Batalhão de Infantaria estas novas capacidades estão materializadas nas capacidades existentes ao nível do Pelotão de Transmissões e da Secção de Transmissões.

#### Pelotão de Transmissões

O Módulo de Centro de Comunicações de Batalhão é composto pelas componentes de “C2 & Gestão” e de “Transmissão”, instalados em *shelter*. No *shelter* de “C2 & Gestão” reside a capacidade para disponibilizar aos utilizadores do Posto de Comando diversas funcionalidades, tais como:

- Multiconferência em voz e vídeo;
- Central de Comutação para telefones analógicos e RDIS;
- Comutação em ambiente IP (para telefones IP);
- Rede Local (Wi-Fi /dados e voz);
- Acesso dedicado à Internet (quando for possível a ligação a um *Internet Service Provider*), entre outras.

No *shelter* de “Transmissão” reside a capacidade de interligação com o escalão superior e de garantia de ligação com o escalão inferior, dispondo para tal das seguintes possibilidades:

- Rádio de banda larga (UHF), para ligação ao escalão inferior;
- Mini link *Line Of Sight* (LOS) a 2 Mbps, para ligação ao escalão inferior;

- Acessos SHDSL, para ligação ao escalão inferior e superior;
- Satélite INMARSAT em ambiente IP;
- Acessos ópticos; acessos IP/GSM; rádio de combate.

Assim, a partir do escalão Batalhão e junto ao seu Posto de Comando, garante-se a capacidade para efectuar a integração rádio no ambiente IP da estrutura superior da rede. Esta integração de redes rádio de combate (P/GRC 525), em caso de necessidade, pode permitir a ligação aos Postos de Comando das Companhias e garantir a integração de todos os utilizadores do subsistema móvel que apenas disponham da rádio P/GRC 525 como meio de comunicação e que se localizem na área de cobertura deste Centro de Comunicações de Batalhão.

#### Secção de Transmissões

O Módulo de Centro de Comunicações de Companhia apresenta uma estrutura mais ligeira, sendo constituído por um único *shelter* a instalar em viatura ligeira de rodas. Este tipo de *shelter*, para além de permitir a instalação dos equipamentos de comunicações, tem ainda integrado uma componente de energia (gerador) e mastros de antenas. O Centro de Comunicações de Companhia contempla:

- Uma componente de gestão e controlo;
- Interfaces ópticos, garantindo a interligação a distâncias de 300 a 10.000 metros (dependendo dos cabos existentes);
- Interfaces SHDSL;
- Telefones analógicos;
- Telefones IP;
- Acesso Wi-Fi para voz e dados;
- Rádio de Banda Larga;
- Mini Link de Feixes Hertzianos a 2 Mbps, para ligação aos escalões superior;
- Capacidade de integração rádio de combate em ambiente IP, especialmente vocacionado para integrar os utilizadores no escalão inferior.

#### Sistemas Anticarro

Na sequência dos estudos desenvolvidos, concluiu-se que era necessário proceder a ajustes na organização da área do Anticarro do Batalhão



Ajustes efectuados ao Batalhão de Infantaria da Brigada de Intervenção na área do ACar		
Sistema Míssil ACar Longo Alcance	Sistema Míssil ACar Médio Alcance	Sistema Míssil ACar Curto Alcance
		
VBR 8x8 Míssil ACar	VBR8x8 Canhão	VBR8x8 TP
Pelotão ACar	1 Sistema por VBR 8x8 Canhão	1 Sistema por SecAt = 27 1 Sistema por SecRec = 2
Nº de Sistemas = 4	Nº de Sistemas = 8	Nº de Sistemas = 29

Figura 2 – Distribuição dos sistemas ACar no Batalhão de Infantaria

de Infantaria (Fig. 2), considerando que os sistemas Anticarro deverão ser capazes de executar fogos (longa, média e curta distância) contra forças blindadas e alvos que se encontrem em posições fortificadas em apoio à manobra das forças de Infantaria, carros de combate (CC) e autometralhadoras (AM).

#### Apoio de Fogos

De igual forma, e com o objectivo de ultrapassar a suposta incapacidade do PelMortPes (3 VBR PelMortPes) e das SecMortPes (2 VBR PelMortPes) executarem lanços com sobreapoio, com a consequente diminuição da capacidade de apoio de fogos orgânicos das Unidades de Escalão Batalhão (UEB) da Brigada de Intervenção, foi decidido proceder-se à concentração de todas as 8 VBR no PelMortPes garantindo-se, assim, não só uma maior flexibilidade ao Comandante da UEB para articular os meios de apoio de fogos orgânicos, como também a possibilidade de atribuição de uma ou mais SecMortPes às Unidade de Escalão Companhia. Esta flexibilidade é também assegurada pela capacidade existente em cada VBR PMortPes de se poder constituir como PCT. No entanto, e com o intuito de salvaguardar situações em que os sistemas automáticos falhem, foram constituídos dois PCT na orgânica do PelMortPes.

#### Intelligence, Surveillance, Target Aquisition and Reconnaissance (ISTAR)

No que concerne aos meios ISTAR, a OTAN, através do *Allied Command Transformation*, elaborou e apresentou à consideração dos Países que a constituem um modelo de estrutura constante nos 2008 *FORCE GOAL CYCLE*. Desse documento foram extraídas novas capacidades no âmbito ISTAR a levantar no Batalhão de Infantaria, das quais se destacam:

- Aeronaves não tripuladas de baixa altitude e de curto alcance (Mini UAV) – três sistemas no apoio de combate para reconhecimento e *targeting*;

- Veículos não tripulados (UGVs)<sup>2</sup> – um sistema por unidade de escalão companhia (excepto na Companhia de Comando e Serviços) para reconhecimento e *targeting*;
- Sistemas sensor remoto de vigilância do campo de batalha – um sistema por unidade de escalão companhia para protecção da força.

#### Conceito de Emprego do BI/BrigInt

Do QO aprovado extrai-se o seguinte conceito de emprego:

- Força de elevada prontidão para todo o espectro de missões e cenários, empregando-se preferencialmente em situações em que seja necessário poder de fogo, protecção e fácil projecção.
- Força de projecção inicial em situações de conflito de média/alta intensidade e em Operações de Resposta a Crises (CRO)<sup>3</sup>.
- Toda a tipologia das operações no âmbito Artigo 5.º - Defesa Colectiva e no âmbito não Artigo 5.º (CRO).

O Quadro Orgânico do Batalhão de Infantaria da Brigada de Intervenção que foi aprovado por despacho de S. Ex.<sup>a</sup> o Gen CEME de 5 de Agosto de 2009 reflecte o processo evolutivo em apreço, contudo a modernização do Batalhão de Infantaria da Brigada de Intervenção continuará a ser um processo dinâmico.

Maj Inf José Marinho  
DPF/EME

1. Despacho 15 de Fevereiro de 2006 GENCEME  
2. Unattended Ground Vehicles  
3. Crisis Response Operations



## GAC/BRIGINT – DA GÉNESE À ACTUALIDADE

A Directiva Nº 13/CEME/08 de 11Jan08, determinou que o Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) orgânico da Brigada de Intervenção (BrigInt) fosse equipado com o obus M114A1 155mm/23 e aprontado pelo Regimento de Artilharia 5 (Comando e Estado-Maior, Bateria de Comando e Serviços e uma Bateria de Bocas de Fogo (BBF)) e pela Escola Prática de Artilharia (uma BBF).

### Secção de obus M114A1 155mm/23

Decorrido cerca de dois anos, o GAC, encontra-se a 65% do Nível de Levantamento definido. Das várias missões que lhe têm sido atribuídas destaca-se as actividades relacionadas com a instrução, formação e treino operacional do seu pessoal que permite aos seus militares adquirir competências que os habilitam a executar as suas missões com maior eficiência.

Ao nível do treino operacional o GAC realizou e participou em vários exercícios durante este período. Os que incluíram fogos reais foram realizados no Campo Militar de Santa Margarida e os restantes decorreram na região de Viseu e na área de atribuição de missão do GAC na região de Ovar

Ao nível do GAC, foram planeados, executados e controlados três exercícios, da série URANO, cujo objectivo foi executar o treino técnico e tático do Grupo no âmbito da sua missão de apoio de fogos convencionais. Foram executados fogos reais de artilharia conjuntamente com actividades

de reconhecimento escolha e ocupação de posições, reacção a emboscadas a ataques aéreos e NBQ. Para além do treino específico no âmbito da artilharia efectuou-se tiro de manutenção das armas ligeiras e pesada orgânicas.

### BBF em deslocamento - Reacção a emboscada

Ainda no âmbito da artilharia, participou em dois exercícios da série EFICÁCIA. Este exercício é da responsabilidade do Comando das Forças Terrestres, no entanto foi planeado e coordenado pelo GAC/BrigMec. Estes exercícios visam o treino conjunto de todas as Unidades de Apoio de Fogos, artilharia e morteiros.

### O Tiro

Finalmente participou em dois exercícios da série DRAGÃO. Este exercício é da responsabilidade primária da Brigada de Intervenção. Envolveu todas as subunidades da Brigada de Intervenção e consistiu na execução de operações militares conduzidas no âmbito do apoio à paz. Nestes exercícios o pessoal do GAC executou missões para as quais não está primariamente vocacionado nomeadamente, segurança de pontos importantes, escolta a colunas e controlo de itinerários.

Em Setembro de 2009, o GAC foi sujeito a uma Avaliação da Prontidão para o Combate (CREVAL) pela Inspeção-geral do Exército (IGE). Esta actividade decorreu no RA5 e na Área de Atri-



Secção de obus M114A1 155mm/23



Bateria de Bocas de Fogo

buição de Missão. Foi bastante benéfica não só pela obrigatoriedade de treino em conjunto que originou mas também pela identificação das deficiências e apresentação de propostas de resolução.

Para além das actividades operacionais o GAC tem participado com as suas subunidades noutras actividades das quais se destacam as cerimónias militares, exposições e salvas de artilharia evidenciando sempre grande profissionalismo e vontade de bem servir.

Apesar das limitações no âmbito do pessoal e logística, que ainda persistem, nestes dois anos o GAC desenvolveu actividades de instrução, formação e treino operacional que pretende manter e se possível aumentar para garantir a sua eficiência.

O corrente ano é decisivo para a afirmação do Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada de Intervenção como o principal meio de apoio de fogos ao dispor do Comandante para influenciar o cumprimento das suas missões.

Os “*Polacos da Serra*” continuarão com empenhamento, dedicação e espírito de sacrifício a fazer tudo o que esteja ao seu alcance para poderem afirmar que contribuem todos os dias para que...

*“Que fama ilustre fique”*

*TCor Art José Conceição  
Cmdt GAC/BrigInt*



A Missão de Tiro



## CURSO EM OPERAÇÕES DE PAZ E ACÇÃO HUMANITÁRIA

Numa iniciativa conjunta do Comando da Brigada de Intervenção e do Centro de Direitos Humanos do Instituto *Ius Gentium Conimbrigae*, da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, decorreu no Comando da BrigInt, de 6 a 27 de Novembro de 2010, um curso em *Operações de Paz e Acção Humanitária*.



Os objectivos do curso foram a preparação de civis e de militares interessados em Operações de Paz e em Acções Humanitárias, familiarizando-os com estes contextos, a promoção da interacção entre os vários actores presentes em Zonas/Regiões sujeitas a esta tipologia de operações e a aquisição de competências teórico-práticas que facilitem a compreensão das diversas dinâmicas inerentes às Operações de Paz e à Acção Humanitária.

Para materializar esta e outras iniciativas, em 06 de Novembro, foi assinando um protocolo de colaboração entre o Exército Português, através da Brigada de Intervenção, e o *Ius Gentium Conimbrigae*/Centro de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. A assinatura



do protocolo, realizada pelo Major General Antunes Calçada e pelo Professor Doutor Vital Moreira, foi testemunhada pelos 40 auditores, dos quais 6 militares, que frequentaram o curso.

Salienta-se que a cooperação com o Centro de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra se iniciou em 2002, na sequência do envio de Forças Nacionais Destacadas para diversos Teatros de Operações. A iniciativa mais visível decorreu de 25 a 28 de Janeiro de 2005 com a realização de um curso de Direito Internacional Humanitário e dos Conflitos Armados.

O curso realizou-se no Comando da Brigada Ligeira de Intervenção, antecessora da BrigInt, sob orientação pedagógica do Centro de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo participado no curso 19 oficiais.



A parceria estabelecida entre o Comando da Brigada de Intervenção e o Centro de Direitos Humanos, da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, liga duas áreas que se complementam, por um lado uma parte mais teórica, inserida pelos docentes da faculdade, e por outro, uma parte mais prática, que os docentes militares introduzem fruto da vivência do Exército Português, nas últimas décadas, em Operações de Paz e Acção Humanitária;

Esta interligação teórico-prática muito contribuiu para elucidar os auditores sobre os processos de planeamento e materialização no terreno das Operações de Paz e Acção Humanitária, mandatadas por organizações Civis ou Militares.

*Maj Inf Carlos Ferreira  
Chefe G2/BrigInt*



## SOLDADO DO FUTURO

O tema do soldado do futuro nunca se esgota e renova-se em cada nova descoberta tecnológica ou actualização do conhecimento. À semelhança do que ocorre em diversas áreas da sociedade, Hollywood tem servido de inspiração neste assunto. No filme “*Predator*” (1987), o nosso planeta é visitado por um ser extraterrestre com um único móbil: encetar uma caçada em busca de troféus humanos. À luz da época, as soluções e panóplia de armamento utilizado, surpreenderam tudo e todos.

Na versão mais recente do filme (2010), o extraterrestre continua eficientemente letal graças à utilização de uma tecnologia, anormalmente, avançada. De entre todas as soluções tecnológicas há aquelas que, para nós militares, têm um valor acrescido e das quais se destaca a camuflagem adaptativa/óptica<sup>1</sup>, o sistema de visão térmico, a protecção balística e o sofisticado armamento.

Pondo de parte o aspecto cinematográfico, a tecnologia que acompanha os soldados actuais é verdadeiramente revolucionária e certamente impensável há algumas décadas atrás. A questão do soldado do futuro faz parte das principais preocupações dos exércitos tecnologicamente mais avançados.

Um eficaz sistema de informações<sup>2</sup> eficiente é aquele que permite, aos vários níveis de comando, ver o campo de batalha e tomar decisões em tempo real<sup>3</sup>. Este tipo de sistema C4ISR<sup>4</sup> é composto por um conjunto de subsistemas, que constituem não só os olhos e os ouvidos dos Comandantes Operacionais mas também todo um processo cíclico que inclui a análise nos seus mais variados aspectos, fundamental para que o processo da tomada da decisão seja preciso, letal e transmitido em tempo oportuno. Por outro lado, no presente, o processo da tomada de decisão também acontece aos mais baixos escalões, e cada vez mais os comandantes têm que ter capacidade não só para descentralizar as suas acções mas também para decidir bem, com oportunidade e em tempo real.

A necessidade que os exércitos têm de equipar os seus militares com tecnologia que lhes permita ter uma percepção mais eficaz do meio que os

rodeia e, ao mesmo tempo, obter informações do campo de batalha em tempo real, que possibilitem o processo da tomada de decisão, é reconhecida pelos militares e nalguns casos também pelos políticos, dos dois lados do Atlântico.

Actualmente existem diversos países membros da OTAN com programas e estudos para desenvolver o “Soldado do Futuro”. Esses trabalhos debruçam-se sobre diversas áreas, tais como os sistemas de informação individuais, sistemas de visão, aquisição/identificação e destruição de alvos, sistemas de comunicação, avaliação de distâncias, entre outros. Muitos destes projectos incluem estudos para desenvolver novos materiais para a adaptação de uniformes, equipamentos e sistemas de protecção balística ultraleves às exigentes condições do campo de batalha e para todo o espectro do conflito moderno.

A título de exemplo citam-se alguns dos projectos referidos:

- Reino Unido: *FIST (Future Integrated Soldier Technology)*;
- França: *Félin (Fantassin à Équipement et Liaisons Intégrées; Integrated Equipment and Communications Soldier)*;
- Austrália: *Land 125*;
- Alemanha: *IdZ (Infanterist der Zukunft)*;
- Suíça: *IMESS (Integrated and Modular Engagement System)*;
- Estados Unidos da América: *Objective Force Warrior (OFW)*.

O objectivo último destes projectos é conferir vantagens aos combatentes de forma a incrementar a sua eficiência em termos de posicionamento, navegação, aquisição de alvos, poder de fogo, protecção bem como capacidade de sobrevivência acrescida. Além dos aspectos atrás referidos, é ainda possível garantir que os respectivos militares possam regressar a casa incólumes, depois de cumprir uma comissão normal de serviço em ambiente hostil.

A necessidade de ocupar fisicamente o terreno com forças e de as empenhar no combate próximo é uma situação com continuidade no futuro. A dificuldade da opinião pública nacional, e na maior parte das vezes também da comunidade internacional, em aceitar baixas, obriga ao aparecimento de uma nova geração de soldados, combatentes do futuro, “máquinas de guerra”, que para o vulgar

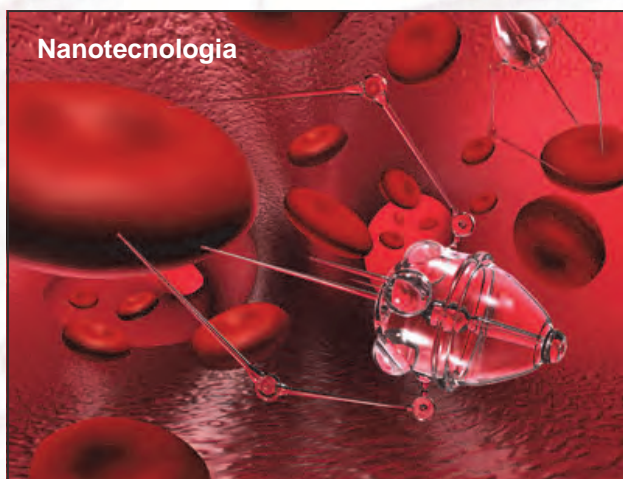




cidadão ainda fazem parte do imaginário dos filmes de acção.

Estes “combatentes do futuro” terão à sua disposição, entre outros, os seguintes dispositivos:

- Sistema de Orientação terrestre para guiar os soldados de forma a evitar obstáculos;
- Sistema de detecção e diferenciação de elementos amigos/inimigos;
- Camuflagem óptica que recria, através de um sistema complexo de micro-câmaras, o meio envolvente;
- Sistema de comunicação de voz e texto;
- Utilização da nanotecnologia para, através da colocação de nano robots no organismo dos militares, “reparar” os tecidos e ferimentos, efectuar cirurgias, enviar informações acerca dos sinais vitais do combatente, etc.);
- Utilização de exosqueletos que garantam aos combatentes capacidades sobre humanas tais como a possibilidade de se deslocar a velocidades incríveis, carregando equipamento e armamento sem provocar cansaço. Esta tecnologia pode ainda conferir protecção balística<sup>5</sup>;
- Armaduras corporais baseadas em fluidos *magnetorheological*<sup>6</sup> com capacidade de protecção dinâmica contra impactos balísticos de armas ligeiras em cerca de um milésimo de segundos;
- Sistemas “mãos livres” para pedidos de apoio de fogos;
- Sistemas de “Realidade Aumentada”<sup>7</sup> para fornecer às tropas apeadas a capacidade de “ver” o terreno antes de iniciar a missão;
- Vestuário com regulação térmica e medição dos sinais vitais em tempo real;
- Capacetes com ecrãs computadorizados para visualização de mapas, leitura de mensagens, identificação de alvos e sistema de pontaria em combinação com o armamento individual;
- Sistema de localização de *snipers*;
- Armamento individual ultra leve, configurável, preciso e de manutenção fácil.



## Exosqueleto



Os sistemas C4ISR são já uma realidade, mesmo aos mais baixos escalões de comando, através da utilização de PDA's, receptores GPS e meios rádio UHF que permitem aos combatentes a possibilidade de determinar a sua posição relativa e a capacidade para comunicar com escalões superiores e subordinados. Podem ainda enviar informações através de relatórios, imagens e vídeos. Nos uniformes, equipamento e calçado são utilizadas fibras têxteis avançadas que garantem conforto e bem-estar elevados. Face à quantidade de tecnologia a transportar, o objectivo, no curto e médio prazo, consiste em reduzir o peso global que cada militar tem que carregar.

Estes projectos tecnológicos aliciam inúmeras empresas, particularmente do sector privado, envolvendo meios financeiros e humanos incalculáveis. Trata-se de uma verdadeira batalha, uma corrida contra o tempo, em que o vencedor final é o incógnito soldado que, entre as ruínas de um qualquer cenário de guerra, vê a suas capacidades de protecção, letalidade e sobrevivência aumentadas exponencialmente.

1Sarg Cav Agostinho Fernandes  
Chefe ESI RC6

1. Para melhor compreensão e visualização dos efeitos da camuflagem adaptativa/ óptica – ver vídeos em: <http://youtube.com/watch?v=nAbRm45SX38> e <http://youtube.com/watch?v=G97F6EgYV5Y>.
2. *Intelligence*.
3. Estes sistemas baseiam-se na recolha e análise da informação “on line”.
4. *Command, Control, Communications and Computers Intelligence, Surveillance and Reconnaissance (Comando, Controlo, Comunicações e Computadores, Informações surveillance e reconhecimento)*.
5. Para visualizar esta tecnologia em acção consulte o sitio <http://youtube.com/watch?v=SFXEFPco8I8>.
6. O fluido *magnetorheological* é um tipo de líquido inteligente que contem minúsculas partículas magnéticas contidas numa espécie de óleo. Quando exposto a campos magnéticos, o fluido aumenta a sua viscosidade até se tornar completamente sólido.
7. *Augmented reality*.



## SITREP PANDUR II 8x8

O processo da recepção das novas viaturas blindadas de rodas PANDUR II 8X8, um dos *Projectos Estruturantes de Reequipamento e da Transformação do Exército*, constitui um salto qualitativo nas capacidades da Brigada de Intervenção que exige um acompanhamento e adaptação da Brigada no que diz respeito a infra-estruturas de apoio, e necessidades de pessoal habilitado para permitir a sua manutenção e a exploração de todas as suas potencialidades.

Até ao momento foram entregues às Unidades da Brigada um total de 80 VBR PANDUR II 8X8, das quais 75 nas versões *Infantry Combat Vehicle (ICV)*, 2 *Command Post Vehicle (CPV)* e 3 *Medical Evacuation Vehicle (MEV)*, distribuídas pelas Unidades nas quantidades que a cada uma se indicam: 2 ao Comando, 36 ao RI 13, 37 ao RI 14 e 5 ao RC 6.

As Unidades da Brigada continuam a preparar os recursos humanos e as infra-estruturas para a recepção, operação, sustentação e manutenção das VBR PANDUR II 8X8 de forma sustentada em toda a Brigada. Neste âmbito, e de acordo com o prescrito pela Directiva 259/CEME/07, foram realizadas as seguintes obras:

- No RI13 foi concluída a primeira e a segunda fase de construção de telheiros cobertos, duas rampas de lavagem de viaturas, oficina de manutenção, sistema de recolha de hidrocarbonetos (SRH), Arrecadação de Material Sensível (MAS), uma Arrecadação de Material de Guerra (AMG) e salas para o simulador de VBR PANDUR II. Na área de formação e treino, denominada "aldeia dos lobos", foi construída uma pista de condução para VBR.
- No RI 14 foram construídas duas rampas para lavagem/lubrificação exterior, AMS, Oficina de Manutenção, telheiros cobertos fase I (24 VBR PANDUR II) e SRH e telheiros cobertos fase II (24 VBR PANDUR II) e arrecadação para material sensível com climatização.
- No RC 6 foi concluída a adaptação de um edifício oficina com rampa de lubrificação interior, duas rampas de lavagem/lubrificação exterior, renovação de telhados em parques de viaturas, construído um SRH e a primeira fase dos telheiros cobertos;

- RI 19 foi construída uma pista de condução e teste para VBR PANDUR II;
- Em Abr10, o RE 3 concluiu as obras de remodelação de um edifício para o estacionamento e manutenção primária das VBR, no âmbito do reequipamento da CEng com 9 VBR ESV (*Engineer Squad Vehicle*).

Ao longo do ano 2010 decorreram estudos com vista à entrada em produção da VBR ESV, tendo o RE3 apoiado a MAF/VBR Pandur II 8x8 no processo de adequação desse equipamento. As alterações propostas ao constante no Caderno de Encargos do Programa VBR PANDUR 8x8 (Apd 10

ao Anx A) implicam estudos técnicos rigorosos pela empresa STEYR e envolvem alterações nas questões contratuais, que implicarão eventuais alterações ao programa de entrega das viaturas.

Após ultrapassados alguns aspectos técnicos retomar-se-ão as negociações em Janeiro de 2011, pensando-se que no próximo ano e após aprovação do Ministério da Defesa Nacional, tenha início a fase de produção da ESV.

A BrigInt apresentou ainda dois projectos para a aquisição de encerados e desumidificadores para as viaturas. Os primeiros com a dupla finalidade de, em situações de campanha, proteger a viatura das intempéries e servir de abrigo à guarnição contribuindo, ao possibilitar que esta descanse como um todo, junto da viatura, para o incremento do espírito de corpo e de grupo da mesma. Os segundos para protecção dos instrumentos, equipamentos e manómetros digitais, extremamente sensíveis à humidade provocada por condições meteorológicas adversas. A utilização dos desumidificadores conjugada com os encerados de protecção contribuirá para a manutenção das condições necessárias para evitar o aparecimento de focos de humidade, condensação, oxidação e ferrugem em vários componentes no interior e exterior das viaturas.

G4/BrigInt







## FORMAÇÃO

No ano transacto decorreram nas instalações do Regimento de Infantaria nº13 os 1º, 2º e 3º Cursos de Chefes e Condutores de VBR PANDUR II 8x8 12,7mm, tal como previsto no PFA (Plano de Formação Anual) para 2010. Tendo sido o 1º Curso reportado e enunciado em anterior edição desta revista, cabe neste espaço actualizar os leitores face ao 2º e 3º Cursos de VBR PANDUR II.

O 2º Curso de Chefes e Condutores de VBR PANDUR II 8x8 decorreu entre o período de 14 a 30JUN, onde se apresentaram para frequentar cada um dos cursos 16 e 25 formandos respectivamente. O Corpo de Instrutores para cada curso foi formado por um director de curso, um chefe de equipa de instrução, dois instrutores, e três auxiliares de instrução. Neste curso participaram cinco praças do Batalhão de Fuzileiros da Armada Portuguesa, tendo em vista a recepção das VBR PANDUR II no Batalhão.

O 3º Curso de Chefes e Condutores de VBR PANDUR II 8x8 realizou-se no período entre 10 a 26NOV, e foi frequentado por 16 formandos. Com o rigor das condições meteorológicas vividas nesse período, todos os formandos tiveram estreito contacto com as dificuldades de condução todo-o-terreno (estando o piso lamacento), e com visibilidade reduzida, demonstrando assim as capacidades que a VBR PANDUR possuem, bem como a aprendizagem teórico-prática que esta tipologia de cursos encerra. Foi com agrado que na classe de formandos integramos, pela primeira vez, 02 Oficiais e 03 Sargentos dos quadros do Corpo de Fuzileiros da Armada, o que permitiu estabelecer uma ponte de

conhecimento e experiências conjuntas entre a Brigada de Intervenção e a Armada Portuguesa.



A formação PANDUR desenvolvida no Regimento de Infantaria nº13, bem como a recepção dos primeiros quadros de Fuzileiros, permitiram cimentar, mais uma vez, os alicerces que promulgam o *Know-How* que a BrigInt detém nesta área do conhecimento e que a tornam cada vez mais numa Força Blindada de Rodas no trilho certo da modernidade e da excelência.

*Ten Inf Daniel Gomes*  
Director dos Cursos de Formação

UNIDADE	Ch Viatura		Condutor	Can 30mm		PC		OP. P525		Amb		Man		Sist Electr	
	OF	SAR		OF	SAR	OF	SAR	OF	SAR	OF	SAR	OF	SAR	OF	SAR
CMD		7	6				1	1	2				1		1
RI13	17	50	72	1	2		6	2	4		1		1		1
RI14	13	41	72			2	6	1	5		1				
RI19		2	2				2		1				1		1
RC6	10	23	26	1	1	1	1	2	7						
RE3		6	3												
RAAA1															
RA5		1	1												
CTM		2	1												
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>132</b>	<b>183</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>16</b>	<b>6</b>	<b>19</b>		<b>2</b>		<b>3</b>		<b>3</b>
	172		183	5		19		25		2		3		3	

*Ações de formação ministradas até ao momento (24NOV10)*



## SIMULAÇÃO

Na última edição desta revista foi apresentado o objectivo, o conceito e a arquitectura do novo Simulador Tático PANDUR SP-30 (versão PANDUR II Can 30mm), dando a conhecer a nova valência de formação e treino operacional que a Brigada de Intervenção (BrigInt) passa a dispor, tanto em voga noutros exércitos estrangeiros.

No ano de 2010, após a instalação e formação dos primeiros quadros para incorporarem o grupo de instrutores de simulador (dois oficiais e dois sargentos), iniciaram-se trabalhos de inter-



ligação entre o Regimento de Infantaria nº13 (unidade onde se encontra instalado este simulador) e a Empordef-TI (empresa responsável pelo projecto). Estes trabalhos incidiram sobre o modelo apresentado e algumas actualizações que facilitassem a simulação e o treino das guarnições. As actualizações inserem-se nos domínios da correlação dos avisos de emergência do painel de instrumentos do condutor com o comportamento da VBR, bem como a interligação do sistema de auriculares que permita uma comunicação mais fidedigna entre as guarnições.

Outro passo importante foi a ligação via Internet do Simulador com o gabinete da Empordef-TI (situada em Lazarim -Costa da Caparica), o que permite a resolução de problemas e a ligação *on line* numa óptica de redução de custos.

Durante todo este processo este simulador foi alvo das mais distintas visitas por parte do Comando do nosso Exército, assim como por entidades estrangeiras e civis, em que as mesmas assistiram a uma apresentação do simulador e a diversas simulações criadas pelo corpo de instrutores, bem como às primeiras utilizações do sistema por parte de condutores e chefes de VBR do 1ºBI/BrigInt.

Realça-se também a presença de um dos postos deste simulador na exposição alusiva às comemorações do Dia do Exército (Outubro2010) em Castelo Branco, onde todos os presentes puderam visitar e interagir com o sistema.

A simulação é um passo de gigante na modernização e redução de custos associados à formação e treino operacional do pessoal da BrigInt, que muito orgulha os Infantes do Marão seus detentores, pois contribuem de forma significativa para a modernização de meios, técnicas e processos que a esta Brigada de Intervenção são de direito.

Ten Daniel Gomes  
2ºCmdt 1ºCat/1ºBI/BrigInt



# A MANUTENÇÃO DAS VBR 8X8 PANDUR II

“Aquele que se empenha a resolver as dificuldades resolve-as antes que elas surjam” - Sun Tzu

## Introdução

A viatura Blindada de Rodas (VBR) 8x8 Pandur II, em fase de entrada ao serviço do Exército, vai equipar a BrigInt e na nossa opinião, constituir-se como o seu mais importante Sistema de Armas. Estas VBR Pandur II, como sistema de armas de elevada tecnologia (e elevado custo), estimando-se receber 240 unidades com onze versões diferentes, vem determinando a alteração de conceitos e procedimentos ao nível da Manutenção que vamos procurar elucidar neste artigo.

## Manutenção – Conceito e Intervenientes

Da doutrina em vigor conhecemos que a função logística Manutenção é o “conjunto de actividades com a finalidade de manter (conservar) o equipamento (material) em condições de operacionalidade e restaurar tal condição ao equipamento que não se encontra operacional” e está organizada em três níveis com as designações seguintes: Manutenção de Unidade, Manutenção Intermédia e Manutenção de Depósito<sup>1</sup>.

O novo conceito de Manutenção para as VBR 8x8 Pandur II foi amplamente discutido e resultado de um largo consenso<sup>2</sup> e estabelece que a manutenção assenta em três níveis conforme detalhamos:

### Nível I:

- A realizar pelas e nas Unidades Utilizadoras (UU) (pela tripulação, operador e pessoal da manutenção da unidade);
- Compreende, de modo sucinto, os trabalhos de manutenção preventiva **diários** e **mensais (1M)** destinados a conservar o material e equipamentos em condições de serviço e reduzir a possibilidade de ocorrências de avarias.

### Nível II:

- A realizar pela unidade de Manutenção de Apoio Directo (CMan/BrigInt) nas UU ou no órgão (CMan/BrigInt no RMan);
- Manutenção Preventiva Semestral (6M): a realizar por Secções Móveis de Manutenção (SMM) da CMan/BrigInt que, a partir do RMan, se vão deslocar às diferentes UU da BrigInt (tempo previsto 4h/2H<sup>3</sup>; legenda h=horas; H=Homem);
- Manutenção Preventiva Anual (1A): a realizar por SMM da CMan/BrigInt que, a partir do RMAN, se vão deslocar às diferentes UU da BrigInt (tempo previsto: 16 h/2H<sup>3</sup>);
- Manutenção Preventiva Bienal (2A) (quadrienal, ...): a realizar por Secções de Manutenção da CMan/BrigInt, **no RMan** (tempo previsto: 28h/2H<sup>3</sup>)

- Manutenção Pós-Avaria: conforme o tipo de avaria será reparada na própria UU, através do envio de uma SMM, **ou** nas instalações da CMan/BrigInt no RMan<sup>4</sup> e compreende os trabalhos de manutenção correctiva *conhecidos*<sup>5</sup> como de 3º escalão, incluindo parte significativa dos trabalhos do 2º escalão e uma pequena parte do 4º.

**Nível III:** a realizar pelas unidades e órgãos de manutenção (CME, OGME, no fabricante e subcontratantes) nas suas instalações e engloba todos os trabalhos que assentam nas grandes intervenções de manutenção e de recondicionamento.

Apesar de numa primeira análise simplista não visualizarmos alterações de monta, numa análise mais detalhada, quando se comparam os conceitos referidos, existe uma **transformação significativa**: no conceito anterior o esforço da Manutenção tem, em parte, sido dirigido ao nível I (Manutenção de Unidade), **enquanto no novo conceito de Manutenção para as VBR 8x8 Pandur II o esforço é dirigido para o nível II, Manutenção Intermédia (e absorve parte da Manutenção de Unidade)**<sup>6</sup>.

Este novo conceito determina que se concentrem os meios (pessoal técnico qualificado, infra-estruturas, equipamentos, ferramentas e sobressalentes) em larga escala no órgão que realiza os trabalhos de nível II, em concreto na CMan/BrigInt e permite, por outro lado, que as cargas de trabalho nas UU diminuam significativamente, havendo redução dos recursos em pessoal e logística. Nesse sentido está em curso a reorganização do QOP da CMan/BrigInt estruturado em conformidade com o novo conceito!

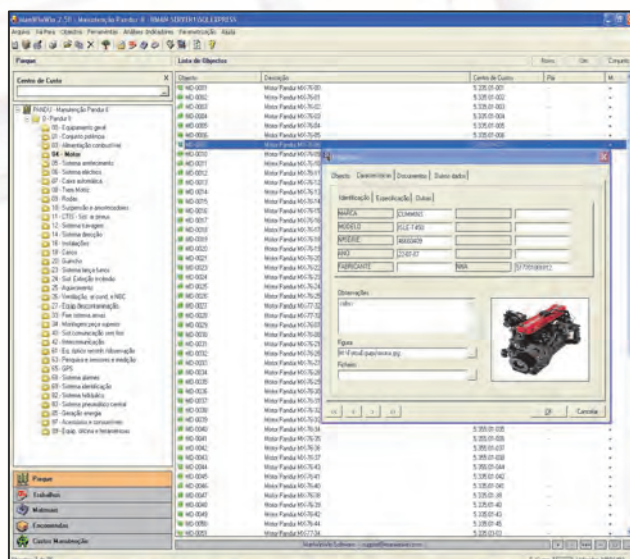


Fig. 1 – Sistema Gestão VBR 8x8 Pandur II: caracterização e parametrização duma VBR (foto RMAN, 2010)



## Gestão da Manutenção – O Gestor e os Procedimentos

A par com o novo conceito de manutenção está a ser implementado um novo Sistema de Gestão [da Manutenção] das VBR 8x8 Pandur II, suportado numa aplicação informática que permite, nomeadamente<sup>7</sup> (fig. 1):

Organizar a manutenção destes novos sistemas de armas de modo automatizado e sistemático;

Controlar os custos ao longo do ciclo de vida dos equipamentos;

Controlar e gerir os trabalhos e materiais necessários para a manutenção (preventiva e pós-avaria);

**Implementar** canais electrónicos de comunicação, assentes na Intranet do Exército, entre as **UU** e os **órgãos de execução e gestão da manutenção**.

Esta aplicação, para além de permitir uma gestão mais eficiente, eficaz e integrada, vai conduzir a mais uma importante alteração: eliminar, em definitivo, a “velha cultura burocrática do papel”!

Neste momento é possível saber, em tempo real, informações relevantes sobre o estado de cada viatura – como o estado de operacionalidade, número e tipo de avarias, sobressalentes aplicados, consumos, custos, descrição das reparações efectuadas, programação da manutenção preventiva, cadastros.

De modo sucinto podemos ilustrar os procedimentos inerentes à implementação e funcionamento do Sistema de Gestão (fig. 2):

A Unidade detentora da VBR 8x8 Pandur II reporta à CMan/BrigInt, por meio electrónico através da aplicação informática, uma acção de manutenção executada ou um qualquer pedido de reparação/avaria detectada;

A CMan/BrigInt procede à análise do pedido/avaria e se o trabalho a executar estiver ao seu nível e de acordo com as suas competências, acciona a reparação na UU, através do envio de uma SMM, ou diligência para a recolha da viatura ao órgão; se a situação ultrapassar as possibilidades da CMan/BrigInt, esta reporta para a DMT.

### A CMan/BrigInt – “Treinar e Organizar como se Espera Combater”<sup>8</sup>

Decorrente da focalização do esforço de manutenção no nível II, reitera-se a determinação de proceder à concentração de meios humanos e materiais na CMan/BrigInt, bem como a consequente reorganização da mesma.

O QOP da CMan/BrigInt aprovado<sup>9</sup> contempla 7 Oficiais, 36 sargentos e 95 praças (efectivo total: 138) organizados num Comando, Secção Alimentação, Secção de Controlo Oficinal e quatro pelotões (Reabastecimento, Serviços Gerais e Evacuação, Manutenção Electrónica e Manutenção Mecânica): este QOP não reflecte nem se conforma com o novo conceito de Manutenção aprovado.

Assim, foi proposto a reorganização da CMan/BrigInt com a finalidade de estabelecer uma

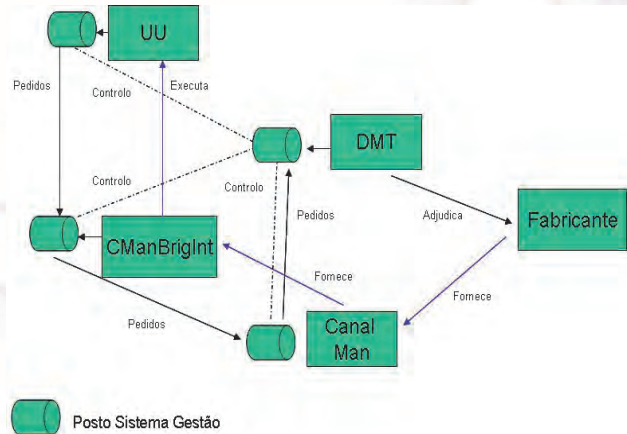


Fig. 2 – Manutenção Pós-avaria Nível II VBR 8x8

estrutura que funcionalize a logística aos baixos escalões e, desde o Tempo de Paz, funcione, até ao máximo das possibilidades, numa lógica de Apoio em Campanha; relevamos o seguinte:

Efectivo de 7 oficiais, 73 sargentos e 93 praças (total: 173); acréscimo significativo no efectivo na categoria de sargentos (mecânicos) necessário para assegurar o esforço de manutenção de nível II às VBR Pandur (e, logicamente, manter o apoio a todas as outras viaturas e demais equipamento que equipa a Brigada);

Organização com um Comando e Destacamento de Comando e quatro pelotões, cada um



Fig. 3 – VBR 8x8 Pandur II : Novas Oficinas Manutenção Nível II (foto RMan, 2010)

integrando as várias valências (manutenção, reabastecimento classe IX serviços gerais e evacuação) – 3 Pelotões de Manutenção e 1 Pelotão de Manutenção Forças de Apoio de Combate; esta nova organização permite, de imediato, o funcionamento numa perspectiva de Apoio de Campanha quer à BrigInt como um todo, quer a apenas um dos seus Batalhões operacionais (com um único pelotão, organizado em secções que asseguram cada função/actividade logística - funcionalização logística aos baixos escalões).

A localização da CMan/BrigInt no RMan (Entroncamento) beneficia da utilização de novas e



modernas oficinas equipadas com os equipamentos e ferramenta adequada (fig. 3) e, de modo determinante, assim dispôr [no RMan] de outra flexibilidade e valências de manutenção: **a centralização, concentração e especialização da Manutenção Intermédia (nível II) no RMan vai permitir gerir de modo mais adequado o pessoal técnico, utilizando mais racionalmente as suas competências e obter a necessária flexibilidade para dirigir o esforço às prioridades superiormente determinadas**<sup>10</sup>.

### Conclusões e Desafios

Pretendemos com este artigo elucidar sobre o modo como pensamos se irá assegurar a sustentação do sistema de armas VBR 8x8 Pandur II. O novo conceito de Manutenção focaliza o esforço de manutenção no nível II de que resulta a redução de parte significativa dos trabalhos e, logicamente, dos recursos (pessoal e material) ao nível das UU. Consequentemente impera a necessidade de proceder à centralização, concentração e especialização de recursos (em pessoal e material) na CMan/BrigInt no RMan.

Conscientes de que estamos no início de uma etapa que não é fácil nem imediata, estamos decididos e empenhados em realizá-la, de modo adequado e cabal, com a finalidade de assegurarmos a sustentação do novo sistema de armas VBR 8x8 Pandur II em proveito da máxima operacionalidade da Brigada de Intervenção.

*TCor Mat Francisco Thó Monteiro  
Cmdt BMan/RMan*

1. CID (2007) – PDE 4-00 LOGÍSTICA: pp 4-2; 7-9 a 7-10.
2. Numa fase inicial vide Informação nº 586/07, 27NOV07, DMT, aprovada por despacho do Exmo TGen QMG em 28NOV07, onde o conceito de manutenção é assumido formalmente e, posteriormente, reiterado pela Informação nº 57/09, 21ABR09, DMT, aprovada por despacho do Exmo. TGen VCEME em 04MAI09.
3. Valores fornecidos pela Steyr em condições óptimas e na posse de todos os equipamentos, ferramentas e sobressalentes.
4. Revela-se que durante o período da garantia, 3 anos, a maioria das acções correctivas vão ser realizadas pelo fabricante e acompanhadas pelo pessoal da CMan/BrigInt.
5. Referimo-nos à organização da Manutenção em 5 escalões que vigorou na criação da Brigada Mista Independente.
6. Adaptado, discurso Director DMT, Exmo MGen Ramos, proferido na cerimónia Dia do Serviço de Material e Dia do RMan, NOV2009.
7. Conforme nota nº 588/RAM DMT 13JAN09; Aplicação baseada no programa Manwinwin, da Navaltic, e que ainda carece de trabalhos continuados de parametrização e de adaptação.
8. Directiva 29/CEME/10 Directiva para o Exército Biénio 2010/2011.
9. QOP nº 24.0.19, aprovado Despacho Gen CEME em 15Fev06.
10. Adaptado discurso Director DMT, Exmo MGen Ramos Dia do SMat e do RMan, Nov09.

### Referências Bibliográficas

- CID (2007) – PDE 4-00 LOGÍSTICA. Exército Português. ÉVORA: CID. 2007
- Directiva 29/CEME/10 Directiva para o Exército Biénio 2010/2011
- Informação nº 586/07, 27NOV07, DMT, aprovada por despacho do Exmo TGEN QMG em 28NOV07
- Informação nº 57/09, 21ABR09, DMT, aprovada por despacho do Exmo TGEN VCEME em 04MAI09
- EME – RC Batalhão Apoio de Serviços. EME. Exército Português. LISBOA. 1982
- Alves, Cor Salvado. Brifingue/Palestra Proferido pelo Comandante do RMan à BrigInt, Mai09
- Monteiro, TCor Francisco Thó. Artigo "Viaturas Blindadas de Rodas 8x8 Pandur II: Um Novo Paradigma de Manutenção?"; Revista do Comando da Logística, 2010



## STRYKER M1128 MGS

A “Stryker” é o resultado das lições apreendidas pelo Exército dos Estados Unidos da América (EUA) durante a I Guerra do Golfo (IGG). As divisões blindadas ligeiras, demonstraram que embora de fácil projecção, não tinham potencial de combate suficiente para derrotar as forças blindadas pesadas opositoras. Por outro lado as divisões pesadas equipadas com Carros de Combate (CC) “Abrams” e VB “Bradley” tinham capacidade para derrotar qualquer tipo de força mas demoravam meses para serem projectadas para o Teatro de Operações (TO)<sup>1</sup>. As “Stryker Brigade Combat Team” (SBCT) reúnem os dois requisitos capacidade de projecção/mobilidade e letalidade/capacidade de sobrevivência.

“Um dos objectivos da transformação levada a cabo pelo Exército dos EUA é ter capacidade

para projectar uma brigada de combate para qualquer parte do mundo em 96 horas, uma divisão em 120 horas e cinco divisões em 30 dias.”<sup>2</sup>

A “Stryker”, nova Viatura Blindada de Rodas (VBR) do Exército dos EUA, foi apresentada em 27 de Fevereiro de 2002<sup>3</sup>, numa cerimónia oficial em “Fort Lauderdale” (EUA). De acordo com o discurso de apresentação, a “Stryker” é uma viatura altamente projectável que combina, de forma harmoniosa, poder de fogo, capacidade de manobra, protecção da força e versatilidade de emprego, com reduzidos custos logísticos.

O Nome de baptismo foi atribuído em honra dos falecidos soldados Norte-americanos “Pfc.<sup>4</sup> Stuart S. Stryker”, que serviu na II Guerra Mundial e “Spc.<sup>5</sup> Robert F. Stryker”, que caiu em combate na Guerra do Vietname<sup>6</sup>.



CARACTERÍSTICAS GERAIS <sup>12</sup>	
Guarnição	1 Chefe de viatura, 1 Conductor e 1 Apontador
Peso	18.78 Ton (41,300 lb)
Dimensões	
Comprimento / Largura / Altura:	6.98 m / 2.71 m / 2.64 m
Armamento	
Peça	Peça M68A1E4 105 mm com sistema de estabilização e municionamento automático (ciclo de 6 segundos)
Metralhadoras	Coaxial 7,62 mm Chefe de Viatura .50 (12,7 mm)
Lança Granadas de Fumo	2 M6
Munições tipo e quantidade	18 Munições 105mm NATO 400 Munições 12.7 mm NATO 3400 Munições 7,62mm
Metr (Coaxial e torre):	1 Metr coaxial 7,62mm e 1 Metr Pes .50 (12.7mm) M2
Mobilidade	
Trem de potência	Composto pelo motor, transmissão e sistema de arrefecimento. Este conjunto está implantado de forma a facilitar a remoção rápida, inclusive em campanha.
Motor	Caterpillar com 520 Cv (350 hp)
Transmissão	Cx Auto 6 velocidades para a frente e 1 para a retaguarda
Suspensão	Hidropneumática independente às 8 rodas
Travões	ABS nos três eixos traseiros



CARACTERÍSTICAS GERAIS (Continuação)	
Direcção	Assistida
Pneus	"Runflat" com sistema de regulação central de pressão
Velocidade, Rampa e inclinação max.	100 Km/h / 60 % / 30 %
Autonomia	Aproximadamente 500 Km
Aceleração dos 0 aos 50	8 segundos
Vau	1.98 m (6.5ft)
Protecção	
Casco	Protecção balística até calibre 14,5 mm e estilhaços de granadas de artilharia de 152mm
Sistema NBQ	Detector de ameaças nucleares, biológicas e químicas.
Sistema contra incêndios	Protecção contra incêndios no compartimento da guarnição e motor
Navegação	Receptor GPS Rockwell Collins AN/PSN-11 PLGR
Transportabilidade	Terrestre, marítima e aérea (C-130, C-5, C-17)
Outras características	Possibilidade de adaptar kit de protecção, em 360°, contra RPG-7

A "Stryker" M1128, inicialmente designada por "Interim Armored Vehicule" (IAV) representa uma família de viaturas blindadas 8x8 fabricada pela "joint venture" constituída pela "General Motors" e pela "General Dynamics Land Systems (GDLS)"<sup>7</sup>. Esta viatura baseia-se, amplamente, na viatura canadiana GDLS LAV III 8x8<sup>8</sup> que, por sua vez, se baseia na viatura suíça "Mowag Piranha". Curiosamente, a "holding Steyr", responsável pelo fabrico da "Pandur II 8x8" é uma empresa do grupo "General Dynamics". A produção iniciou-se com duas versões base: "Infantry Carrier Vehicle" (ICV) e "Mobile Gun System" (MGS)<sup>9</sup>. A Capacidade de Operação Inicial (IOC) da MGS foi atingida em 2005, tendo sido produzidas 138 MGS's a um custo unitário de dois (2) milhões de euros.

O desenvolvimento e a aquisição da "Stryker" representam o maior salto tecnológico do Exército dos Estados Unidos da América desde o desenvolvimento e aquisição das viaturas do programa "M2 Bradley" nos anos oitenta.

A viatura está associada ao conceito de SBCT<sup>10</sup>. Estas unidades estão equipadas com as VBR "Stryker" e foram empregues pela primeira vez, em 2003, no Teatro de Operações (TO) do Iraque, no decurso da II Guerra do Golfo (II GG). Contudo, a versão MGS só entrou, oficialmente, ao serviço do Exército dos EUA em Maio de 2007, igualmente no TO do Iraque, no 4º Batalhão, do 9º Regimento, 4ª SBCT, da 2ª Divisão de Infantaria de "Fort Lewis", "Wash"<sup>11</sup>.

Para além da MGS (C) existem as seguintes versões da VBR "Stryker": Transporte de Tropas (A), Posto de Comando (B), Apoio de Fogos (D),

Ambulância (E), Porta Morteiros (F), Engenharia (G), Anti-Carro (H), NBQR (I) e Reconhecimento (J).

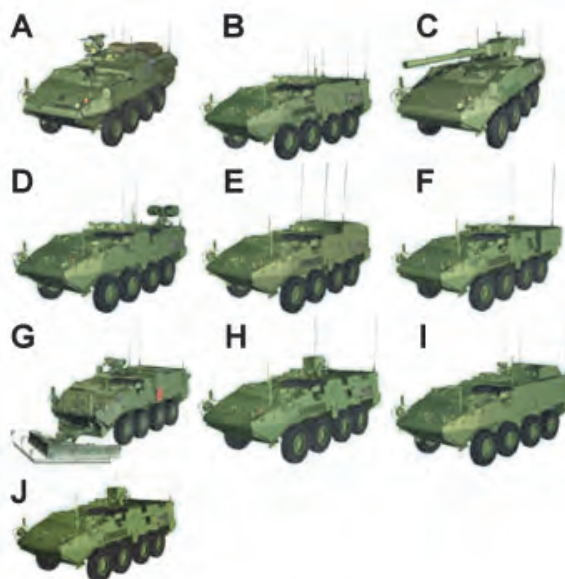
O ano de 2008 constituiu-se numa meta para o Exército dos Estados Unidos, relativamente à finalização do programa de reequipamento da totalidade das seis (6) SBCT, num total de cerca de 2131 viaturas "Stryker", nas suas 10 diferentes versões, das quais 186 são MGS. O custo deste programa de reequipamento foi, inicialmente, calculado em 4 biliões USD<sup>13</sup>. Os custos de operação e manutenção das Brigadas tipo SCBT são inferiores em cerca de 25% quando comparadas com as Brigadas pesadas actuais, isto para não falar nos custos de produção, aquisição e projecção<sup>14</sup>.

A SBCT é uma força tecnologicamente avançada, com sofisticados meios C4ISR<sup>15</sup>, permite ao Comandante VER, ESCLARECER, ANTECIPAR, AGIR E DECIDIR primeiro que o seu opositor, criando condições para actuar de uma forma RÁPIDA e DECISIVA. Deste modo, o

Comandante e o seu Estado-Maior têm condições para tirar partido da informação do campo de batalha<sup>16</sup> em "tempo real".

A principal diferença registada entre a actual Brigada "Stryker" e a antiga Brigada Mecanizada prende-se com uma significativa redução no efectivo destinado ao Apoio de Combate e Apoio de Serviços e um aumento nas forças de combate.

A função principal da MGS é apoiar com fogos directos rápidos e letais o assalto da infantaria, bem como destruir uma grande diversidade de alvos estáticos e móveis nomeadamente, pessoal, infra-estruturas, materiais e equipamentos.





A MGS está equipada com uma peça M68A1E4 semelhante à versão original da peça do CC “M1 Abrams”, calibre 105 mm de municiamento automático<sup>17</sup>, montada numa plataforma de tiro com silhueta reduzida e estabilizada. Para além da

ainda assinaturas térmica e sonora reduzidas. A viatura tem ainda possibilidade de aumentar a sua capacidade de protecção através da colocação de painéis adicionais de blindagem ou blindagem reactiva.



peça está ainda equipada com uma metralhadora coaxial 7,62 mm e uma metralhadora pesada .50 (12,7 mm) operada pelo Chefe de Viatura. A sua blindagem protege a guarnição do fogo de metralhadoras pesadas, morteiro e fragmentos de artilharia de campanha. Pode disparar 18 munições de 105 mm, 400 munições .50 e 3 400 munições 7,62 mm. Está ainda equipada com a versão mais recente de equipamento C4ISR, assim como detectores para armas NBQR.

A peça M68A1E4 de 105 mm pode disparar qualquer tipo de munição NATO, mas utiliza basicamente 4 tipos de munições tácticas: HE, HEP<sup>18</sup> (utilizadas contra abrigos, “bunkers”, posições de metralhadoras e de “snipers”, bem como para a abertura de brechas em edifícios para a infantaria penetrar), munições de energia cinética (KE)<sup>19</sup> (empregues para destruir veículos blindados de nível II), HEAT<sup>20</sup> (empregue para destruir uma ampla variedade de viaturas blindadas ligeiras e produzir efeitos de fragmentação) e por último munições anti-pessoal “canister” (empregues contra infantaria apeada a descoberto). Os quatro tipos de munições existem nas versões de instrução para treino das guarnições.

A sobrevivência da guarnição é assegurada pelos seguintes sistemas: estrutura de aço duro de alta densidade (garante protecção contra estilhaços de munições de artilharia 152 mm HE), camada de cerâmica MEXAS (garante protecção contra impactos de munições de metralhadora até calibre 14,5 mm), kit de protecção integral (360º) contra RPG, GFE/ASIOE, M68A1, ELRF<sup>21</sup>, sistema automático contra incêndios, sistema de auto recuperação e

A MGS é uma VBR com elevada capacidade de projecção (pode ser projectada por navio, C-150, C-5 e C-17<sup>22</sup>), que combina poder de fogo, elevada letalidade e capacidade de sobrevivência, mobilidade, agilidade e versatilidade de emprego com custos logísticos reduzidos.

Cada uma das SBCT tem na sua constituição orgânica 31 MGS's, sendo quatro delas utilizadas como VPO<sup>23</sup> da Brigada.

O pelotão de Auto-Metralhadoras das Brigadas “Striker” está equipado com três (3) MGS's e cada uma tem uma guarnição de três (3) Homens. Chefe de Viatura, Apontador e Condutor. O Comandante e o Sargento de Pelotão são os respectivos Chefes das suas MGS's.

A MGS “Stryker” possui o mesmo equipamento C4ISR, de comunicações e de visão da “Stryker” ICV, mas o apontador tem à sua disposição, para além dos três periscópios, um dispositivo de visão duplo, com meios ópticos para visão diurna e câmara térmica para visão nocturna.

A VBR está equipada com um motor Diesel “Caterpillar” de 520 Cv (350 hp) e caixa de velocidades automática, com 6 velocidades para a frente e 1 para a retaguarda. O sistema de suspensão é do tipo independente às oito rodas, com amortecedores hidropneumático. A direcção é assistida e o sistema de travagem com ABS nos três eixos tra-seiros.

A MGS “Stryker” apresenta uma imagem agressiva devido às suas dimensões e design, bem como pela sua torre, armamento e silhueta reduzida. A suspensão da MGS permite obter um conforto surpreendente quando comparado com a VBR





V-150 e o sistema de controlo centralizado da pressão do ar nos pneus é controlado pelo condutor, permitindo modificar a pressão em movimento. Esta última característica garante um poder adicional de mobilidade em todos os tipos de terrenos, nomeadamente na lama, deserto e terrenos rochosos<sup>24</sup>. Os seus pneus não possuem câmara-de-ar e são do tipo "Run-flat", o que possibilita continuar a marcha, mesmo depois de furados, ao longo de cerca de 80km.

A MGS é hoje amplamente utilizada pelas Unidades Americanas presentes na região do GOLFO, particularmente, no Iraque e Afeganistão, onde foi submetida a difíceis condições de operação táticas, geográficas e climáticas e as suas capacidades têm demonstrado tratar-se uma viatura com elevado potencial para desempenhar Operações em todo o espectro do conflito militar moderno, incluindo Operações de Resposta a Crises (CRO) e de Combate ao Terrorismo.

Para além dos EUA a "Stryker" é utilizada pelo Exército do Canadá, que em Abril de 2004 adquiriu 95 "Strykers", incluindo 14 MGS's, 17 NBQR, 25 ICV e 39 Porta Morteiros Pesados.

Ao galope! À Carga!

Cor Cav Jocelino Rodrigues  
Cmdt RC6

1. Os EUA demoraram 6 meses a reunir e projectar a força que derrotou "Sadam Hussein" na I e II GG.
2. US Army Chief of Staff GEN Eric K. Shinseki – Chefe de Estado Maior do Exército dos EUA.
3. <http://www4.army.mil>.
4. Private First Class (Soldado de Primeira Classe).
5. Specialist (Especialista).
6. Ambos foram condecorados, a título póstumo, com a Medalha de Honra (Medal Of Honor).
7. <http://www.generaldynamics.com/>.
8. General Dynamics Land Systems Light Armoured Vehicle III.
9. US ARMY M1128 Stryker Mobile Gun System.

10. Brigada de Combate "Striker" (Brigada equipada com a família de viaturas "Striker").
11. O reequipamento das três Brigadas, Unidades de manobra desta divisão, com viaturas da família "Stryker" só ficou concluído no final de Novembro de 2007.
12. Informação recolhida em - [http://www.deagel.com/Main-Battle-Tanks/M1128-Stryker-MGS\\_a000514003.aspx](http://www.deagel.com/Main-Battle-Tanks/M1128-Stryker-MGS_a000514003.aspx) e <http://www.globalsecurity.org/military/systems/ground/iav-mgs.htm>
13. <http://www.deagel.com>.
14. Informação disponibilizada em [www.globalsecurity.org](http://www.globalsecurity.org).
15. Command, Control, Communications and Computers Intelligence, Surveillance and Reconnaissance (Comando, Controlo, Comunicações e Computadores, Informações surveillance e reconhecimento).
16. "Battlefield Intelligence".
17. O ciclo de munição automática da peça é de 6 segundos e o auto-muniçador é hidráulico localiza-se na retaguarda da viatura. O carregador tem capacidade para 8 munições.
18. High Explosive e High Explosive Plastic.
19. Kinetic energy.
20. High Explosive, anti.tank.
21. Informação recolhida em [www.military.com/NewsContent/0,13319,160981,00.html?ESRC=army-a.nl](http://www.military.com/NewsContent/0,13319,160981,00.html?ESRC=army-a.nl)
22. O C-17 e o C-5 transportam respectivamente 4 e 7 MGS's. Cada MGS demora cerca de três minutos para desembarcar e 11 a 17 minutos para estar pronta para operações. O Exército dos Exército e a Força Aérea dos EUA desenvolveram NEP's para operações conjuntas envolvendo o C-130 e a MGS.
23. Volante de Prontidão Operacional.
24. Esta capacidade não está activa quando se utiliza o kit de blindagem adicional que obriga a aumentar consideravelmente a pressão dos pneus.

Sites consultados:

- <http://www.ausa.org/webpub/DeptArmyMagazine.nsf/byid/CCR-6CCS8F>
- <http://www.sbct.army.mil/>
- <http://www.globalsecurity.org/military/systems/ground/iav.htm>
- <http://www.globalsecurity.org/military/systems/ground/iav-mgs.htm>
- [http://www.rand.org/pubs/monograph\\_reports/MR1755/index.html](http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1755/index.html)
- [http://www.military.com/soldiertech/0,14632,Soldiertech\\_Stryker,,00.html?ESRC=soldiertech.nl](http://www.military.com/soldiertech/0,14632,Soldiertech_Stryker,,00.html?ESRC=soldiertech.nl)
- <http://science.howstuffworks.com/stryker.htm>
- <http://www.strykernews.com/>
- [http://www.strykernews.com/archives/2004/12/09/stryker\\_officials\\_hope\\_redesign\\_of\\_mgs\\_will\\_fix\\_jamming\\_problem.html](http://www.strykernews.com/archives/2004/12/09/stryker_officials_hope_redesign_of_mgs_will_fix_jamming_problem.html)
- <http://www.defenseindustrydaily.com/Stryker-MGS-Problems-in-the-Field-04731/>

Nota: A "Stryker" não é uma viatura anfíbia.



## SBCT ENSINAMENTOS - TO DO AFGANISTÃO

Em 21 de Setembro de 2010, decorreu no Comando da Brigada de Intervenção (BrigInt) um Seminário sobre Doutrina/Lições Aprendidas da *Stryker Brigade Combat Team* (SBCT), com a intervenção de um grupo de “*subject matter experts*” (SME), regressado recentemente do Teatro de Operações (TO) do Afeganistão, após um empenhamento de cerca de um ano nas províncias de Helmand – Kandahar. Este seminário, contou com a presença do General CFT TGen Amaral Vieira, do General Adjunto do CFT MGen Martins Ribeiro e do General Comandante da BrigInt MGen Antunes Calçada. Estiveram ainda presentes os Comandantes das Unidades da BrigInt, bem como, Oficiais e Sargentos da sua estrutura orgânica (Comando, Estado-Maior e representantes das Unidades) e convidados representantes de U/E/O do Exército (EME, CFT, CID,...). De destacar a participação e experiência de Oficiais do Exército dos Estados Unidos da América, os quais nos apresentaram a organização, as capacidades e as limitações de uma unidade tipo SBCT, mais concretamente no desempenho de missões no TO Afeganistão.

Durante a fase de concepção deste evento foram definidos os seguintes objectivos:

- Recolher ensinamentos relevantes relacionados com o emprego de forças da tipologia da BrigInt

num TO de grande exigência, recorrendo às lições aprendidas pela SBCT que operou recentemente no Afeganistão;

- Recolher contributos significativos relacionados com o emprego de forças da tipologia da BrigInt, que permitam a continuação do desenvolvimento da doutrina de emprego da BrigInt, com meios PANDUR, aos diversos escalões, especialmente na condução de Operações de Resposta a Crises (CRO).

Para tal desígnio o seminário foi conduzido em duas partes, decorrendo na manhã as apresentações do SME e pela tarde uma discussão dirigida em dois grupos de trabalhos (GT), onde foram abordados diversos assuntos, tendo sido aprofundados os tópicos apresentados nas exposições da manhã. Durante a manhã, as apresentações do SME abordaram os seguintes tópicos:

- A Brigada Stryker – considerações gerais;
- Lições aprendidas do emprego dos Batalhões Stryker no Afeganistão;
- Lições aprendidas do emprego das Companhias Stryker no Afeganistão;
- Lições aprendidas do emprego dos Pelotões Stryker no Afeganistão.





Já durante o período da tarde, e com o apoio incondicional de um elemento do SME, coube a um Oficial da BrigInt constituir-se em *Chairman* de cada um dos GT de modo a conduzir e dinamizar a discussão dirigida. Enquanto no GT N.º 1 esta discussão focou assuntos como:

- Considerações gerais da doutrina da Brigada Stryker;
- A influência do Iraque e do Afeganistão na evolução do emprego da Brigada Stryker;
- O emprego das unidades blindadas (*armor*) / Stryker E do Grupo de Reconhecimento / Stryker nas CRO;
- O conceito de Apoio de Fogos / Stryker, de Engenharia / Stryker e de Apoio de Serviços / Stryker nas CRO;

No final deste seminário, e tendo presente que os objectivos para ele definidos foram alcançados na sua plenitude, todos os conhecimentos assimilados foram detalhados num documento, o qual foi dado a conhecer ao escalão superior e difundido internamente pelas dependências e subunidades da BrigInt. De realçar que pelas similaridades existentes entre a SBCT e a BrigInt, a doutrina em uso pela SBCT, doutrina de referência, deverá servir de base para o desenvolvimento de doutrina relativa à Nossa Brigada, devendo ser adaptados os conceitos cujas diferenças de organização o aconselhem.

Este evento, fruto também da disponibilidade demonstrada pelos Oficiais americanos, nomeadamente pelo Adido da Embaixada Americana em Portugal, constituiu-se num marco importante e



- O conceito de Defesa Aérea / Stryker e de CIS / Stryker nas CRO.

No GT N.º 2 os itens abordados foram os seguintes:

- A influência do Iraque e do Afeganistão na evolução do emprego dos Batalhões Stryker;
- A organização para o combate dos Batalhões Stryker nas CRO;
- As operações dos Batalhões Stryker nas CRO;
- O apoio de combate e de serviços dos Batalhões Stryker nas CRO;
- Desafios do comando e controlo dos Batalhões Stryker nas CRO;
- As operações, o apoio de combate e de serviços das Companhias Stryker nas CRO.

impulsionador para a produção da doutrina nacional que versará sobre o emprego operacional e tático de unidades blindadas de rodas equipadas com viaturas PANDUR. Como na elaboração de uma grande obra se comemora um dos momentos mais importantes com a cerimónia da colocação da primeira pedra, também nós consideramos que este é o primeiro passo no trilho da humildade para a produção da “doutrina nacional PANDUR” e assim, num futuro próximo, podermos entregar “o manual a Garcia”.

*Maj Inf Sousa Rodrigues  
Adjunto G3 / BrigInt*



## Filhos de um Deus menor, as crianças-soldado



Dra Carla Marcelino

Os conflitos armados são terreno fértil para o recrutamento de crianças e jovens, com vista à sua utilização, de forma directa (combatentes) ou indirecta (cozinheiros, mensageiros, escravos sexuais, etc.), nas hostilidades bélicas. Esta qualificação lata de criança-soldado, que sufrago, é a adoptada pelos Princípios de Cape Town<sup>1</sup>. Apesar de aceite em muitos *fora*, esta definição é, por vezes, criticada por ser demasiado ampla, risco que assumo. O recrutamento pode ser forçado (rapto, perfídia, uso de estupefacientes, etc.) ou voluntário. Na base do recrutamento voluntário estão factores, como a pobreza, a ausência de alternativas educativas ou de emprego, a motivação de vingar a morte de entes queridos e a orfandade, entre outros. Quer se trate de um recrutamento voluntário ou forçado, note-se que já vai imbuído de um passado trágico que, desde logo, transforma estas crianças em vítimas. Sublinho este aspecto, pois ele revelar-se-á fulcral quando nos depararmos com a fatalidade de julgar crianças que, num teatro bélico, cometeram actos qualificados como crimes, muitas vezes, atroz.

Os primeiros princípios proibitivos do recrutamento infantil foram estabelecidos em 1977, pelos Protocolos Adicionais às Convenções de Genebra de 1949, e, mais tarde, pela Convenção dos Direitos da Criança (CDC) de 1989, que estabeleceu os 15 anos como a idade mínima para o recrutamento e para a participação nas hostilidades. Em resultado de campanhas maciças no sentido de elevar aquela idade, foi adoptado o Protocolo Adicional à CDC Relativo à Participação de Crianças em Conflitos Armados<sup>2</sup> (doravante, o Protocolo) que recomenda o aumento da idade mínima para a participação directa no conflito, de 15 para 18 anos. O Protocolo também incita à proibição do recrutamento obrigatório, pelos Estados Partes, de quem tenha menos de 18 anos. O recrutamento voluntário, de menores de 18 anos<sup>3</sup>, ainda que desaconselhado, é permitido, desde que cumpridas as condições prescritas no artº 3º do Protocolo<sup>4</sup>. Por seu turno, o regime aplicável aos grupos armados para-Estaduais é significativamente mais rígido, proibindo o recrutamento, quer voluntário, quer compulsório<sup>5</sup>. A entrada em vigor do Protocolo representa um indiscutível avanço jurídico, pese embora o facto de o número de ratificações ser ainda consideravelmente inferior às ratificações da CDC.

Por sua vez, o Tratado Constitutivo do Tribunal Penal Internacional<sup>6</sup> (TPI) também contribuiu significativamente para o que considero ser um salto civilizacional, isto é, reconhecer a atrocidade que representa a participação de crianças em conflitos armados. O artº 8º-2b,XXVI) qualifica como crime de guerra “recrutar ou alistar menores de 15 anos nas

*forças armadas nacionais ou utilizá-los para participar activamente nas hostilidades”*. Mais, mesmo tratando-se de conflitos armados que não tenham carácter internacional, o Estatuto qualifica igualmente como crime de guerra “recrutar ou alistar menores de 15 anos nas forças armadas nacionais ou em grupos, ou utilizá-los para participar activamente nas hostilidades” (artº 8º-2e)VII).

Apesar das proibições internacionais de recrutamento de crianças, é consabido o recurso à utilização destas em conflitos armados. Neste contexto, as crianças são vistas como soldados “ideais”, desde logo, porque a sua pequenez os torna insuspeitos. Mas, se este raciocínio prosseguir, no futuro, todas as crianças serão suspeitas, justamente, por as partes saberem que, respectivamente, usam crianças no conflito. Ademais, dizem os seus comandantes que as crianças são mais facilmente treinadas e, segundo as palavras de um Comandante Rebelde da República Democrática do Congo, “*children make good fighters because they’re young and want to show off. They think it’s all a game, so they’re fearless.*”<sup>7</sup>

Uma questão que se afigura envolta em profunda complexidade é o tratamento jurídico a conceder aos casos das crianças soldado. É consensual, no âmbito do Direito Internacional Público<sup>8</sup> e de muitos Direitos nacionais, que a justiça a aplicar a crianças e a jovens em conflito com a lei tem de ser substancialmente diversa da aplicada a adultos. Mas, como satisfazer as necessidades de apaziguamento de uma sociedade que sofreu crimes atrozés às mãos de crianças armadas e, simultaneamente dar a estas crianças uma oportunidade de refazerem a sua vida? Ora, é, justamente, este o ponto crucial da questão: como convencer a comunidade que jazeu sob o poder armado destas crianças de que, no fundo, em algum momento, estas também foram vítimas e deverão ser recebidas e integradas nessa mesma comunidade? Como conciliar o apelo à justiça, por parte da comunidade, e o retirar das crianças soldado de corredores frios do sistema judicial?





Para além de outros instrumentos internacionais, porém sem força jurídica vinculativa<sup>9</sup>, que sancionam medidas mais concretas relativamente à questão da justiça juvenil, recorro que a CDC, essa sim com força jurídica vinculativa para os seus Estados-Partes, inclui também disposições essenciais. No seu artº 37º, proíbe que a criança seja tratada de forma cruel, desumana ou degradante, sendo que a pena perpétua e a pena de morte são proibidas, bem como a privação de liberdade, de forma ilegal ou arbitrária. A privação de liberdade deverá ser uma medida de último recurso e pelo mínimo tempo possível. Mas, quando tal acontecer, deverão ser respeitadas as suas necessidades especiais, designadamente, as que se prendem com a sua idade (ex. deverão estar separadas dos adultos, excepto se situações excepcionais o justificarem, tais como se estiver detida com a sua família). O artº 40º da CDC reveste particular importância, pois consagra princípios orientadores fulcrais, de carácter penal substantivo e adjectivo, com particularidades adaptadas à condição de criança.

Outra questão recorrente prende-se com aqueles casos em que militares, por exemplo, em missão no âmbito de operações de paz se confrontam com crianças-soldado como seu adversário. *Quid iuris?* Este cenário, frequente, traz à colação profundas questões éticas, jurídicas e de *modus operandi* militar, estando o debate longe de ser consensual e de estar concluído.

Tenho consciência de que este é um hercúleo desafio, mais um em matéria de defesa dos direitos da criança, que se coloca ao Direito e aos centros de poder. Resta, portanto, saber se a ordem jurídica e a política internacionais, os teóricos e os profissionais

estão preparados e devidamente munidos dos instrumentos necessários e adequados para tratar de forma diferente o que é indiscutivelmente diferente.

É inequívoco que as crianças-soldado tomam parte no conflito, quer de forma directa, quer de forma indirecta, como dissemos, mas, em qualquer dos casos, estão expostas a acontecimentos profundamente traumatizantes. Poderão ter entrado no conflito, voluntária ou involuntariamente, mas, sempre deverão ser também consideradas vítimas de uma História que não as poupou. Creio que a melhor solução, ainda que utópica em algumas circunstâncias, será o recurso a soluções de justiça restaurativa, que envolvam um trabalho psicossocial e de reconciliação, junto do sistema judicial, das famílias das crianças e da sociedade onde se pretende que estas venham a ser inseridas. É imperioso que as crianças-soldado não sejam, uma segunda vez, vítimas do destino, da História, dos “grandes”...

Termino com a convicção de que uma sociedade que julga as suas crianças como se fossem adultos é uma sociedade que perdeu a alma.

Mestre Carla Marcelino Gomes

Centro de Direitos Humanos

Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

1. “any person under 18 years of age who is part of any kind of regular or irregular armed force or armed group in any capacity, including but not limited to cooks, porters, messengers, and anyone accompanying such groups, other than family members. The definition includes girls recruited for sexual purposes and forced marriage.” Os Princípios de Cape Town, sem força jurídica vinculativa, resultam de um simpósio decorrido justamente naquela cidade, em Abril do ido ano de 1997. Esse simpósio pretendeu reunir peritos e parceiros empenhados em evitar o recrutamento de crianças, em desmobilizar e reintegrar as já recrutadas.
2. Entrada em vigor a 12 de Fevereiro de 2002.
3. V. artº 2º do Protocolo: “Os Estados Partes devem assegurar que as pessoas que não atingiram a idade de 18 anos não são alvo de um recrutamento obrigatório nas suas forças armadas.”
4. Cfr. Artº 38º da CDC.
5. artº 4º do Protocolo: “Os grupos armados distintos das forças armadas de um Estado não devem, em circunstância alguma, recrutar ou usar pessoas com idades abaixo dos 18 anos em hostilidades.”
6. Entrada em vigor na ordem internacional a 1 de Julho de 2002.
7. “Children make good fighters because they’re young and want to show off. They think it’s all a game, so they’re fearless” – As crianças são bons combatentes porque são jovens e gostam de se exibir. Elas pensam que a guerra é um jogo, por isso não têm medo nem receio (tradução nossa).
8. V. Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos, artº6, par. 5, artº 14, par.4; Convenção sobre os Direitos da Criança, arts. 37 e 40; “Regras de Beijing”, Regras Mínimas das NU para a Protecção dos Jovens Privados de Liberdade; “Regras de Tóquio”, “Linhas de Orientação de Riade”.
9. “Regras de Beijing”, Regras Mínimas das NU para a Protecção dos Jovens Privados de Liberdade; “Regras de Tóquio”, “Linhas de Orientação de Riade”.





## APOIO À PROTECÇÃO - CIVIL PLANO VULCANO

Nos termos do artigo 27.º do Decreto-Lei 156/2004, de 30 de Julho – Sistema Nacional de Prevenção e Protecção da Floresta contra Incêndios, as Forças Armadas colaboram em acções de prevenção, vigilância, detecção, rescaldo e vigilância pós-incêndio florestal, na abertura de aceiros, nas acções de limpeza das matas nacionais ou administradas pelo Estado e no patrulhamento das florestas, a fim de colaborar na diminuição do número e dimensão dos incêndios florestais, contri-

no âmbito da Prevenção dos Fogos Florestais de acordo com os protocolos de colaboração anuais, estabelecidos com a Direcção Geral de Recursos Florestais (DGRF). Ao abrigo da resolução do Conselho de Ministros nº 65 / 2006, de 26 de Maio, foi aprovado o Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios onde está prevista a colaboração das Forças Armadas, para além das acções já desenvolvidas também a Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais.



buindo para a preservação e desenvolvimento do sector florestal em Portugal, competindo à Autoridade Florestal Nacional articular com as Forças Armadas a sua participação na execução destas acções.

A prevenção da ocorrência de fogos florestais, constitui um objectivo estratégico de interesse nacional, e o Exército vem colaborando desde 2004

As acções referidas são materializadas em Matas Nacionais, Perímetros Florestais ou áreas protegidas, podendo, no entanto, em situações complicadas, com especial incidência nos períodos em que o risco de incêndio seja muito elevado ou extremo, as equipas de sapadores ser deslocadas para outras áreas por meio terrestre ou heli-transporte.

U/E/O	Zona Actuação	Equipas (2 Sar e 12 Praças)	Plano VULCANO 2010			
			1ª Intervenção	Combate após reacendimento	Rescaldo e vigilância	Totais
RC 6	Vieira do Minho	1 Eq (mista)	Dados reportados por RI13			
RI 13			9	7	30	46
RI 14	Quintanilha	1 Eq	1	0	2	3
RI 19	Pedra de Brôa	1 Eq	0	0	30	30
RI 19	Alto do Fontão	1 Eq	11	0	23	34
	Labruja	1 Eq	17	0	17	34
<b>Total</b>		5 Eq	38	7	102	147



Deste modo a legislação estendeu a acção do Exército ao combate efectivo do fogo em primeira intervenção, considerada como acção preventiva contra fogos florestais, tendo em vista uma acção rápida e incisiva nos primeiros momentos do incêndio, através da actuação de Equipas de Sapadores, com formação específica, ministrada pela DGRF. Estas equipas são constituídas por dois Sargentos e 10 ou 12 Praças, organizadas em turnos alternados de um Sargento e cinco ou seis Praças, que se deslocam em viaturas militares 4x4.

Neste âmbito, a Brigada de Intervenção participou no ano de 2010 com 05 equipas Sapadores do Exército para a Defesa da Floresta Contra Incêndios (SEDFCI) que actuaram nas Matas Nacionais (MN) e Perímetros Florestais (PF) das áreas de responsabilidade do RI 13, 14 e 19 e do RC 6, num total nacional de 10 equipas, na prevenção ao combate a incêndios com patrulhamentos, vigilância móvel, combate ao fogo em primeira intervenção, rescaldo e vigilância pós-incêndio, em MN e ou PF, no período de 01 de Julho a 30 de Setembro.

As 05 equipas SEDFCI BrigInt foram empenhadas da seguinte forma: o RI 13 empenhou 2 equipas, uma em Quintanilha – Bragança actuando no PF do Deilão, e uma mista com o RC 6 em Vieira do Minho, actuando nos PF Cabreira / PN Peneda-Gerês, Sra. da Abadia e Soajo.

O RI 14 empenhou 1 equipa em Pedra da Broa – Oliveira de Frades actuando no PF do Vouga.

O RI19 empenhou 2 equipas no Alto do Fontão – Concelhos de Montalegre/Boticas actuando nos PF Barroso, Chaves, Serra da Padrela, e em

Labruja – Concelho de Ponte de Lima, actuando nos PF Serra de Arga, Entre Vez e Coura parte do PN Peneda-Gerês e PF de Vieira e Monte Crasto.

Cada equipa opera com duas viaturas (4x4), uma equipada com Unidade Compacta Hidráulica para Supressão de Incêndios Florestais (UCHSIF) e outra para transporte de pessoal. Estiveram, em permanência, no terreno 70 militares (10 Sargentos e 60 Praças das quais 10 eram condutores). Estas equipas cumprem as respectivas missões em coordenação com os Técnicos da Defesa da Floresta Contra Incêndios e em estreita colaboração com funcionários da DGRF das áreas de intervenção respectivas.



Os militares são equipados com uniforme ignifugo, capacete de sapador, óculos de protecção, luvas, lanterna, e equipamento para a construção de linhas e quebra fogos. Os meios rádio disponibilizados permitiam a ligação com os postos de vigilância, outras equipas de sapadores, pessoal técnico da DGRF, bem como com o Comandante Operacional no terreno.

As equipas de SEDFCI da BrigInt estiveram disponíveis 24 horas por dia, prontas a actuar em primeira intervenção nas frentes de fogos, até à chegada dos bombeiros, cuja responsabilidade lhes era transferida, podendo ou não permanecer no terreno de acordo com a evolução da situação. Para além das missões de combate a incêndio em Primeira Intervenção, executam missões diárias de reconhecimento diurno e nocturno aos perímetros florestais das áreas a defender, de vigilância de pontos considerados críticos e de dissuasão através da presença física e contacto permanente com a população.



Durante o período de empenhamento as equipas efectuaram várias intervenções, espelhadas na tabela inclusa, fora e dentro das áreas de interesse primário, terminando sempre com a extinção da frente de fogo, percorrendo um total de cerca de 90 000 quilómetros e consumindo um total de cerca de 15 000 litros de combustível.

### Plano LIRA

No âmbito do Plano LIRA o Exército apoia a estrutura da Protecção Civil na defesa da floresta contra incêndios, nomeadamente nas acções de

do na reabilitação de infra-estruturas danificadas pelos incêndios.

Durante o período de empenhamento em 2010, as Unidades da BrigInt (RI 13,14,19, RE 3 e RC 6) efectuaram um total de 28 intervenções, envolvendo 22 Oficiais, 116 Sargentos e 838 Praças, 37 viaturas pesadas, 33 médias, 32 ligeiras e 3 especiais, a este empenhamento correspondem 24 500 quilómetros percorridos e um consumo de 6 200 litros de combustível.

Para além dos empenhamentos no âmbito do Plano VULCANO e LIRA, os recursos humanos



rescaldo, vigilância activa pós-rescaldo e no apoio logístico às corporações de bombeiros, serviços florestais, e outros agentes de Protecção Civil mantendo efectivos prontos para intervenção nas Unidades de acordo com a fase de implementação do Plano LIRA.

O apoio logístico às Corporações de Bombeiros, Serviços Florestais, Serviços de Protecção Civil e outros elementos empenhados nas acções de combate a incêndios pode ser efectuado nas seguintes modalidades: apoio de alimentação, de transporte, em material diverso (aquartelamento, tendas de campanha, geradores, depósitos de água, etc.), abastecimento de água a populações carenciadas ou a unidades empenhadas no combate a incêndios, incluindo o abastecimento de água às aeronaves militares ou civis. Disponibilizando infra-estruturas do Exército para apoio de unidades terrestres ou aéreas de combate aos fogos, emprego de meios de Engenharia Militar em operações de rescaldo ou de combate indirecto a incêndios e defesa de aglomerados populacionais e cooperan-

e materiais do RAAA1 da Brigada de Intervenção, também foram empregues, no mesmo período, em patrulhamentos na Serra de Sintra, 4 militares e uma viatura táctica média, empenhando um efectivo total de 10 Sargentos e 30 Praças, 10 viaturas ligeiras, a que correspondem 10 000 quilómetros percorridos e 1 200 litros de combustível consumidos.

Assim, devido à sua postura e empenhamento as equipas SEDFCI e os militares da BrigInt, que actuaram no âmbito do Plano LIRA e nos patrulhamentos à Serra de Sintra, cumpriram de forma exemplar uma missão fora do seu âmbito normal de actividades, vindo a sua acção reconhecida e enaltecida pela DGRF e pela população civil, contribuindo deste modo para a valorização, dignificação e elevação da imagem dos Regimentos a que pertencem, da Brigada e do Exército junto da sociedade civil.

G3/BrigInt





## O OPEN DE GOLFE DA BRIGINT

### Da origem...

Alguns historiadores acreditam que há muitos séculos os Chineses jogavam um jogo muito parecido com o golfe – ninguém tem bem a certeza quando. Contudo sabe-se que se jogou golfe na Escócia na primeira metade do Séc. XV. O único facto seguro é que a primeira referência impressa ao golfe é de 1457, num decreto parlamentar emitido por Jaime II da Escócia. Este dizia que “o futebol e o golfe devem ser completamente desprezados e não devem ser praticados”.



No Exército e de uma forma oficial através do Clube de Golfe do Exército (CGE), tudo começou com o último despacho de S.Exa General Luis Manuel Valença Pinto no desempenho de funções de Chefe de Estado-Maior do Exército, datado de 30 de Novembro de 2006, que cria o Programa D. Afonso Henriques – Patrono do Exército, com a finalidade de promover e desenvolver actividades de natureza cultural, recreativa, desportiva e de ocupação de tempos livres, proporcionando aos militares e aos seus familiares momentos de convívio e de lazer.

Com o assumir de funções de S.Exa o General CEME, José Luís Pinto Ramalho, este projecto além de acarinhado foi dinamizado com um despacho que visa a criação de um clube numa estrutura mais consentânea no âmbito do Programa D. Afonso Henriques.

Com base neste despacho foi constituído na Conservatória do Registo Comercial do Porto no dia 25 de Novembro de 2008 o Clube de Golfe do Exército (CGE) - Associação sem fins lucrativos com Personalidade Jurídica.

### O Open da Brigint

Em 2008 o calendário competitivo do CGE contava com seis provas dispersas por todo o país: O II Troféu Atoleiros (BrigMec), I Torneio CTOE, II

Torneio RE3, VI Torneio RA5, I Torneio CMEFD e o III Torneio Exército.

O clube acabou de ganhar a primeira edição do I Torneio das Forças Armadas, que se disputou no percurso da Aroeira, na Charneca da Caparica, organizado pela Marinha e que reuniu uma centena de jogadores do Exército da Marinha e da Força Aérea.

O CGE participou pela primeira vez num torneio que teve a forma de um convívio golfista com os *Royal Marines*, que se encontravam de férias no nosso país no Campo de Golfe Ribagolfe.

É neste ambiente de grande actividade golfista que o Major-General José Alberto Martins Ferreira Comandante da Brigint inicia a sua aprendizagem no golfe e sente a necessidade de organizar uma competição composta por duas ou mais provas que promovesse o convívio entre os membros do clube e convidados e que proporcionasse maior competitividade e desenvolvesse a cultura organizacional do clube. Surge assim a intenção de organizar um *Open* entre as Unidades da Brigint. Para os golfistas o *Open* é simplesmente o mais antigo e o mais prestigiado torneio do desporto. Considerado por muitos como o melhor *Major*, o *Open* é mais “aberto” do que o *Masters* que tem restrições de jogadores.

Entendeu o Major-General José Alberto Martins Ferreira Comandante da Brigint que o *Open* desta Brigada seria composto por uma prova a realizar pelo RE 3 e outra pelo RI 14. Como o Comandante do RE 3, Cor Eng Hermínio Teodoro Maio já tinha planeado II Torneio RE3 só havia necessidade de marcar outra prova. O campo escolhido foi o campo de Montebelo em Viseu e a prova teve a designação I Torneio RI 14 que era comandado pelo Coronel de Infantaria Alfredo Carvalhão Tavares.

### A primeira prova – II Torneio RE3

O *Oporto Golf Club* (OGC) foi fundado em 1890 por ingleses radicados na cidade do Porto, é o mais antigo clube de golfe da Península Ibérica e um dos primeiros da Europa continental. Tem 120 anos de história ininterrupta de dedicação ao golfe e o único sócio de Mérito é o “Regimento de Engenharia de Espinho”

O OGC, recebeu no dia 9 de Maio de 2008 o II Torneio de Golfe do RE3, prova a contar para a Ordem de Mérito do Clube de Golfe do Exército e para o *Open* da Brigint.

O torneio contou com a presença de mais de cinco dezenas de jogadores (objectivo fixado pela organização) e teve como vencedores em *Gross* o Major General Dinis da Costa e em *Net* o Coronel José Matias.



Durante a prova alguns militares tiveram oportunidade de praticar esta modalidade desportiva e participar num torneio de *putts* - competição realizada no *green* (área de relva especial onde está situado o buraco).

No final foi efectuada a tradicional tómbola com oferta de diversos prémios. Foram oferecidos a todos os jogadores diversos roteiros da região e um "kit" muito útil para reparar os *greens* com um conjunto de bolas e *tees*.

A classificação final a seguinte:

- 1º lugar *Gross* – Major-General José Ribeirinha Costa;
- 1º lugar *Net* – Coronel José dos Santos Matias;
- 2º lugar *Net* – Tenente-coronel José Nogueira da Silva;
- 3º lugar *Net* – Coronel Óscar Megre Barbosa.

### I Torneio RI 14

O Golfe de Montebelo é um campo de montanha, com pano de fundo as serras da Estrela e do Caramulo. Conta com 27 buracos e uma área de 200 hectares entre uma grande vegetação. A beleza do campo de 27 buracos, alia-se à originalidade do traçado, desenhado por *Mark Stilwell* e *Malcolm Kenyon*, constituindo-se como um verdadeiro desafio para os amantes deste desporto, seja qual for o seu nível de competição.

A segunda prova do *Open* da BrigInt foi realizada no dia 8 de Junho de 2008 e contou com a presença de cerca de seis dezenas de jogadores. O seu principal impulsionador, o Comandante do RI 14 Coronel de Infantaria Alfredo Carvalhão Tavares, para além de ter conseguido umas condições excepcionais de preços do aluguer do campo também sorteou entre todos os participantes diversos prémios oferecidos pelos fornecedores.

Durante o torneio realizou-se um curso de iniciação ao golfe com uma dezena de participantes. Esta sensibilização ao golfe oferecida pelo RI 14 destinava-se a todos os militares e seus familiares.

O torneio contou com o apoio técnico do *Golf Club Atlântico* em virtude do CGE ainda não ter sido reconhecido pela Federação Portuguesa de Golfe como entidade organizadora de torneios.

Este torneio teve como vencedores: 1º *Gross* General Vasco Rocha Vieira, 1º *Net* Coronel Grave Pereira, 2º *Net* Coronel José Matias e 3º *Net* Major Joel Santos.

Os vencedores de acordo com o regulamento foram os jogadores que somaram mais pontos *Gross* e *Net* nas duas prova realizadas. O *Open* da BrigInt foi ganho em *Gross* pelo Major Joel Santos e em *Net* pelo Cor José Matias. Face ao grande sucesso obtido com este troféu o Major-General Martins Ferreira determinou na sua directiva de 2009 a realização do *Open* agora com a designação de **Open da BrigInt**. Para esta prova o calendário aprovado foi o seguinte: Dia 6 de Junho Torneio da Páscoa e 3 de Julho III Torneio do RE3.

### Torneio Páscoa

O primeiro torneio do I *Open* da BrigInt, decorreu em Viseu no dia 7 de Junho e contou com a presença de cerca de três dezenas de jogadores.

Durante a prova realizou-se um curso de iniciação ao golfe com uma dezena de militares e seus familiares. A classificação final foi a seguinte:

- 1º *Gross* Capitão António Joaquim Alegria, 1º *Net* General Vasco Rocha Vieira
- 2º *Net* Coronel José Matias e 3º *Net* Major Luis Sousa Lopes.

### III Torneio RE3

Nesta altura o CGE já começava a dar nas vistas no panorama golfista nacional. Ganhou o primeiro torneio das Forças Armadas e ficou com a responsabilidade de organizar o II Torneio das Forças Armadas e o campo e provas escolhidas foram o *Oporto Golf Club* e o III Torneio do RE3.

Foi por este motivo que todos os participantes do III Torneio do RE3, participaram no II Torneio das Forças Armadas e no I *Open* da BrigInt.





Nesta prova o CGE sagra-se pela segunda vez consecutiva o vencedor do II Troféu das Forças Armadas e os vencedores foram: *Gross* General Vasco Rocha Vieira em *Net*, 1º Class Coronel José Santos Matias, 2º Class Coronel João Ormonde Mendes e 3º Class Coronel Hermínio Teodoro Maio.

O I *Open* da Brig Int foi ganho em *Gross* pelo Major Joel Santos e em *Net* pelo Cor José Matias.

## II Open

Quando o Major-General José Carlos Filipe Antunes Calçada, assume o Comando da BrigInt dá continuidade a este evento e assume o compromisso de realizar em 2010 o II *Open* da BrigInt.

## IV Torneio RE 3

No dia 4 de Junho de 2009 realizou-se IV Torneio de Golfe do RE 3, prova a contar para a ordem de Mérito do CGE e para o II *Open* da BrigInt. Esta prova foi organizada pela terceira vez consecutiva pelo RE 3 sob o comando do Coronel Hermínio Maio. Os vencedores foram:

- 1º *Gross* Aspirante Miguel Santos;
- 1º *Net* Cor José Santos Matias;
- 2º *Net* Coronel João Ambrósio;
- 3º *Net* TCor Henrique Mateus.

## II Torneio RI 14

O II *Open* da BrigInt terminou no dia 5 de Junho em Viseu no campo de golfe Montebelo, recebeu a designação de II Torneio do RI 14, Regimento comandado pelo Coronel de Infantaria João da Cunha Porto. Esta ocasião acabou por ser um encontro de camaradas e amigos de longa data que se quiseram associar a este evento.

Um sucesso num dia perfeito. Sem vento e com temperatura a rondar os 28 °. O percurso encontra-se no seu melhor, muito exigente, perfeito para disputar uma final.

A entrega de prémios contou com a presença do Cmdt da BrigInt MGen José Antunes Calçada e do Cmdt do RI 14 Coronel João Porto que preferiram algumas palavras alusivas ao torneio. A entrega de prémios terminou com uma tómbola com ofertas dos patrocinadores.

## Vencedores:

- 1º *Gross* Tenente-Coronel José Nogueira da Silva,
- 1º *Net* Te-nente-Coronel Orlando Abreu,
- 2º *Net* Co-ronel João Ambrósio,
- 3º *Net* As-pirante Miguel Santos.

## Vencedores II Open BrigInt

Esta competição foi muito disputada e o resultado só ficou definido no segundo dia de prova. Em *Gross* o Aspirante Miguel Santos e em *Net* Coronel João Ambrósio foram os grandes vencedores do II *Open* da BrigInt.

## O Futuro

O *Open* da BrigInt tem já um espaço próprio no quadro competitivo do CGE, já muito preenchido com diversos torneios, permitindo a todos os participantes

jogarem um *Open* em dois campos com características muito diferentes. O *Oporto* um autêntico campo de *links* (construído em cima de dunas) e Montebelo-Viseu um campo de montanha com uma originalidade do traçado, constituindo-se como um verdadeiro desafio para os amantes deste desporto.

Ao fim de três anos de existência, o jovem *Open* da BrigInt é já uma competição de referência entre todos os golfistas que participam nas provas do Clube de Golfe do Exército. Para 2011 já está planeado o III *Open* da BrigInt com algumas novidades com datas e provas a confirmar no início do ano.

TCor Art Nogueira da Silva  
Vice-Presidente do CGE

## Bibliografia:

1. BERNARDES, Jaime. *Golfe Dicas e Segredos*, Arteplural, 2006
2. DataGolf, *Software de gestão 2009*
3. EDMUND, Nick, *Golf*, DorlingKindersley, 2005
4. PEARCE, Lee. *Golfer's Logbook*, A & C Black Publishers, London, 2008





## COMPETIÇÕES DESPORTIVAS MILITARES 2011

O Calendário Anual das Competições Desportivas Militares (CDM) para o ano de 2011, Fase Exército (III) e Fase Forças Armadas (IV) é o que se apresenta no seguinte quadro:

Modalidade	Fase III – Exército			Fase IV – Forças Armadas		
	Organização	Rn Prep	CDM	Organ	Rn Prep	CDM
Corta-Mato	CmdPess	261000OUT11 (CMEFD)	29/30NOV1 1	GNR	17NOV10	17-21JAN11
Duatlo BTT	CID/CMEFD	121000JAN11 (CID)	10/11FEV11	EXÉRCITO (CMEFD)	26JAN11	MAR11
Tiro Desportivo	CTC	121000JAN11 (CID)	14-18FEV11	FAP	26JAN11	21-25MAR11
Orientação	BrigInt	121000JAN11 (CID)	28FEV- 04MAR11	-	09FEV11	04-08ABR11
Futsal	BrigMec	141000SET11 (CMEFD)	26-30SET11	MARINHA	26SET11	21-25NOV11
Pentatlo Militar	RI 3	251000MAI11 (CMEFD)	27-30JUN11			

A Brigada de Intervenção foi escolhida para realização da CDM de Orientação do Exército – Fase III, de 28FEV11 a 04MAR11, tendo sido cometida ao RI13 a responsabilidade do seu planeamento e execução.





À luz do calendário da Fase III, a Brigada de Intervenção planeou as suas CDM da Fase II – Brigada para 2011 (Unidades organizadoras, datas e locais de realização dos estágios, bem como, a nomeação dos seleccionadores/treinadores para cada modalidade) de acordo com o expresso no quadro seguinte:

Modalidade	Fase II - Brigada			Estágio de Preparação Fase III		
	Org	RnPrep	CDM	Un	Data	Seleccionador / Treinador
Corta-mato	RI14	191100SET11 (RI14)	10 e 11NOV11	UnAp / BrigInt	21 a 25NOV11	Maj R. Rodrigues (Cmd BrigInt)
Duatlo BTT	UnAp / BrigInt	291030NOV10 (CMD BRIGINT)	20 e 21JAN11	UnAp / BrigInt	31JAN a 04FEV11	Maj Brás (UnAp / BrigInt)
Tiro	RI19		24 a 28JAN11	RC6	07 a 11FEV11	1Sarg Gonçalves (RC6)
Orientação	RI13		01 a 04FEV11	RI13	21 a 25FEV11	SAj Santos (RI13)
Futsal	RC6	291100JUN11 (RC6)	12 a 16SET11	RI14	19 a 23SET11	Alf Loureiro (RI14)
Pentatlo Militar	RE3	181100ABR11 (RE3)	16 a 20MAI11	RE3	13 a 17JUN11	1Sarg Nogueira (RI13)



A Brigada atribui anualmente o “Troféu da BrigInt” à Unidade melhor classificada no conjunto das CDM, que resulta das prestações obtidas pelas respectivas equipas na Fase II – Brigada. Em 2011 vão ser consideradas as seis modalidades enunciadas anteriormente, contando apenas as cinco melhores classificações para o resultado final.

O Exmo. MGen Comandante da BrigInt considera

que a participação na máxima força de todas as Unidades da BrigInt nas diversas modalidades conduzirá à obtenção de prestações honrosas e prestigiantes das Unidades e posteriormente da nossa Brigada, com o objectivo último de conquistar o “Troféu do Exército” no corrente ano.

*Maj Art Rui Rodrigues*



# Simbologia Heráldica, Hino e Grito da Brigada de Intervenção



## Heráldica

### Armas

- Escudo azul, uma fortaleza quadrangular de prata;
- Elmo militar, de prata, forrado a vermelho, a três quartos para a dextra;
- Correia de vermelho, perfilada a ouro;
- Paquife e virol de azul e prata;
- Timbre: Um sagitário representado por um centauro vermelho, carnado, de cascos plantados no chão, empunhando arco e flecha orientados para as estrelas;
- Divisa: Um listel branco ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir "QUE FAMA ILUSTRE FIQUE".

### Simbologia e Alusão das Peças

- A FORTALEZA, associada ao azul espacial, é uma alusão à missão da Brigada, significando a defesa directa do território e da fronteira do interesse nacional. A forma quadrangular da fortaleza, representa a estabilidade ancorada nos quatro cantos e o obstáculo frontal virado aos quatro pontos cardiais. Significa também a síntese dos quatro elementos da natureza: Água, Fogo, Terra e Ar. É uma alusão às tarefas da defesa firme, virada a todos os azimutes, e ao domínio necessário daqueles elementos para o seu cabal cumprimento;
- O SAGITÁRIO, símbolo do movimento, dos instintos nómadas, da independência e dos reflexos vivos é uma alusão às características qualificativas da Brigada: Ligeira e de Intervenção, e ainda ao facto de se tratar de uma Unidade Operacional, logo desprovida de territorialidade. Por outro lado, a FLECHA, pronta a voar, a que se associa o Sagitário, perfaz uma síntese dinâmica em alusão à progressiva transformação do Homem pelo conhecimento, de ser animal em ser espiritualizado;
- A DIVISA "QUE FAMA ILUSTRE FIQUE" (Luís Vaz de Camões VIII - 37) é uma referência honrosa do Grande Poeta ao Infante D. Pedro, Duque de Coimbra (1392 - 1449), patrono da Brigada Ligeira de Intervenção. Na singeleza das exactas palavras reside motivação bastante e permanente deste Corpo de Tropas.

### Os Esmaltes Significam

- O OURO: Fortaleza de ânimo, vigor, nobreza;
- A PRATA: boa fé, franqueza, rectidão no procedimento;
- O VERMELHO: bravura, ardil, atrevimento;
- O AZUL: imaterialidade, sonho e pureza.

## Hino

*A Brigada de Intervenção  
Com seus gloriosos Agrupamentos  
Demonstra em cada missão  
Seus nobres sentimentos*

*Sempre ativos e confiantes  
Sabedores da sua coesão  
Marcham por campos distantes  
Ao serviço da nação*

*Com pureza e lealdade  
Uma generosidade sem igual  
Lutam todos por uma verdade  
Com destino Portugal*

*Com atrevimento e rigor  
Franqueza garbo e rectidão  
Todos caminham com vigor  
Na Brigada de Intervenção*

*(refrão) [bis]*

*Na Brigada de Intervenção  
Um lema se canta em repique  
Ostentando o seu brasão  
"Que fama ilustre fique"*

## Grito

"Fama ilustre" ..... "Temos!"

"E para sempre" ..... "Fique!"

Celebron, Celeron Inside, Centrino, Centrino Inside, Core Inside, Intel, Logotipo Intel Inside, Intel Atom, Intel Atom Inside, Intel Core, Intel Inside, Logotipo Intel Inside, Intel vPro, Itanium, Itanium Inside, Pentium, Pentium Inside, vPro Insider, Xeon, e Xeon Inside são marcas registradas da Intel Corporation nos Estados Unidos e em outros países. Mais informações sobre a classificação dos processadores Intel estão disponíveis no site [www.intel.com/portugues/gov/rating](http://www.intel.com/portugues/gov/rating).

# VAI REVOLUCIONAR O SEU CONCEITO DE PERFORMANCE!



Mais rápido  
e inteligente



Classificação  
do processador



© DEPT. MKT - JPSC



PORTUGAL. A MINHA  
PRIMEIRA ESCOLHA.

## RUNNER W76-455

O novo Tsunami® Runner W76-455 vai dar uma volta de 180 graus no seu conceito de performance. Equipado com a mais recente tecnologia de processador Intel® Core™ i5, ecrã LED de 15.6" HD e uma placa gráfica ATI® Radeon dedicada de última geração e ligação HDMI ver filmes em alta-definição ou jogar os jogos mais recentes não vai ser problema. O entretenimento é garantido. Mas se o PC é para si acima de tudo uma ferramenta de trabalho indispensável, então o Runner W76-455 não deixa os créditos por mãos alheias com conectividade de excelência, seja por Wireless, UMTS 3.75G ou Bluetooth e já com o Microsoft® Office Starter 2010 (Word Starter e Excel Starter) para que possa trabalhar onde quer que esteja. Divertimento ou trabalho? Você decide, o Tsunami® Runner W76-455 não tem preferência.

Windows® 7 Home Premium 64bits

Processador Intel® Core™ i5-450M (3MB, 2.4 GHz)

Disco 500GB SATA | 4GB DDR3 1066 | DVD RW DUAL SATA

TFT LED de 15.6" Wide HD (1366 x 768) | VGA ATI Radeon HD 5470 1GB DDR3

LAN Gigabit | Wireless 802.11b/g/n | Bluetooth 2.0

Conector UMTS/HSPA 3.75G (modem não incluído)

3 USB | 1 eSATA | 1 HDMI | Webcam 1.3Mpx | Leitor de cartões 7-em-1

### SOFTWARE INCLUÍDO

Microsoft Office Starter 2010 (Word Starter e Excel Starter);

Microsoft Windows Live Essentials

Microsoft Silverlight

Antivirus Microsoft Security Essentials

# 799€ IVA INCLUÍDO

Saiba mais em [www.tsunami.pt](http://www.tsunami.pt). O preço apresentado pode ser alterado sem aviso prévio.



SIGA-NOS NO  
FACEBOOK



**EXÉRCITO**

**FORÇA BLINDADA DE RODAS**